

A FEMINILIDADE CONSCIENTE

entrevistas
com Marion Woodman



A FEMINILIDADE CONSCIENTE

Entrevistas com
Marion Woodman



Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Woodman, Marlon

A feminilidade consciente: entrevistas com Marlon Woodman / tradução de Maria
Silvia Mourão Netto. — São Paulo : Paulus, 2003.

Título original: Conscious femininity :
Interviews with Marlon Woodman
ISBN 85-349-1882-1

1. Feminilidade (Psicologia) 2. Mulheres — Psicologia 3. Mulheres psicanalistas
— Entrevistas 4. Psicanálise — Entrevistas 5. Woodman, Marion
— Entrevistas I. Título.

CDD-155.633

01-4401

Índices para catálogo sistemático:

1. Feminilidade : Psicologia feminina 155.633

Coleção AMOR E PSIQUIE dirigida por
Dr. Léon Bonaventure, Pe. Ivo Storniolo,
Dra. Maria Elci Spaccaquerche

Título original

Conscious Femininity: Interviews with Marlon Woodman
© 1993 Marlon Woodman e Daryl Sharp
ISBN 0-919123-59-7

Tradução

Maria Silvia Mourão Netto

Papel

Chamois Fine Dunas 70g/m²

Impressão e acabamento

PAULUS

© PAULUS – 2003

Rua Francisco Cruz, 229 • 04117-091 São Paulo (Brasil)

Fax (11) 5579-3627 • Tel. (11) 5084-3066

www.paulus.com.br • editorial@paulus.com.br

ISBN 85-349-1882-1

INTRODUÇÃO À COLEÇÃO AMOR E PSIQUE

Na busca de sua alma e do sentido de sua vida, o homem descobriu novos caminhos que o levam para a sua interioridade: o seu próprio espaço interior torna-se um lugar novo de experiência. Os viajantes destes caminhos nos revelam que somente o amor é capaz de gerar a alma, mas também o amor precisa de alma. Assim, em lugar de buscar causas, explicações psicopatológicas às nossas feridas e aos nossos sofrimentos, precisamos, em primeiro lugar, amar a nossa alma, assim como ela é. Deste modo é que poderemos reconhecer que estas feridas e estes sofrimentos nasceram de uma falta de amor. Por outro lado, revelam-nos que a alma se orienta para um centro pessoal e transpessoal, para a nossa unidade e a realização de nossa totalidade. Assim a nossa própria vida carrega em si um sentido, o de restaurar a nossa unidade primeira.

Finalmente, não é o espiritual que aparece primeiro, mas o psíquico, e depois o espiritual. É a partir do olhar do imo espiritual interior que a alma toma seu sentido, o que significa que a psicologia pode de novo estender a mão para a teologia.

Esta perspectiva psicológica nova é fruto do esforço para libertar a alma da dominação da psicopatologia, do espírito analítico e do psicologismo, para que volte a si

mesma, à sua própria originalidade. Ela nasceu de reflexões durante a prática psicoterápica, e está começando a renovar o modelo e a finalidade da psicoterapia. É uma nova visão do homem na sua existência cotidiana, do seu tempo, e dentro de seu contexto cultural, abrindo dimensões diferentes de nossa existência para podermos reencontrar a nossa alma. Ela poderá alimentar todos aqueles que são sensíveis à necessidade de inserir mais alma em todas as atividades humanas.

A finalidade da presente coleção é precisamente restituir a alma a si mesma e “ver aparecer uma geração de sacerdotes capazes de entender novamente a linguagem da alma”, como C. G. Jung o desejava.

Léon Bonaventure

INTRODUÇÃO

A leitura das provas deste texto desencadeou calafrios de alarme em meu plexo solar. Imagino que estou em pé, no centro de quinze espelhos dispostos em círculo. Olho em um deles. Viro. Estou olhando de novo para mim, de outro ângulo. Alguns ângulos são melhores que outros; há alguns que prefiro não ver. Preciso continuar respirando bem fundo para testar a validade da imagem no espelho.

Fico estupefata com algumas das declarações que fiz há seis anos. Vistas agora, parecem tão taxativas, tão definitivas. A experiência tem-me ensinado as sutilezas inerentes em sua simplicidade, propiciando-me elaborar questões mais profundas e obter menos respostas. Felizmente, nunca paro de fazer perguntas e, embora vários temas recorram nestas discussões que se entrelaçam, cada vez que reaparecem ressoam com novas modulações. A mulher que fala “Em seus próprios termos”, em 1992, habita espaços de sua psique desconhecidos da mulher entrevistada em 1985 para *The Tarrytown Letter*. Mas, embora meu domicílio psíquico tenha se expandido para cima, para baixo, para trás e adiante, seu cerne permanece o mesmo.

Continuo indagando: “O que é a feminilidade consciente?” Como todas as perguntas de minha vida, não posso saber o significado dessa indagação enquanto não hou-

ver encontrado a resposta. Não posso conhecer Sofia, a natureza feminina de Deus, até haver experimentado seu amor irradiando em minhas células. Não posso vivenciar essa irradiação enquanto não amar a realidade de minhas células, uma realidade que está constantemente se renovando em suas mortes e renascimentos. Assim como tampouco posso amar a realidade de minhas células enquanto não as houver conhecido, sentido sua angústia, ouvido seu ronronar, visto com a ponta de meus dedos, com meus ouvidos e olhos. E percebido sua dança de morte e ressurreição no fogo de minha imaginação. Tudo aquilo que não é essência está sendo incinerado. A questão continua viva. Toda vez que tento responder a ela, respondo a partir do ponto em que me situo. Uma coisa sei ao certo. A resposta formula a pergunta. Enquanto me mantiver fazendo a pergunta, sei que a resposta existe, e que luta para falar de uma maneira que eu finalmente consiga entender.

Uma outra coisa que sei é que a palavra escrita não consegue capturar a totalidade-em-fluxo do feminino consciente. Minha mente esforça-se para organizar as palavras exatas que esclareçam minhas idéias, como se pudesse reduzir imobilidade à movimentação delas. Meu coração almeja conter o júbilo dionisíaco que às vezes ameaça invadir a minha prosa. Nesse ínterim, meu corpo observa em silêncio, assimilando as teorizações com um grão de sal de Sofia. Ele sabe que seu momento virá. Seu palhaço de cabelos encaracolados irá espontaneamente explodir numa bengala ou num xiste. Ele adora brincar, refestelando-se com qualquer coisa que brote em sua imaginação nesse momento. Às vezes torna-se uma cigana ardente. Pode irromper na sociedade convencional e, por simplesmente ser quem é, virar a situação de ponta cabeça. Como percebe o conjunto das coisas, as assim chamadas luz e escuridão, ela absorve ambas.

Lembro-me de uma ocasião em que fiquei diante da profundidade de Sofia, enquanto trocava as calças compridas que usara no *workshop* pelo vestido para dar palestra, num vestiário escuro de uma igreja em Malibu. De repente, vi-me nua sob o refletor de uma luz de vigia. Ao mesmo tempo, vi-me no púlpito, no andar de cima, pontificando, e, no andar de baixo, despida e descalça como qualquer pobre animal de cascos. Meu ventre sacudiu-se todo numa gargalhada de Buda. As imagens em minha mente e coração tornaram-se realizadas na unidade da reação de meu corpo.

Para a consciência feminina, o espiritual e o físico são dois aspectos de uma única totalidade. O espírito confirma o corpo, articula a sabedoria corporal. O espírito é imediato e factual, não algo a que se chega, como em Platão, por meio de uma ascensão dialética. “Tal como acima, abaixo” traduz-se em “tal como na cabeça, no ventre”; ambos estão simultaneamente presentes, não em oposição dialógica. O paradoxo desta presença simultânea — o plexo solar na cabeça e a cabeça no plexo solar — resiste à lógica da prosa, e requer os saltos elípticos da poesia que as metáforas tentam abranger. Em minha introdução ao livro *A virgem grávida*, denominei esse paradoxo de “conjunções batráquias”, pensando em sapos saltando entre os nenúfares, de folha em folha.

A metáfora é a linguagem da alma. Por meio de uma imagem física, a metáfora revela uma verdade ou condição espiritual. Veja, por exemplo, esta sentença de um zen: “Esconda-se no meio das chamas”. Vemos a imagem e, se entendermos mesmo que minimamente de metáforas, não zombamos dizendo: “Quem seria idiota o bastante para se esconder no meio do fogo”. Ao contrário, entendemos que estamos sendo desafiados a pôr em risco toda a nossa paixão pela vida; então, nossas células gritam. Da mesma forma como as metáforas abrangem cor-

po e espírito, quando uso o termo alma, portanto, estou me referindo ao ponto de encontro entre espírito e corpo, àquela parte eterna em nós que vive no corpo enquanto estamos na Terra. Tanto em homens como em mulheres, a alma, tradicionalmente, feminina.

Na palestra, como em qualquer outra ocasião — até mesmo aqui, em minha escrivaninha, presenciando um evento espiritual e físico agora, são 6:43, no nascer do sol — não posso articular repetidamente em cada uma das imagens o paradoxo intrínseco do espírito como corpo. A menos que, talvez como Eva no Paraíso, um pouco antes da Expulsão, eu possa escolher dar as minhas palestras naquela mesma condição em que a luz de vigia me surpreendeu. Por mais disfarçado que esteja, o feminino sempre está nu no sentido de “ver através” para poder revelar. Apocalipse significa retirar os véus.

Ao reler estas entrevistas, dou-me conta de que, em determinadas oportunidades, fui exageradamente otimista. Invisto esperança demais em acontecimentos externos como a queda do Muro de Berlim, a dissolução da USSR, a revolta contra as ditaduras patriarcais no Leste europeu. Subestimei a cega tenacidade com a qual o patriarcado aferra-se, a qualquer custo, ao seu poder obsoleto. Stalin estava preparado para levar o expurgo até o limite da extinção. Hitler estava pronto para destruir o globo ao invés de vê-lo livre de seu jugo. O que começara como uma motivação neurótica para o poder, ao se ver ameaçada de derrota, tornou-se psicose. Enxergamos evidências desse comportamento no mundo de hoje nas guerras civis e internacionais. Vemo-las também em pessoas.

Os patriarcas, tanto homens como mulheres, não têm noção da feminilidade consciente e estão presos a um padrão energético que cega seus olhos e ensurdece seus ouvidos à sua própria fúria assassina inconsciente. Eles acreditam que têm sentimentos femininos, mas sua cega

devoção à Grande Mãe, sob qualquer forma — Estado, igreja, corporação, universidade — interceptou sua conexão com os valores de sua própria alma. Essa falta de conexão anímica resulta em projeções inconscientes que podem alcançar uma intensidade diabólica. A raiva rapidamente ferve e se torna cólera; a desconfiança atinge o nível do desprezo. As pessoas cujos egos são espancados e aturdidos pelo caos das estruturas em franco colapso podem prontamente sucumbir ao domínio de forças inconscientes. Embora eu ainda tenha fé no propósito divino, a percepção tanto das profundas extensões de inconsciência que precisam ser superadas como da espécie de força interior necessária a fazer frente àquelas deixam-me cada vez mais compenetrada. Não é realmente inconcebível que, em 1992, tenhamos com tanta tenacidade nos apegado a uma ordem social que, na verdade, está pondo em prática sua própria extinção?

Enquanto leio cada uma das entrevistas seguintes, ouço alguns de meus leitores dizendo: “Por que perder tempo com meus sonhos quando estou correndo o risco de perder o emprego? Por que permitir-me ler sobre a alma quando meu casamento está por um fio? Por que dar-me ao incômodo de refletir sobre a morte quando mal consigo dar conta da hipoteca?”

O ponto é que a perda da ligação com a nossa alma, a perda da ligação com a nossa feminilidade, pode ser a causa real de nossa angustiada situação de vida. Se não temos ponte que nos leve até as profundezas do inconsciente que nos impulsionam a agir, nossas tentativas racionais de retificar a situação em que nos encontramos são pífios paliativos. Só funcionam enquanto mantemos distância do fogo vivo que arde em nosso íntimo. Quando essas chamas explodem à tona, nossos *band-aids* são incinerados.

Se não refletimos sobre nosso mundo interior, sucumbimos a generalizações superficiais. Decorre disso que o

patriarcado é confundido com masculinidade, a feminilidade é defendida com aqueles mesmos recursos patriarcais de força e poder que ela tão ardorosamente menospreza, e que a consciência corporal é confundida com uma espécie de trabalho de musculação totalmente surdo às mensagens que o corpo emite. As generalizações petrificam-se em fixações que não conseguem se transformar, enquanto nós nos mantivermos fixados em nossa recusa a ver, sonâmbulos pela vida afora. Somos sonâmbulos quando não damos ouvidos aos anseios de nossa alma, quando não denunciamos expressamente uma mentira, quando ignoramos a paixão que sufoca dentro de nossos vulcões interiores.

No *Livro Tibetano dos Mortos*, os que entram no Bar do devem primeiro ser persuadidos de que estão mortos. T. S. Eliot, em *The Waste Land* (1992) expõe uma sociedade vazia vivendo num deserto sem água. Samuel Beckett em *Endgame* (1958) cria um reino de oito-por-oito governado por um patriarca cego que abusa de seu escravo dependente, embora saibam ambos que são dependentes um do outro para sua sobrevivência. Essa é uma situação de impasse. A única esperança de redenção, em cada caso, encontra-se na consciência capaz de enxergar a situação. Sem esse observador objetivo, e sem o desejo de estabelecer uma ligação com a dinâmica interior, não pode haver nem uma feminilidade consciente nem uma masculinidade consciente. Simplesmente não existe maneira de fazer a ponte entre o interior e o exterior.

Mais de uma vez, nas entrevistas, faço menção ao Memorial à Guerra do Vietnam projetado por Maya Lin. No curto espaço de dez anos decorridos desde sua inauguração, tornou-se um dos mais reverenciados ícones na América. É incessantemente tocado por dedos humanos que deslizam letra por letra sobre os 58.183 nomes nele incrustados. (Lembro-me dos ícones russos de Sofia que,

em período anterior, receberam as mesmas mostras de amor.) Mão humanas que tocam o granito negro brilhante, dedos que retraçam letra por letra um nome amado — eis o Verbo tornado carne. Aqui também a natureza está se tornando matéria consciente ou o feminino consciente. Para mim, a corporificação dessa consciência não conhece nenhuma outra maneira mais pungente do que esse gesto da mão humana que acaricia o nome amado, resuscitando para uma nova vida, para uma nova dimensão da consciência, aquilo que foi sacrificado na antiga ordem. Nunca antes habitamos esse espaço.

Comentando a respeito de uma mandala cujo centro fora deixado vazio, Jung disse que seu centro estava na nova era — nessa em que entramos agora. Somos o centro de observação da mandala que agora revolve dentro da consciência humana, enquanto a consciência se expande para abranger o globo. O globo é uma mandala cujo centro somos nós, cujo centro é a consciência que trazemos até ele. Nossa consciência é o percebedor que pode mudar o percebido.

É desnecessário dizer que o “nós” no centro da mandala global não é o ego patriarcal não redimido que vem regendo o planeta desde sua descoberta humana como um globo. O “nós” que virá um dia a viver no centro dessa mandala será tanto masculino como feminino, unido numa parceria entre iguais. Essa união transcende os gêneros, mas sem negá-los; gênero é a manifestação diferenciada da unicidade que o transcende. Designar o “nós” que está no centro como “andrógino” — com todas as suas associações primitivas — é inadequado diante daquilo em que nós, na qualidade de seres conscientes e cidadãs do mundo, estamos nos tornando. Um melhor entendimento desse “nós” talvez esteja na idéia da identidade humana que alcança sua dimensão consciente por intermédio do reconhecimento do que lhe é estranho, não no sentido

de alheio, mas no de instrumento do reconhecimento. O feminino é o instrumento de reconhecimento do masculino, assim como o masculino é o instrumento de reconhecimento do feminino. Um está presente no outro como instrumento da própria consciência.

As entrevistas a seguir destinam-se a promover a emergência dessa espécie de consciência tanto em homens como em mulheres. Deus e Deusa, sendo perenemente descobertos por meio do trabalho dos indivíduos, unem-nos todos em uma comunidade global que somente agora estamos começando a descobrir.

Marion Woodman

Toronto

AGRADECIMENTOS

Foram envidados todos os esforços possíveis no sentido de obter junto aos detentores dos direitos autorais as permissões de reprodução das entrevistas e artigos usados neste livro. Marion Woodman e Inner City Books são gratos por todas as autorizações concedidas.

As fontes e os entrevistadores originais estão indicados em notas de rodapé. Devido a considerações editoriais, as entrevistas podem não aparecer aqui tais como foram originalmente publicadas.

ANOREXIA, BULIMIA E VÍCIO*

Disse a artista Martha Graham, certa feita: "O corpo não mente". Na qualidade de a mais destacada dançarina e coreógrafa da América, depois de noventa anos de movimento, ela conhece a riqueza de expressões do corpo. Mas nós deveríamos conhecê-las. Na verdade, quanto mais atentarmos para nossas dores e aflições, mais ficaremos espantados com as dolorosas verdades que estão tentando nos transmitir.

Nos últimos seis anos, a analista Marion Woodman, radicada em Toronto, vem investigando algumas das mais intratáveis de nossas doenças modernas, do alcoolismo à anorexia. Recentemente, ela comentou para Tarrytown o que essas destrutivas doenças têm a dizer a respeito de nossa maneira perigosamente descorporificada de viver.

Tarrytown: Por que estamos assistindo hoje a esse estonteante aumento no número de distúrbios alimentares?

Woodman: Anorexia e bulimia são mais comuns porque as mulheres estão mais distantes que nunca de seu corpo. Essa distância instiga uma ira íntima profunda, que vai se acumulando de geração em geração.

*Reproduzido de *The Tarrytown Letter*, nº 54 (dez. 1985/jan. 1986). A entrevista foi realizada por Sally Van Wagenen Keil.

Não obstante, acredito que doenças como anorexia, longe de serem malignas, são meios de cura em escala mais larga contanto que compreendamos sua mensagem.

O alimento representa a nutrição providenciada pela mãe, e quando a rejeitamos, como a anoréxica, estamos rejeitando a própria vida. Hoje as mulheres estão sendo forçadas a lidar com seu próprio desejo de morte, que é precisamente o que devemos fazer em escala mundial. A verdade é que estamos nos encaminhando para a aniquilação porque nossa cultura não respeita a terra nem a criatividade feminina.

As jovens mulheres anoréxicas são, de fato, mais felizes que as obesas, porque se colocam diante de seu desejo de morrer. As obesas podem ficar brincando com as advertências do corpo geralmente até o advento da menopausa. Então, tornam-se prisioneiras de um corpo que é uma couraça e paralisam-se no desespero de uma vida não vivida.

T: De que modo a rejeição de nosso corpo está relacionada com a rejeição do feminino?

W: A matéria é feminina. Nesse nível, o corpo dos homens é a corporificação do feminino da mesma maneira que o é para as mulheres. O extraordinário é que a matéria está se tornando consciente. Para as mulheres, existe uma constatação angustiante: "Odeio este corpo!" Para os homens ele vem à tona no grito: "Dói!"

A matéria está forçando muitas pessoas a tomar consciência de sua natureza sagrada. De modo que somos acossados pelo flagelo dessas doenças como mensagens dos deuses.

T: O que podemos aprender com os distúrbios alimentares?

W: A anorexia e a bulimia dizem-nos que nossa alma está morrendo à míngua. E também que nosso corpo tornou por demais cerebral. Essas pessoas estão seccionadas ao nível do pescoço. As vidas que tiveram foram *performances*. Não há ego no centro do corpo, não há um “eu” que sinta e perceba o que se passa dentro. Com isso, queixam-se de que não *vivem* a vida.

As pessoas viciadas em comida — ou mesmo em álcool e drogas — estão aterrorizadas diante do corpo e da realidade. Sua vida toda pode ser uma máscara que usam para lidar com o mundo externo. Em vez de agir movidas por seus próprios valores afetivos, sua primeira reação é: “Como é que, nesta situação, consigo agradar?”

Também são viciadas em controle e perfeccionismo. Tentam ser super-eficientes todos os dias, mas depois vão para casa e o inferno desaba com toda a sua força em orgias gastronômicas, festas, bebedeiras ou outros rituais demoníacos. Esse vício do perfeccionismo é um grande problema em nossa cultura.

T: Como é que esse vício se disfarça para aparecer?

W: Se você pensa que tem de ser o filho ou filha perfeita, vai empenhar-se incansavelmente para atingir tal objetivo. Na verdade, esse é um desejo de morte, não de vida. Significa tornar a vida uma estrutura inerte e perfeita.

A vontade pode conseguir manter essas pessoas em movimento por muito tempo, se elas conseguirem correr rápido o bastante e seu corpo for forte o bastante. Mas, finalmente, o corpo entra em colapso de tanta fadiga, pois o princípio do poder mata a vida.

T: Quando é que as pessoas a procuram pedindo ajuda?

W: Em geral, não antes de entrarem em desespero e finalmente terem de dar ouvidos a sua doença. Nesse pon-

to, o corpo leva uma vida aparentemente independente. Quando o corpo adoece, essas pessoas sentem-se vitimadas por seus sintomas.

A verdade é que estão famintas e sedentas por uma vida interior. Na realidade, distúrbios alimentares costumam ter muito pouco a ver com o número de calorias ingeridas. Muitas mulheres gordas, por exemplo, comem menos do que as magras. O problema pode ser que a energia bloqueada vira gordura. Em terapia, nós tentamos descobrir por quê.

T: O que bloqueia a vida, em geral?

W: Um medo e uma ira profundos e inconscientes, que remontam ao primeiro ano de vida. Como as mães não puderam se amar enquanto seres femininos completos, não puderam amar-nos como seres femininos. Nosso medo, portanto, é arquetípico, monstruoso.

Temos uma poderosa sensação de algo interno que está expurgado, abandonado. Trata-se de nosso próprio eu, de nossa própria alma.

T: Então nosso corpo é como uma criança abandonada?

W: Exatamente. Esse abandono pode remontar até a um período anterior ao nascimento, chegando àquela fase da vida em que vivemos dentro do útero. É comum verificar-se que as crianças cujas mães tentaram abortá-las são traumatizadas pelo medo de virem a ser aniquiladas.

Esse aborto, no entanto, também pode ser figurativo. Um pai ou mãe pode "amar" o filho, mas dentro de determinadas condições.

A mãe que fica tentando moldar seu filho para que se torne uma obra de arte não é capaz de aceitar o lado instintivo da criança — seus aspectos orgânicos, vomi-

tar, urinar — porque não consegue aceitar o seu próprio corpo. Dessa maneira, a criança é separada de seu corpo.

T: De que maneiras as pessoas lidam com a rejeição?

W: A comida simboliza a Mãe. A pessoa bulímica quer Mãe de maneira tão desesperada que simplesmente soca tudo garganta abaixo. Mas no instante em que as coisas estão em seu estômago, ela não consegue assimilá-las, de modo que vomita. A anoréxica recusa e rejeita a Mãe até ser consumida por sua própria falta de nutrição interior.

O corpo é como uma metáfora elaborada. Podemos ser capazes de saborear, mas não de engolir, como a anoréxica, ou de engolir e não assimilar, como a bulímica ou a obesa.

T: Como é que você age, a partir de então?

W: É preciso chegar ao significado do estar à mingua — entendendo do que a alma sente fome — e então poder alimentá-la.

Uma pessoa viciada tenta preencher um terrível vazio interior. Trata-se, porém, de um vazio espiritual, não físico. Os sonhos nos dão imagens que podem alimentar a alma. Realmente acho provável que o corpo se manifeste em cada sonho, se você entendê-lo tanto física quanto psicologicamente. Se uma pessoa sonha que uma parte de sua casa está em chamas, isso pode significar que houve um curto-circuito energético, em algum ponto. Existe um excesso de energia em uma parte da psique, e insuficiência energética em outra. Ao se considerar essa imagem onírica, pode-se entender que a energia está sendo contida e bloqueada, e que não está disponível à consciência. Disso decorre a depressão.

O sonho pode lhe dizer com exatidão qual o problema e até mesmo onde se localiza no corpo, meses antes de um médico diagnosticá-lo. Em geral, a imagem não vem como uma figura corporal, mas como um símbolo — carro, casa, árvore.

Freqüentemente, a alma se manifesta como uma planta ou árvore quebrada ou, de alguma maneira, em perigo.

T: Como é que você trabalha com os sonhos?

W: Primeiro, identificamos uma imagem onírica positiva e depois enviamos-a ao corpo, por meio da imaginação. Por exemplo, uma mulher sonha com uma linda flor. Peço que ela imagine essa flor dentro de seu corpo — em alguma parte que ela sinta ser “escura”, normalmente o útero ou o aparelho reprodutor. Quando ela o faz, está gerando energia nessa área.

No início é possível que isso a deixe enjoada. Se ela nunca tomou consciência dessa região de seu corpo, pode tratar-se de um aporte muito grande de energia. Talvez ela se sinta nauseada ou tonta. Contudo, esse transtorno desaparece assim que ela reconhece que seu corpo a está conduzindo através de uma profunda iniciação. Está a levá-la até seu próprio trilho individual na vida.

T: Esta é uma forma inteiramente nova de trabalhar?

W: Inteiramente, não. Os sábios orientais conheciam a relação dos símbolos com o corpo. Pode-se percebê-lo em sua descrição dos chacras. Mas, em nossa cultura, existe uma deficiência de imaginação. Confundimos alimento espiritual ou anímico com alimento concreto, material. Em decorrência disso, a alma fica à míngua e o corpo é abandonado. Também não nos abastecemos com imagens que sejam saudáveis. As imagens de guerra e violência que ve-

mos na televisão são, de fato, destrutivas para a alma. Mas, o que é ainda mais fundamental, a alma não está sendo alimentada porque as pessoas não podem receber.

T: De modo que perdemos a sensação de comunhão entre o corpo e a alma?

W: Sim. Para mim, o trabalho corporal é um trabalho com a alma, e a imaginação é a chave que conecta os dois. Para ter poder de cura, a imagem deve ser levada para dentro do corpo, pela respiração. Depois, ela pode conectar-se com a força vital, e as coisas podem mudar, tanto física como psicologicamente. Pode aparecer um homem para fazer terapia, dizendo: "Não consigo chorar". Não obstante, se eu lhe pedir que inspire um símbolo de seu sofrimento, as lágrimas começarão a rolar. Uma mulher pode dizer: "Não consigo expressar a minha raiva". Mas, se eu lhe pedir que coloque essa raiva numa imagem e que a inspire, então, em poucas sessões, ela poderá estar vivenciando acessos incontroláveis de raiva. Por isso é importante que esse trabalho seja feito junto com alguém. Pode ser aterrorizante fazê-lo por conta própria.

A maioria das pessoas mantêm-se respirando tão superficialmente quanto possível porque a irrupção de sentimentos é intensa demais quando inspiramos profundamente. A respiração é muito importante porque se trata de uma maneira de receber, o que é justamente o princípio feminino encarnado.

T: Nosso medo da rejeição está relacionado com a nossa respiração?

W: Sim. Por exemplo, se uma pessoa tem um intenso complexo de mãe negativa, isso geralmente se manifesta numa garganta contraída, em nariz entupido, num problema de sinusite, asma e todas as espécies de dificuldades.

Às vezes, no trabalho corporal, o muco começa a vazar — escoando em fios pelos olhos, nariz e boca — quando o complexo está começando a se soltar! Freqüentemente, isso sinaliza o final de uma asma e de outras doenças cor- relatas.

Essas pessoas costumam não conseguir abrir-lhe o peito se você se oferecer para abraçá-las. Elas formam um arco com o tronco. Mas, quando começam a confiar, seu corpo começa a se soltar e elas tornam-se capazes de um abraço completo.

Não obstante, assim que você soluciona estes problemas, geralmente defronta-se com outros. Toda a área vaginal está relacionada com a garganta e a respiração. Sendo assim, se você descarrega alguma coisa em cima, também aciona a energia na outra extremidade. É quando você começa a lidar com um problema de teor sexual.

T: Você poderia nos dizer como é?

W: As mulheres podem perceber que estão tendo problemas vaginais quando estão num relacionamento incestuoso. O corpo pode dizer: "Tire-o daqui! Quero um homem adulto para parceiro. Não quero mais brincar de menininha com meu filho-pai". O corpo reconhece a verdade do relacionamento antes que a psique o faça. Ele a fará mover-se rumo a um novo nível se você lhe der ouvidos.

T: O que isso nos informa a respeito de honrar a sexualidade de uma mulher?

W: A sexualidade ficará aleijada se a mãe não aprender a amar o corpo de sua filhinha. Quando esta crescer, pode querer que o homem seja mãe. Ann Landers perguntou a suas leitoras se elas preferiam fazer amor ou ser abraçadas. Setenta por cento das que responderam disseram que queriam ser aconchegadas por seus maridos. Mas

quando o homem precisa ser tanto mãe quanto amante, ele fica emasculado.

Enquanto isso, os homens tampouco são mais maduros. Uma plena sexualidade é muito rara em nossa cultura. A maioria de nós é composta por garotinhos e garotinhas que circulam a esmo pelas relações, tentando se retirar de vínculos incestuosos com mamãe e papai. Por quê? Porque não temos nenhum contato real com o feminino.

T: Que sinais dessa privação você localiza?

W: A necessidade do reconhecimento feminino do corpo irrompe em sonhos lésbicos. Quando o corpo feminino não foi amado por uma mulher — a mãe — a psique tenta preencher essa lacuna. Geralmente tais sonhos envolvem a analista que está servindo como figura materna.

Assim que o corpo sentir confiança no amor da mãe — em sonhos ou em experiências de vida — pode abdicar de suas defesas inconscientes. Então, pode se encaminhar para um novo nível de sexualidade, quer em relacionamentos homossexuais, quer heterossexuais.

T: Estaria nosso corpo tentando ensinar-nos a viver como mulheres?

W: Certamente que sim. Considere a síndrome pré-menstrual, por exemplo. Muitas mulheres percebem que seu corpo fica inchado de água. Se considerar esse processo pelo prisma simbólico, verá que o corpo está se enchendo com conteúdos inconscientes. Antigamente, as mulheres recolhiam-se às cabanas de menstruação, voltavam sua atenção para seu interior, permaneciam em contato com o inconsciente, davam ouvidos ao corpo e depois voltavam, levando esses ensinamentos para a tribo. Em nossa cultura, no entanto, não existe um tempo dedicado a esse período, não se lhe dedica o menor respeito.

É como a lua nova. Quando menstruamos, houve uma morte. Uma criança não nascerá. Mas existe a possibilidade de uma nova vida espiritual e evidenciam-se indícios de nossa capacidade de alimentá-la. Se não dedicarmos algum tempo a tais mistérios, sentimos uma tensão terrível. O corpo incha e diz: "Mergulhe em minhas águas de cura e eu lhe indicarei os símbolos que lhe possibilitarão ingressar em uma nova vida, em um novo ciclo".

T: Por que não fomos mais sensíveis ao corpo feminino e suas advertências?

W: Um dos problemas é o tabu contra a morte, em nossa cultura ocidental. As pessoas simplesmente não querem que as coisas morram. Sentem receio de abandonar o que é antigo e acolher o novo. O feminino que é genuíno sabe que a vida é cíclica, que a lagarta deve morrer para que a borboleta apareça. Todos devemos vivenciar esse estágio de crisálida, periodicamente.

As mulheres são detentoras do imenso potencial de oferecer ao mundo um modo inteiramente novo de compreender o padrão cíclico da vida. Mas se continuam insistindo em percorrer a linha reta da perfeição e das *performances*, o corpo vai lhes dar uma rasteira, é uma questão de tempo. E o corpo só permanecerá ultrajado enquanto não der início à sua vingança.

T: O que acontece quando não usamos completamente o corpo?

W: Somos desconectados da alma, do propósito de nossa vida. A vida é uma questão de encarnação — a alma é uma entidade com que temos de viver em nosso corpo humano. O problema é que um excesso de pessoas em nossa cultura tenta saltar essa parte e ir direto para o plano do espírito.

A superespiritualização é um perigo real, mas normalmente o corpo começa a gritar. As pessoas podem desenvolver sintomas ou vícios. Então começam a baixar à terra, novamente.

Os homens anoréxicos com quem estou trabalhando estão em muito piores condições que as mulheres porque são espíritos altamente desencarnados, que mal tocam o chão. São pessoas magníficas, mas não querem estar encarnadas. Fico o tempo todo tentando trazê-las de volta para seu corpo, e para o lado feminino pelo qual podem aceitar a vida.

Temos de encarar a agonia e o êxtase de sermos humanos — algo em que não somos tão eficientes nesta cultura. Muitas pessoas não querem ser humanas; preferem viver à base de idealizações e da perfeição. Não querem assumir a responsabilidade pelas próprias vidas porque é muito mais fácil embarcar na viagem do espírito e tentar viver na prática um sonho arquetípico.

Psicologicamente, chamamos esse processo de *inflação* e seu único desfecho é cair de cara no chão — ou recuperar o contato com a terra — por meio da depressão ou de enfermidades.

T: Terá nossa cultura exacerbadamente masculina sido seduzida pelas idéias, deixando o corpo muito para trás?

W: Sim. Mas não estou em guerra com o patriarcado. Acho que o mundo precisou atravessar um estágio patriarcal. Foi preciso que existissem determinadas interdições de comportamento, e elas nos foram necessárias nos primeiros estágios da civilização, tal como as crianças que precisam de regras.

Para mim o patriarcado é o princípio do poder, não é a genuína masculinidade. É o Pai Mandão no nível arquetípico. É Jeová, a Lei Pai. A Lei Pai sustenta a Socie-

dade Mãe, as Convenções Mãe, a Igreja Mãe, a Segurança Social Mãe. No entanto, esses dois arquétipos deixam-nos com uma visão de nossa própria humanidade que é muito incompleta e imatura.

T: De que maneira poderemos crescer e amadurecer?

W: Para mim, o mundo está atravessando uma iniciação à puberdade. As pessoas não estão mais dispostas a viver sob o jugo de interdições impostas. Estamos chegando a algo inteiramente novo: uma nova feminilidade em equilíbrio com uma nova masculinidade. A Deusa está vindo à luz. Ela está chegando através da Terra e de nosso corpo físico, mas temos de criar uma relação com ela por meio de nossa própria consciência individual. De outra forma, poderíamos ser tragados de volta ao matriarcado inconsciente.

T: Qual é o feminino positivo em cuja direção estamos nos encaminhando?

W: O amor é a essência da consciência feminina — nos homens e nas mulheres. É o reconhecimento e a aceitação do indivíduo total, e o amor por ele, sendo como é. O feminino é a amorosidade em cujo bojo cabem todos os conflitos, todos os processos físicos e psicológicos. Estes não devem ser rejeitados, mas amorosamente acolhidos. O único meio de crescer sofrendo é entrando em conflito. Conforme a vida se desloca de uma fase para a seguinte, você tem de sofrer a morte de uma para que haja oascimento de outra.

T: Fale mais desse rito de passagem.

W: A alma feminina é o que nos alicerça; ela nos ama e aceita em nossa totalidade. Nossa desafio, hoje, é encarnar isso.

Já de algum tempo para cá, tenho trabalhado com sonhos — centenas deles, sonhados por pessoas de ambos os sexos — de grandes mulheres escuras. Aparecem como dançarinas, como ciganas magníficas, cozinheiras portuguesas ou pessoas que conheceram nas Bahamas. Essas grandes e maravilhosas mulheres negras são um símbolo redentor. São uma imagem salvadora porque entraram em contato com o corpo, e também têm amor por ele. São uma reminiscência da Madona Negra, a virgem negra ctônica que era adorada na Idade Média e que, em muitos países europeus contemporâneos, continua sendo cultuada.

T: As pessoas conseguiriam experimentar a totalidade se adotassem uma nova atitude para com o corpo e a força vital que nele se encontra?

W: Em parte. Recebemos a vida através dos orifícios de nosso corpo: os olhos, ouvidos, nariz, poros da pele, sexualidade. Se realmente conseguirmos ver, ouvir e sentir, estaremos continuamente crescendo.

Por outro lado, a doença pode ser um indício de emoções bloqueadas. Jung dizia que o câncer é a doença do desespero, e a artrite, a raiva silenciada. Problemas da pele podem indicar conflitos bem próximos da consciência. Se o problema é profundamente interno e está muito distante da consciência, pode se manifestar em distúrbios intestinais. De modo que, veja, se não estamos conscientes do que sentimos, o corpo exagerará esse sentimento.

T: A ironia é que nossa cultura deu uma grande atenção à aptidão física sem, porém, conquistar nada em termos de consciência do corpo.

W: Duvido que toda essa ênfase em máquinas de condicionamento físico e corrida etc., levem a pessoa a ter uma

maior consciência de seu corpo. Correr, por exemplo, efetivamente introduz muito oxigênio no corpo e, como muitos outros vícios, desencadeia uma sensação de euforia. Penso que algumas pessoas podem correr e estar em íntimo contato com seu corpo, enquanto outras estão só correndo de alguma coisa. A pessoa que se exercita numa máquina pode entrar num processo de comunicação intuitiva ou simplesmente forjar uma couraça. Algumas pessoas podem fazer exercícios e estarão só estendendo os braços para cima. Outras expandem-se a partir do plexo solar, na expiração, e com isso seu corpo inteiro torna-se mais vivo. Há os que dançam de forma mecânica e técnica; outros, ao dançar, estão rezando. Depende de se o foco da consciência está dentro ou fora do corpo, ou só na cabeça.

T: O que acontece quando finalmente se ouve o corpo?

W: Ele se torna eloquente. É como transformar um violino caipira num *Stradivarius*. Ele se torna capaz de sintonizar muito mais alto. Ao se tornar mais sensível, protesta contra todas as maneiras de envenenamento psicológico e físico que queiram entrar. Pode passar a pedir alimentos diferentes.

Quando as pessoas ouvem seu corpo, também desenvolvem uma aguda sensibilidade para com a natureza. Já atendi homens e mulheres que entraram chorando em meu consultório por causa de uma árvore que tinha sido cortada, ou de uma ave ferida. Assim que você entra em contato com a dor de seu próprio corpo e a devastação que ele sofre, torna-se mais consciente dos estragos sofridos pela natureza. E também reconhece a agonia dos outros que não estão vivendo no corpo deles. Você pode enxergar o corpo deles retorcendo-se, girando, tentando enviar mensagens.

T: Quanto tempo dura essa processo?

W: Recomendo para as pessoas com quem trabalho que dediquem uma hora por dia ao corpo e que realmente o escutem. Se você não vale uma hora por dia, não há nada que o corpo possa lhe dizer e nada que eu realmente possa fazer.

T: Quando é iniciado esse diálogo com o corpo, existem níveis diferentes de comunicação?

W: Sim. Dou-lhe um exemplo. Na menopausa, as mulheres podem receber prescrições de pílulas que mantêm seu rito de passagem em suspenso. Se, no entanto, elas ouvirem seu corpo, este encontrará uma maneira de realizar uma transformação genuína, tanto psíquica como física. As pílulas funcionam por algum tempo, mas depois o corpo encontra uma forma de entregar sua mensagem.

O corpo continuará emitindo mensagens provenientes de suas diferentes camadas, conforme você vai alcançando diferentes níveis de conscientização. Vi pessoas obesas perderem 50 quilos. Mas se elas não tiverem lidado completamente com seus conflitos internos, o corpo pode apresentar-se coberto por um eczema. Ainda não estará ajustada a interface entre a necessidade íntima e a atitude externa.

Sinais de advertência devem ser ouvidos e obedecidos. Em vez de ser ignorado, deixado à míngua, entupido, ou embebido, o corpo deve receber uma verdadeira atenção. Quando o corpo está inteiramente aberto, podemos confiar em nossos próprios sentimentos e atos; eles nos ancoram em nosso domicílio interior. O corpo protege-nos e nos guia — seus sintomas são os sinais que nos religam à nossa própria alma perdida.

ADORANDO AS ILUSÕES*

Parábola: O título de um de seus livros, *Addiction to Perfection* (Vício de Perfeição) levanta várias questões. Será que poderia explicar mais o significado desse título?

Marion Woodman: Bem, ele em parte decorre da situação em que os pais têm uma concepção do que seria o filho perfeito — um atleta perfeito, um erudito perfeito, aquele para quem a meta é um desempenho 100%. Os pais tornam-se prisioneiros desse ideal, e sua vida toda gira em torno de desempenhos. O filho então aprende a desempenhar e tem uma visão idealizada do que deveria ser. Qualquer coisa que não se encaixe nesse ideal tem de ser repelido, tem de ser aniquilado. Em decorrência do quê, todas as qualidades humanas presentes na criança, tudo o que é “sujo” — sua sexualidade, o mundo comum do dia-a-dia corporal —, a criança vivencia como não fazendo parte do ideal perfeito. A espontaneidade — assim como até a raiva ou a alegria naturais, ou o amor natural das pedras e da lama — é bloqueada e a criança formula a noção de que, em algum nível, não é capaz de ser amada. “Quem quer que eu seja, na realidade do meu ser, não pode ser amado”, essa é a conclusão a que ela chega.

*Reimpresso de *Parabola, the Magazine of Myth and Tradition*, vol. 12, nº 2 (Ve-
rão, 1987). A entrevistadora foi Lorraine Kisly, editora e co-editora de *Parabola*.

O ser natural é reprimido, e desempenhar torna-se tudo. Em qualquer situação determinada, uma pessoa sujeita a essa repressão irá perceber a quem agradar, e então “se mostrar” para agradar essa pessoa, e sua própria realidade não se fará presente nessa *performance*. As pessoas começam a viver em nome de um ideal — não há mais nada em nome do que viver. Mas, se você vive por um ideal, controlando-se o mais que pode para ser perfeito — tanto no trabalho, como no papel de esposa ou mãe — você perde o ritmo natural, lento, da vida. Passa a existir apenas a correria, a tentativa de atingir o ideal. O ritmo mais lento da pulsação da terra, aquele estado em que você simplesmente é relegado ao esquecimento.

P: Na realidade, foi esquecido há muito tempo.

MW: Há muito tempo. Os pais esqueceram-se dele e os avós já haviam se esquecido. É uma situação cultural. Em sua pior forma, é o que aconteceu com a Alemanha nazista. Buscaram criar uma raça de super-homens e foram guiados por um ideal dessa natureza. Qualquer coisa que não fosse compatível com aqueles conceitos rígidos era morto. Atualmente estou na posição de quem escuta os sonhos das pessoas que sofreram a sujeição a essa espécie de ideal, e seus sonhos são repletos de campos de concentração nazistas. Elas levam a vida dentro de campos de concentração nazistas. Nesses sonhos, soldados matam todas as mulheres, as nenezinhas são estupradas, animais e mulheres têm braços e pernas arrancados do corpo. Veja, também o instinto está sendo distorcido.

Na parte feminina de nosso ser encontra-se um lado muito mais lento, menos racional, que se movimenta de modo bem mais espontâneo, natural, receptivo, uma parte que aceita a vida sem julgá-la.

Para mim, a perfeição é um mundo patriarcal que tudo cinde em pares de contrários: preto ou branco. Vive-se, por conseguinte, em conflito constante e a integração dos opostos não é possível. Até a linguagem é cindida. Encontro pessoas que não conseguem suportar termos como *masculino* e *feminino*. Têm acessos de cólera quando ouvem a palavra *masculino* ou *penetração* ou uma frase como *impulso fálico*, porque foram excessivamente ultrajadas pelo que chamam de “o princípio masculino”. Não o denomino de princípio masculino, mas princípio do poder, pois é do que se trata na realidade. Mas, certamente, no patriarcado do mundo dos negócios e em muitos lares, o que está em vigor é o poder — “Seja como eu quero que você seja”, e “Eu te amo tanto que sei exatamente o que você deve ser”, e “Ou você faz assim ou não te aceito. Rejeito você”. E, assim, as pessoas vivem no terror da rejeição.

P: Isso provoca comportamentos compulsivos, e depois a fúria por causa da negação da maior parte de si mesmos projetada de volta nos seus próprios pais?

MW: Ou nos homens, ou na cultura. As pessoas consideram que a cultura violenta — elas têm muito medo da violência. Claro que existe uma violência real nas ruas, mas ela também ocorre no íntimo das pessoas. Elas sentem medo de que, deixando explodir sua ira, cheguem efetivamente a destruir os outros. Por isso abafam-na e formam um conluio secreto ao assistir a filmes violentos, ou mesmo aos noticiários.

P: É mental a raiz dessa situação? Ela parece advir de uma idéia que existe na mente e que obriga as pessoas a viver de acordo com certa imagem de si mesmas.

MW: É uma imagem do que a vida deveria ser, mas não é. Portanto, trata-se do culto a uma ilusão. Simplesmen-

te não é real. Você pode verificar isso numa anoréxica, por exemplo. Ela tem uma imagem do que seu corpo deveria ser e trata-se da mesma maneira como um nazista a teria tratado num campo de concentração. Ela mata sua feminilidade para poder se forçar a corresponder a um ideal rígido, que é delirante.

P: Absorver esse ideal que vem de fora é muito destrutivo para a pessoa e, não obstante, ele é assimilado e adotado com ardor. Por que o adotamos se é tão autodestrutivo e provoca tantos sofrimentos?

MW: Se você é criado num lar baseado no princípio do poder, essa é a única realidade que você conhece. Você não tem outro mundo a partir do qual julgar. Aterrorizado pela perspectiva de ficar sozinho, a única realidade que você entende é agradar os outros e, em seu íntimo, não existe nenhum posicionamento próprio. Você não sabe nem que existe uma coisa dessas: essa é a tragédia. E então você trata os outros da forma como foi tratado, e então cria seus filhos do mesmo modo. Você sabe que está tudo errado, que essencialmente você é feliz, mas não tem outro modelo de realidade, e por isso o padrão é repetido.

P: Existe alguém que esteja realmente livre disso? De qualquer forma, os pais sempre terão alguma idéia de como o filho deve ser.

MW: Bom, estou segura de que existem alguns pais e mães capazes de amar seu filho tal qual é.

P: Teriam de ser pais que foram capazes de amar a si mesmos.

MW: Certo. É onde a coisa começa. Você primeiro tem de se perdoar por ser humano, porque ser humano é ter muitas falhas; por isso, você tem de perdoar, e então o amor fluirá.

P: Isso é interessante porque o título de nossa próxima edição é “Perdão”.

MW: Essa é a palavra crucial. Se você foi criado à base de ideais, mas sabe que tem deficiências humanas e aspectos inaceitáveis, tem de se perdoar por ser humano, e é por meio desse perdão que você perdoa os outros. Isso, porém, é muito difícil de se fazer em nossa sociedade, porque não estamos sendo amados por nós mesmos e, com isso, mascaramos nossas piores faltas.

Até mesmo em análise ocultaremos nossos piores lados e, se começarmos a sentir que estamos sendo amados, mesmo com toda a nossa feiúra e escuridão, existirá um imenso medo e resistência porque nos sentimos vulneráveis e, de repente, o termo *confiança* começa a aparecer. E sentimos muito medo da confiança; ficamos aterrorizados de nos tornar vulneráveis. Sendo assim, o salto rumo ao perdão é imenso. As pessoas se movimentam até o ponto de confiar, e então a reação ao inconsciente é de terror, porque elas estão muito abertas e podem ser derubadas. Então é preciso aguardar. Ocorre depois uma nova abertura para mais amor, e de novo o terror se instala. E é o corpo que está aterrorizado. Muitas pessoas começam a perceber, nessa altura, que seu corpo foi rejeitado. Se começam a fazer massagens profundas ou um trabalho interiorizado com seu próprio corpo, começa a vir à tona a agonia do corpo.

P: Estou tentando visualizar esse processo transcorrendo fora do contexto da análise. Seria possível? Numa relação com alguém, por exemplo? A situação é, tão freqüentemente, inconsciente; como você começa a trazê-la à luz?

MW: Muitas das cartas que recebo são de pessoas que não estão fazendo análise, mas dizem: “Graças a Deus por essa luz sobre o que estou tentando fazer. Nunca con-

seguia enxergar o significado do que eu estava tentando fazer, mas agora acho que estou tendo alguma noção". Elas estão começando a perceber que vivem tentando agradar os outros. Estão tentando começar a viver com base em quem são, em quais são suas necessidades, em quais são seus verdadeiros temores, nas verdadeiras emoções que se encontram contidas em seus músculos. Estão tentando experimentar-se como corpo e alma, para que os outros tenham de reagir a elas segundo suas próprias realidades. E para isso é preciso amor.

Pode ser que você não goste absolutamente do que a pessoa está lhe dizendo, em particular se você vinha pensando que ela era de um determinado jeito e, de uma hora para outra, ela começa a falar umas coisas que nunca tinha dito antes, na vida. Se, por exemplo, ela passar a manifestar raiva ou desprezo, isso pode causar forte sensação de ameaça. Mas acho que é assim que as coisas começam. A pessoa age mais e mais a partir de sua própria posição individual. Ora, essa posição estará mudando constantemente. Aos poucos, você começa a se tornar consciente das emoções no corpo que estão corroborando o que você está dizendo, e então experimenta-as como vivências dotadas de consistência.

Em vez de só falar da garganta para fora, você descobre o que está dentro do corpo. Parece que muitas pessoas são cortadas no pescoço, de modo que falam só a partir da cabeça. Enquanto isso, coisas inteiramente diferentes podem estar desenrolando-se abaixo do pescoço. Existe aí verdadeira cisão interior.

P: O que você designou como "guerra civil interior".

MW: Sim, guerra civil interior. E é por isso que muitas pessoas tentam se afogar nos vícios. Assim que a ira começa a vir à tona, elas começam a comer, beber, gastar dinheiro, mergulhar no sexo, ou em relacionamentos ob-

sessivos. Ou em jogos de azar, TV, qualquer coisa que embote sua consciência. A substância viciante atua como soporífero e, aos poucos, esses indivíduos afundam na inconsciência.

Do meu ponto de vista, preciso tentar discernir, em cada caso, qual é o significado simbólico da substância viciante. Caso contrário, ele alcança uma significação quase religiosa. Agora, como a maioria das pessoas não tem um foco religioso de vida, ele passa a ser representado por algo material. As pessoas podem achar que é comida o que querem, por exemplo, porque sentem que estão morrendo de fome. Bom, a alma está à mingua, e isso é verdade porque não está sendo reconhecida e encontra-se continuamente em estado de fome. Tentam então alimentá-la com comida, o que, geralmente, simboliza a mãe amorosa que pode aceitá-las tais como são.

P: Você considera que as várias substâncias têm significados simbólicos diferentes? Álcool?

MW: Álcool, o anseio pela luz; enquanto a comida enraiza a pessoa no chão, devolve-a ao corpo, o álcool inicialmente leva-a na direção da luz. Acho que o lado positivo do vício é que muitos viciados são pessoas profundamente religiosas. São dotadas de imensa energia, e não estão satisfeitas com o mundo tal como ele está. Acham que é um lugar cruel, horrivelmente brutal, e sentem o desejo de que a vida delas tenha sentido.

P: De modo que, talvez, eles sintam a necessidade mais agudamente que os outros.

MW: Por terem essa energia tão impetuosa. E querem um deus. Apesar de nunca o declararem, mas querem algo maior do que o mundinho do feijão-com-arroz. Se o que existe é isso, não tem sentido. Se a vida não é mais

do que trabalhar insanamente, por exemplo, não vale a pena viver. O álcool retira-os do mundo trivial, pelo menos temporariamente e — então, claro — encaminha-os depois para a inconsciência.

P: Sempre tive a impressão de que o vício contém os elementos tanto da evitação como da substituição.

MW: Sim. A evitação seria a evitação da guerra civil interna, e também a da realidade. Esta é por demais dolorosa se sua linha de base é a incapacidade de ser amado, a inevitável rejeição se for quem é. Essa é uma constatação insuportavelmente dolorosa.

P: Mas diferente da necessidade de experimentar um outro nível, de que você acabou de falar?

MW: Sim. Um lado disso é o medo. O outro é substituir uma realidade mais profunda pelo vício.

P: Em seu livro, você escreve sobre muitas pessoas levadas ao vício porque “não existe um continente coletivo para suas necessidades espirituais naturais”.

MW: Costumava existir na igreja, por exemplo, onde as pessoas entravam e experimentavam o mundo sagrado, entregavam-se a ele, saíam do mundo sagrado e levavam de volta para o mundo profano aquele tipo de energia. Tinham algo que levar embora consigo; tinham um significado. Seu sofrimento era revestido de significado. Você não pode viver em meio a um sofrimento sem sentido. Então entra a evitação — os viciados não vivem no aqui-agora. Estão sempre parando de beber ou de comer na próxima segunda-feira, mas, até lá, comem e bebem o quanto puderem. No futuro tudo ficará bem... mas e aqui e agora? Nunca estão onde estão; estão sempre correndo, sonhando com o maravilhoso passado ou o maravilhoso

futuro. De modo que nunca estão no corpo. O corpo vive no presente. O corpo existe precisamente agora. Mas um viciado não está no corpo, de modo que o corpo sofre. Desabitado. E é disso que advém a terrível sensação de estar à míngua. Estar no agora é estar repleto.

P: O fato de a cultura inteira estar numa condição de vício interessa-me em termos dessa ausência de significado. É como se existisse uma necessidade humana fundamental de significados, tão forte quanto as necessidades intuitivas. O que poderia satisfazer essa necessidade naqueles que estão afastados das igrejas tradicionais?

MW: Bom, acho que aqui existem duas coisas. Se você imaginar o corpo desabitado como uma espécie de buraco vazio, vê as pessoas tentando enchê-lo de variadas maneiras. Mas a alma no corpo continua no vazio. Minha resposta a isso é que o verdadeiro alimento da alma é a metáfora. O mundo todo dos sonhos é simbólico, metafórico. A religião se baseia em símbolos. A arte, a música, a poesia, todo o mundo criativo — o mundo da alma — baseia-se nisso.

P: Sendo assim, existe uma faculdade interior que entende este mundo — que, na realidade, vive a partir dele.

MW: Vive dele — tão importante quanto a comida. Nós simplesmente devemos ter acesso a esse reino simbólico porque não somos apenas animais, e tampouco apenas deuses. De alguma forma, deve existir uma ponte entre o animal e o divino interiores, e essa ponte é o símbolo. As crianças entendem isso. Elas adoram contos de fadas, por exemplo. Mas, em nossa cultura, param de contar-lhes tais contos muito cedo na vida. O mundo da imaginação é reprimido e à alma resta chorar.

P: É enorme o preço a ser pago para que tudo isso fique embutido.

MW: Não o será perpetuamente. É uma questão de tempo até a pessoa começar a ter pesadelos. Enfim, tudo emergirá. Ou enveredará por vias tortas, dizendo: “Dá-me de beber” e, em vez de compreender esse apelo de modo simbólico, as pessoas interpretam-no concretamente e começam a beber álcool, numa literalização desse anseio.

P: Há algo de muito esperançoso quando analisamos o quadro dessa maneira!

MW: Gosto de trabalhar com viciados porque são desesperados e sabem que alguma coisa está realmente errada. Muitos deles gostariam de estar mortos. Encontram-se num trilho de autodestruição e sabem disso. O mundo, tal como é, é intolerável e suas vidas são intoleráveis porque eles não as estão vivendo realmente. Mas eles *sabem* disso. Eles estão *certos*.

P: Parece que há mais de um problema a ser consertado. Parece que há um elemento muito criativo.

MW: É fato. Morte e ressurreição. E efetivamente eles atravessam a morte. O que enxergo, em mais amplas pinceladas, é que o princípio feminino, que durante séculos foi expressamente negado em nossa cultura, está forçando para abrir caminho, o seu caminho, de regresso. Se você é viciado, tem de chegar a um acordo com o princípio feminino. Precisa perceber aquele ritmo lento — o ritmo da terra lento —, captar a desaceleração, aquietar a alma, e entregar-se, porque, com o tempo, você tem de encarar o fato de que não é Deus e não pode controlar sua vida.

P: Algo tem de se render, algo tem de abdicar e desistir.

MW: O poder — o desejo de controlar.

P: Mas, para a maioria, possuídos pelo poder como somos, os instintos governados por nossa dimensão feminina encontram-se em estado bem primitivo. Tudo o que ficou reprimido na infância não está muito desenvolvido. Então emerge com acentuada violência — inicialmente só, ou para sempre?

MW: No princípio suas manifestações muito primitivas, muito desafiadoras, e você se perceberá agindo como uma criancinha de três anos: “Estes são meus direitos”. As pessoas que estão tentando se encontrar podem apresentar condutas muito grosseiras. Se estivessem em sua *persona* bem-educada, nunca agiriam dessa forma. Quando aquela garotinha quer vir à tona, ela é selvagem. Mas ela tem de vir para fora.

P: Então, o feminino não são os ritmos lentos e benévolos da terra — também há uma faceta escura no feminino.

MW: O lado negro do feminino doentio: um matador.

P: A mãe devoradora, Kali...

MW: Sim e não. Os homens sentem terror dela — e as mulheres também. E esse lado emerge — isso que é tão complicado — junto com o lado amoroso, a Grande Mãe. Se você está preso na mãe devoradora, fica literalmente paralisado. Você desperta pela manhã e seu corpo não quer se movimentar. Aqui temos a Medusa que transforma as pessoas em pedra. Se elas tentam fazer qualquer coisa criativa, ficam imobilizadas. Ou petrificadas. E isso é real. Para muitas pessoas, que estão tentando fazer alguma coisa a partir de si próprias, pela primeira vez na vida, assim que essa ânsia é sentida e elas realmente dão início a algum movimento, a mãe negra irrompe e ocorre

uma intensa batalha. Mas é preciso continuar dialogando com ela, conscientizando-se do que está acontecendo, e não desistir. É preciso coragem e força.

P: O que, nas pessoas, pode enfrentar todas essas coisas? O Eu está envolvido na repressão. É o Eu que pode sentir o que está acontecendo? O que é isso em nós. Evidentemente temos a capacidade para isso.

MW: Sim, em última análise seria o Eu. Mas a maioria das pessoas tem de trabalhar muito duro para constituir um Eu. Quase todas agem a partir da *persona*, a dimensão da máscara, que monta e encena espetáculos. Elas estão representando — não estão em contato com seus verdadeiros sentimentos e, em determinada situação, não sabem se estão com raiva ou se querem chorar. Sentem-se infelizes por não serem capazes de expressar suas emoções e também aterrorizadas pela perspectiva de fazê-lo, porque tê-las manifestado, antes, levou-as a ser rejeitadas.

P: Sendo assim, é realmente o ego o veículo da consciência?

MW: É o Eu que pode reconhecer quais são os sentimentos presentes, quais são as necessidades interiores. De um ponto de vista junguiano, o inconsciente é como um vasto oceano no qual todos os complexos bóiam como cebolas: o da mãe, do pai, do herói, da criança pequena. Embaixo dessa camada, encontra-se o inconsciente coletivo: sobre ela, está o coletivo do mundo e, no centro de tudo isso, existe um pontinho chamado de Eu, tentando filtrar o que vem vindo do inconsciente enquanto, ao mesmo tempo, tenta lidar com o coletivo. O Eu é um sistema de filtragem que se relaciona com toda a realidade existente. Mas, considerando todas as bofetadas que recebe

tanto do inconsciente como da consciência, árdua tarefa a sua. Requer muita paciência a construção de um Eu forte. Mas quanto mais forte ele é, mais flexível também se apresenta e mais pode consentir que venha do inconsciente, que é onde se encontra a verdadeira sabedoria. O Eu, porém, está em parte no inconsciente e, em parte, no consciente. Ele nos diz o que é real e o que não é. Se você não tivesse um Eu, por exemplo, poderia achar que é Cristo. Se a posição do Eu é ocupada, a pessoa torna-se possuída.

Na realidade, isso que acontece no estado de vício — você fica possuído e o Eu não é forte o suficiente para impedir que isso ocorra, mesmo você sabendo que está se destruindo. Não há força de Eu suficiente para resistir. Então o complexo apodera-se do campo egóico. Mesmo assim, porém, poderia ser o caso de o complexo estar atuando por fora de um anseio de experimentar mais luz, de chegar à consciência. A possessão que impele a comer pode ser um anelo insistente para uma feminilidade mais consciente. A energia reprimida do feminino não pode ser mais engaiolada. Estamos vivendo numa aldeia global e só o poder não vai mais ser suficiente. Terminaremos por nos destruir. Tenho fé suficiente para acreditar que o feminino está forçando seu caminho até o nível da consciência, valendo-se desses vícios. O feminino muda a vida das pessoas, poderia mudar a cultura inteira.

P: Estábamos agora mesmo falando de como existem dois aspectos dessa força feminina, um positivo, outro negativo.

MW: Quando me refiro ao feminino, não estou falando de um princípio materno. Certamente a Grande Deusa faz parte desse arquétipo — ela é matéria, o corpo. Mas, simbolicamente, o princípio da mãe está baseado num seio cheio de leite que é dado à criança faminta. A mãe tem de

dar e a criança tem de receber. E essa experiência pode, também, vir a se contaminar pelo princípio do poder. Muitas crianças caem numa culpa imensa porque não querem receber. Mas se a mãe se houver identificado com o princípio materno, a criança tem de receber dela, ou então quem é ela? O princípio feminino, entretanto, não se limita a isso.

P: O que você acabou de descrever é uma distorção do feminino?

MW: Bem. É inconsciente. Mãe alguma admitiria que está funcionando segundo o princípio do poder quando está dando leite para seu filho. E, por um lado, não está mesmo, ela está nutrindo. Mas se chega aquele estágio em que o filho não precisa mais dela e diz: "Olha, não quero seu suco de laranja", e a mãe se sente aniquilada por causa disso, então o que está em jogo é o poder ou a necessidade de controlar. E isso provoca uma distorção do relacionamento mãe-filho, porque a criança fica presa na culpa.

A consciência do feminino surge da mãe, e você tem de se alicerçar nisso porque sem essa base você seria simplesmente soprado para longe pelo espírito. A consciência feminina, no meu entender, significa mergulhar nesse enraizamento e reconhecer quem é você como alma. Tem a ver com amor, com receber — nesta cultura praticamente todo o mundo sente terror de receber. Tem a ver com entregar-se ao seu próprio destino, conscientemente — e não às cegas — mas reconhecendo com total consciência suas forças e limitações.

Este tema implica uma área bem mais ampla, pois o corpo do homem é feminino também — toda matéria é feminina. Estamos falando arquetipicamente de duas energias complementares — não de sexo masculino e feminino. Os homens estão ainda mais distanciados de seu corpo que as mulheres, é o que me parece. Vi homens em

workshops de trabalho corporal em momentos nos quais se propunha algum exercício de relaxamento e o corpo deles era em geral terrivelmente rígido, a ponto de não conseguirem se deitar de costas no chão, de tanto que seus músculos estavam contraídos — cronicamente presos — e não obstante esforçando-se muito para ser bons garotinhos. Não conseguem deixar que seus músculos relaxem. Se você considerar a matéria um aspecto do princípio feminino, uma outra dimensão é revelada no corpo masculino.

P: O princípio masculino — ou espírito — não consegue viver em nenhuma outra parte que não o corpo. Ele precisa ser recebido por alguma coisa.

MW: Exatamente: ele tem de ser recebido. E aí entra a consciência. Você não pode colocar espírito na matéria densa. A matéria é escura; é obtusa. É preciso que haja uma consciência para receber o espírito. O que estou chegando a compreender cada vez mais, a partir dos sonhos, é que a consciência existe na matéria e ela se abre para receber o espírito.

P: Ela se desenvolve no processo de se abrir para a materialidade do corpo, das emoções, dos pensamentos, e assim por diante?

MW: Tomando consciência disso, sim, e também tomando consciência do símbolo. O símbolo leva o processo até a consciência.

P: De onde veio o princípio do poder? É uma distorção do

MW: Uma distorção muito grande — e temos de nos lembrar que as mulheres estão presas nesse princípio do poder tanto quanto os homens. As matriarcas são, freqüen-

temente, muito mais autoritárias que os homens. O que eu diria que na consciência heróica dos gregos, o herói estava combatendo a inconsciência para tentar chegar a algum vislumbre de consciência. Durante dois mil anos tem sido feita a tentativa de ampliar cada vez mais o alcance da consciência, e o arquétipo do herói tem regido o mundo ocidental. São Jorge e o dragão, por exemplo.

P: Mas você não está falando de uma forma muito desenvolvida e completa de consciência, está?

MW: Não, porque o mito do herói tornou-se contaminado por um desejo inconsciente de poder. Em termos da evolução de nossa cultura, o culto à deusa no passado pré-histórico mudou, gradualmente, para o culto aos deuses — um movimento da consciência lunar para a consciência solar. O que está acontecendo agora é que as pessoas estão conscientes do poder dos complexos da mãe e do pai e estão dizendo: “Quem sou eu ?” Estamos ingressando numa idade adolescente, deixando de lado o princípio do poder inerente a esses dois arquétipos. Estamos tentando ingressar naquilo que, na vida individual, parece a adolescência; os adolescentes são muito confusos. São dependentes dos pais e não querem sé-lo. E somos prisioneiros dos complexos. Sabemos que estamos presos neles e queremos sair. Então ficamos recaíndo o tempo todo e nos arrancando de lá. Esse conflito se perpetua. Acontece nas pessoas conforme vão amadurecendo e vejo que se desenrola também em termos do macrocosmo.

P: A seu ver, então, este é um momento crítico na história.

MW: Certamente; caso não efetuemos essa transição para a idade adulta, pode muito bem acontecer de nos destruirmos. Somos adolescentes com uma bomba de hidro-

gênio e sem noção alguma do amor que poderia empregar criativamente essa energia. Os vícios, no entanto, tanto pessoal como coletivamente, podem nos manter em contato com a divindade. Nos AA, por exemplo, a primeira coisa que a pessoa deve admitir é que não consegue controlar seu desejo de beber álcool, e você tem de se entregar a um poder superior. No ponto de vulnerabilidade onde se dá essa entrega — é aí que entra a divindade. O deus se apresenta na chaga. Se alguma vez você foi viciado, sabe que sempre pode voltar a sê-lo, por isso é nesse ponto que a energia se torna sempre e novamente disponível, desde que você se abra para ela.

P: Precisa deixar alguma coisa para que isso possa entrar.

MW: Sim, novamente estamos aqui diante da idéia da consciência no corpo que tem de se abrir ao espírito.

P: Falamos do vício, por exemplo, do álcool, no qual este representa o espírito num nível baixo. O que acontece quando o vício desaparece? Para onde vai? Realmente acho que, com um vício, é possível começar a viver em termos de negativas: “Não vou beber”. E, com alguns alcoólatras, o perigo é que se detenham nesse “Não vou beber”. Eles não podem levar a vida nesses termos. Continuam obcecados pelo álcool — isso ainda continua ocorrendo. E é a mesma coisa com todo tipo de viciado. Você pode interromper a conduta viciante, mas, enquanto sua mente estiver nessa ratoeira, continua presa.

MW: Por isso a rendição a um poder superior continua necessária, a abertura precisa ir além da fase inicial de interromper o comportamento viciante.

P: Sim, acho que os membros dos AA entendem isso claramente: você tem de percorrer todos os Doze Passos. A

pessoa dependente tem de sustentar um trabalho diário nesse sentido. É pensando nisso que digo que o vício mantém a pessoa em íntimo contato com a divindade. É preciso que ela tenha muito cuidado para não cair em algum outro tipo de vício. A pessoa precisa manter aberto o “vaso” e viver de maneira rica e plena. Não existe isso de uma estase.

P: E, não obstante, parece existir um desejo tremendamente forte de permanecer onde se está, de não se mover. Por quê?

MW: É o medo. Vê-se, nos viciados, a compulsão ou o desejo de manter as coisas fixas. São adoradores naturais dos rituais. Criam seus próprios rituais e o vício transcorrerá em torno deles. Mas são rituais pervertidos, pois leva-os à inconsciência em vez de consciência porque o deus errado é que ocupa o centro do processo. Os rituais deveriam conduzi-los a uma experiência muito mais ampla e rica; toda vez que você executa os passos de um ritual, deveria entrar em contato com a parte mais profunda e divina de si mesmo, abrindo-se para algo novo. Se o ritual o impele na direção da inconsciência, você regride e se torna cada vez mais contido pela rigidez. Não tem nem limites nem perspectiva pessoais, pois não ousa se abrir.

P: É praticamente como se existisse um imperativo ontológico a crescer — e, se você não obedece a ele, não há paralisação, só regressão.

MW: Que pode ir até a morte.

P: Acho que, conforme as pessoas vão ficando mais velhas, começa a tornar-se evidente para elas que ou se desenvolvem mais ou se tornam meras caricaturas de si mesmas. Parece que muitas pessoas padecem de uma recusa a crescer.

MW: Novamente retomamos o medo da aniquilação. As pessoas se sentem aterrorizadas com a morte. Mas o seu terror é a morte. Elas se tornam pedra.

P: Então, primeiro, cometem suicídio.

MW: Inconscientemente, é o que farão. A vida é uma série de mortes e renascimentos. Você supera padrões, pessoas, trabalhos. Mas se tem receio e sua personalidade não é flexível, quando você tem de encarar a morte do que sempre conheceu, fica nas malhas do terror. É aí que o vício realmente atinge. Algumas pessoas se curam de um vício e, então, depois de dez anos, quando o marido ou a esposa falecem, têm de dar início a uma nova vida e ficam aterrorizadas. Precisam se aposentar, ou ir para um novo trabalho, e então vem um medo enorme. Bom, elas precisam deixar que o passado morra e dar início a uma nova vida, ou podem recorrer ao antigo vício. E este as arremessa na inconsciência. Não conseguindo dar o passo adiante, recuperam o padrão viciado.

Freqüentemente, reeditam seu padrão de nascimento. Você pode pensar que o canal do parto é uma transição na qual você se despede do útero e saúda a nova vida. Quando as pessoas entram nesse “canal”, onde o passado está morto e o novo ainda não nasceu, podem repetir o trauma original de seu nascimento.

P: Isso é diferente conforme a pessoa?

MW: Claro que sim. As pessoas que nasceram prematuras sempre tentarão estar à frente de si mesmas; sempre estarão dois ou três passos adiante de onde realmente estão. Os nascidos de partos de cesariana tendem a evitar toda sorte de confronto. As pessoas cujas mães estavícos. Tendem a ser bastante passivas — esperam que

alguém faça alguma coisa no momento de uma dificuldade. Mas o medo é o que mais se destaca e ele pode se manifestar em sintomas corporais.

P: Como, nesse estado de terror, a pessoa consegue manter-se aberta, percebendo que isso é simplesmente uma parte, e não toda a sua natureza?

MW: É muito importante perceber que é uma parte. E eu acho que a maioria das pessoas, nessas passagens de nascimento, precisam de apoio. É muito doloroso e um amigo de verdade, ou vários, podem ajudar — mesmo que você tenha de fazer sozinho o seu próprio trabalho de parto:

P: Essa é apenas uma parte do trabalho realmente sério e difícil consigo mesmo que precisa ter andamento. Acho que ele é realizado pelas tradições religiosas e que, recentemente, também em parte na análise. Mas a análise é um processo dispendioso e muitas pessoas, nos tempos atuais, estão afastadas da religião. Até onde esse trabalho sério pode ser conduzido fora de uma estrutura e sem contato com alguém que saiba mais que você, que seja mais desenvolvido que você, que a pessoa, por seus próprios meios, pode ir longe o suficiente no sentido de efetivar essa abertura? O mundo que temos à nossa volta não nos parece oferecer muita ajuda.

MW: Bom, é uma coisa notável, mas quando uma pessoa consegue atravessar alguma limitação, um movimento tem início nos outros. Acho que existe algo na linha de um movimento cultural rumo à ampliação da consciência. Certamente, quando uma pessoa, numa sala, é mais consciente, ela muda a consciência de todas as pessoas daquele local. E, numa família, se uma pessoa está trabalhando para se tornar consciente, todos da casa sofrem mudanças.

Alguma coisa está acontecendo em escala geral — há mudanças radicais nos relacionamentos entre homens e mulheres, e há um interesse enorme pelo binômio espirito-matéria nos campos da ciência, da psicologia, da biologia. Penso que muitas pessoas estão realizando trabalhos interiores, que realmente estão empenhadas em compreender o que se passa em seu íntimo. Muitas pessoas estão recorrendo à dança para tentar se vincular com seu corpo. Existe um interesse pela pintura, pelo criar apenas pelo prazer de fazê-lo e nada mais. Cada vez mais pessoas estão tentando salvar a natureza da exploração patriarcal. Conheço muitos indivíduos que estão escrevendo diários, anotando seus sonhos e retomando a ligação com seu eu interior. Estão questionando e buscando tornar-se conscientes. Não importa como o estejam realizando: estão entrando em contato com o mundo simbólico. É assim que vejo as coisas. E sem isso, os viciados têm razão: a vida não vale a pena ser vivida.

3

O OBJETO EM ANÁLISE*

Quando um artista entra em análise comigo e me traz algum exemplar de suas obras, não o considero um trabalho artístico. Antes, ele pertence à psique e está dizendo alguma coisa a respeito das condições desse psiquismo. A arte também pode estar dizendo algo sobre o estado da psique desse artista, mas essa não é sua intenção.

Qual é então, sua intenção?

Até onde consigo entendê-la, sua intenção é dizer algo sobre a arte, sobre o modo como uma situação psicológica é transformada numa situação prática. Não leio um trabalho de arte como a tradução concreta de um problema psicológico. Não o leio para obter pistas sobre o estado interior de um artista, no momento em que realizou essa obra. Em análise, contudo, esse é o único modo como eu leio um trabalho que o artista me apresenta, no contexto de seu problema.

Você interpreta o trabalho como um problema?

O termo “interpretação” pode ser muito forte. Uma das piores coisas que pode acontecer em análise é a atribuição de um rótulo, em particular se extraído dos ma-

*Reproduzido de *Provincial Essays*, vol. 5 (1987). A entrevista foi realizada por Ross Woodman, professor de inglês na Universidade Western Ontario, em London, Canadá.

nuais acadêmicos, ao problema do analisando. Em análise, considero o trabalho (seja ele um desenho, uma pintura, um poema, o que quer que o analisando apresente) dentro da tentativa de localizar a energia e de descobrir onde ela está querendo ir. Considero-o da mesma forma como faço com os sonhos. Onde a energia está bloqueada — se estiver mesmo (a maioria dos artistas entra em análise por causa de algum bloqueio criativo) — e onde ela quer ir?

O verdadeiro perigo de se interpretar um trabalho é que ele pode fixar ou deter o símbolo. O que o analisando está me mostrando é um símbolo que ele fez, mas não entendeu. O símbolo é o vaso do que, de acordo com Jung, eu chamaria de uma energia de cura. Se esta não for detida nem fixada, imobilizada na ponta de um alfinete como um inseto na parede do entomologista, ela, aos poucos, irá se desenvolver. Assisti a processos dessa natureza repetidas vezes e sei o quanto uma interpretação prematura do símbolo pode ser destrutiva. Penso que posso dizer, portanto, que nunca interpreto um trabalho até que ele mesmo tenha tido a oportunidade de se interpretar. Fico no aguardo do que quer que venha a seguir, e depois disso de novo, e depois ainda. Sigo e, na melhor das hipóteses, rastreio o processo, tentando não antecipá-lo. A psique nunca cessa de surpreender-me. Em todos os meus anos de clínica, nunca passei duas vezes por um mesmo sonho, assim como nunca encontrei duas vezes com o mesmo trabalho de arte. Isso simplesmente nunca acontece. Como então poderia eu forçar a psique a caber em algum padrão preconcebido? De que maneira ser-me-ia possível dizer-lhe onde quer ir?

Em geral esse trabalho que vai se desenvolvendo no tempo oferece muitas informações?

Jung afirmava que a psique é, por natureza, dinâmica. Mais que isso, dotada de propósito, de direcionalidade; move-se na direção de objetivos; é teleológica

(orientada para a consecução de finalidades). Todo sonho não é só a operação inconsciente da energia psíquica, mas também o processo de configuração dessa energia. Todo sonho é estruturado como um drama grego, embora essa estrutura possa ser parcialmente bloqueada ou detida. Contudo, mesmo quando bloqueada, um sonho é como um torso. Você consegue, a partir do que não está ali, deduzir o que falta. O inconsciente, por conseguinte, tem uma estrutura. Northrop Frye, por exemplo, discordou de Jung a respeito do inconsciente coletivo, dizendo que não havia necessidade de uma tal hipótese porque o que Jung atribuía ao inconsciente coletivo não era, absolutamente, inconsciente. Estava espalhado pelo vasto mundo do que ele chamava de a imaginação instruída, que constitui a religião e a arte. Longe de ser inconsciente, constitui o mais público de todos os mundos, o mundo que identificamos como civilização e cultura.

Qual é seu argumento a respeito da crítica de Frye ao inconsciente coletivo?

Quando um artista vem fazer análise comigo, porque está bloqueado, suponho que poderia dizer a essa pessoa que fosse visitar todos os museus de arte, todas as igrejas, sinagogas e mesquitas, investigar todas as religiões mundiais etc., para encontrar meios para libertar seu bloqueio artístico. Mas, claro que isso não adiantaria nada, pelo menos segundo minha experiência e conhecimento da psique. Coleridge expressou-se da seguinte forma: “Talvez não deva esperar que formas vindas de fora vençam/A paixão e a vida cujas nascentes são interiores”. Seguramente, as manifestações do inconsciente coletivo estão espalhadas pelo mundo público da religião e da cultura, mas, a menos que isso que existe fora esteja intimamente coligado ao inconsciente do artista (ou de qualquer outra pessoa), simplesmente algo existe fora. Não

temos acesso imediato e direto a ele. Quando digo bloqueado, estou me referindo ao artista (ou, melhor, a qualquer indivíduo) que se experimenta afastado, isolado, alienado. Esse está vivendo o que Jung chamava de a perda da alma, um fenômeno universal e, para o artista, uma verdadeira experiência de morte, talvez de confronto da morte. Essa vivência pode levar — e nos artistas tal desfecho é freqüente — ao suicídio por uma variedade de meios outros que não só os mais óbvios.

Para você, então, a arte-terapia...

Vou corrigi-lo num aspecto. Não sou arte-terapeuta. Os analisandos realmente trazem-me seu trabalho, mas fazem-no do mesmo modo como me trazem seus sonhos. Por fora de meu treinamento jungiano, sou o que talvez você poderia denominar de oniroterapeuta, no sentido de que essencialmente trabalho com sonhos, embora cada vez mais eu esteja trabalhando praticamente o mesmo tanto com o corpo. O termo “terapeuta”, contudo, também é impreciso. Não só não sou arte-terapeuta como não sou terapeuta. Sou analista. Não ofereço terapia, não prescrevo um programa de cura. Ouço o que o inconsciente está manifestando e, até onde me for possível, deixo que ele faça as prescrições. Trato a “arte” que me trazem — que não vejo como “arte” — tal como trato os sonhos. Não faço nenhuma verdadeira distinção. Trato o trabalho como a linguagem do inconsciente, tanto pessoal como coletivo. Sei alguma coisa dessa linguagem. Aliás, considero tal linguagem, em seu mais literal sentido, nossa “língua mãe”. Falo valendo-me dela pelo menos oito horas por dia. Sonho nessa língua, e quando dou palestras é a ela que recorro.

O seu treinamento em Zurique como analista junguiana incluiu o que é chamado de arteterapia?

Não houve nada chamado arte-terapia que fosse ensinado em Zurique. Durante quatro anos, semana após semana, estudamos os trabalhos (desenhos, pinturas, esculturas) de pessoas perturbadas, algumas das quais encontravam-se internadas em instituições. Mas não víamos essas obras como peças de arte, não pensávamos nelas por esse prisma, assim como, na maioria dos casos, os pacientes também não. Quando um paciente pensava no trabalho que estava apresentando como paciente (ou, se estivesse em análise, como analisando) como uma obra de arte, essa pessoa estava em séria dificuldade. Geralmente isso significava que ela estava profundamente comprometida por sua doença, que havia ali um nível de desorganização que talvez não fosse possível superar.

Qual era a finalidade desse treinamento?

Usávamos o trabalho tanto para fins de diagnóstico como de prognóstico. Quer dizer, não nos era informada antecipadamente a condição dos sintomas daquela pessoa que o havia realizado. Nossa tarefa era chegar a um grau razoável de exatidão no diagnóstico (nunca fazíamos um diagnóstico completo com base apenas nas peças de “arte”) e no prognóstico.

O que quer dizer com prognóstico?

Refiro-me à severidade da condição enferma, quer neurótica, quer psicótica, e às possibilidades de o tratamento ser bem-sucedido.

Como você distinguia a neurose da psicose?

Na psicose a psique está cindida, severamente fragmentada. Essa condição é indicada de numerosas maneiras, pela eliminação parcial de figuras, ou rodeando uma

imagem com um contorno preto. Mas em geral também é possível ver não só onde a energia está mais altamente concentrada, mas também onde ela quer ir, a direção em que está se deslocando ou tentando se deslocar. Está nisso, nos indícios da direção do movimento, a possibilidade do prognóstico.

Você pode distinguir neurose ou psicose de arte?

Van Gogh sofreu de psicose durante sua vida e alguns de seus mais lindos trabalhos foram feitos enquanto esteve confinado num asilo. Vi algumas peças que realizou na última fase de sua vida, que terminou com seu suicídio. E li os poemas de Sylvia Plath, que também parecem ser um ensaio para seu suicídio. E sei que o afogamento de Shelley foi psiquicamente ensaiado na elegia que escreveu para a morte de John Keats. Não obstante, eu não chamaria de neurótico ou psicótico nenhum desses trabalhos que prefiguram seus suicídios (ou quaisquer outras atitudes).

Por que não?

Isso não é fácil de responder. Freud dizia que os grandes trabalhos de arte não podem ser plenamente explicados pelos métodos psicanalíticos. Os trabalhos de gênio (e uso essa palavra propositalmente) transcendem tanto a neurose como a psicose. Porque ou como isso deve ser assim continua sendo em parte um mistério, embora Jung entre outros tenha oferecido uma explicação. A meu ver, a psique é dinâmica e direcional. Entregue a si mesma, movimentar-se-á espontaneamente na direção da gratificação de suas necessidades. Esse movimento para a gratificação de suas necessidades dá ensejo a uma linguagem metafórica em vez de linear. Dá nascimento ao mundo dos símbolos, os quais são dotados de uma coerência interna que pode não ser percebida ou compreendida de

modo imediato. Na psicose, a coerência dos padrões simbólicos encontra-se ou destruída ou obsessivamente fixada em repetições compulsivas. Na neurose, o padrão é curiosamente defensivo em vez de aberto e investigativo. O trabalho é claustrofóbico, temeroso, aprisionado em si mesmo. Alguns críticos perceberam essa qualidade no último trabalho de Van Gogh ou em alguns dos derradeiros poemas de Sylvia Plath. Mas, se se considera a enorme energia que há no trabalho, o enfrentar (como se o celebrasse) de um perigo real (e, com isso, superando-o), é possível, penso, ver que o trabalho é um triunfo sobre a neurose e a psicose, um movimento de integração mais ampla, que alcança um sentido muito mais vasto de totalidade. Foi isso que Freud teve a habilidade de identificar em Dostoevsky, por exemplo, e ele sabia que não havia como reduzir essa dimensão à análise de uma neurose ou psicose.

Você poderia ser mais específica, comentando, por exemplo, uma das últimas pinturas de Van Gogh?

Suponho que a pintura que mais atenções recebeu da crítica foi *Os corvos no campo de trigo*, que pode ter sido sua derradeira composição. A maioria dos comentários a respeito enfatiza a sensação sub-reptícia de ameaça, os três caminhos que terminam de modo abrupto, a “falta de saída” do campo, os corvos negros que voam na direção do artista-pectador e dão a impressão de que se estendem pelo céu como um véu ou sudário negro que estivesse descendo.

Mas acho que essa pintura pode ser igualmente lida não como fechamento, mas como uma abertura. O caminho verde que vira para mergulhar no campo de trigo no próprio centro do quadro não tem fim. Ele conduz o olhar, não até a linha do horizonte (não há horizonte), mas até uma abertura azul precrária, vacilante. Os corvos negros

poderiam estar voando através dessa abertura e com isso estendendo o caminho do artista-espectador (o caminho de seu olhar) para cima e para fora. Nossa conhecimento precípuo do suicídio de Van Gogh pode distorcer preconceituosamente nossa leitura. Minha sugestão é que a abertura possível, o sair voando, característica do poder visionário maior desse artista, poder que, por mais vacilante a pinelada ou titubeante a ação da espátula, transcende a enfermidade.

Certamente existe um atributo de despedida nessa pintura (a construção de uma partida), mas não rumo à loucura. O que alguns descreveram como um caos cósmico é muito mais cósmico do que caótico. Contém todo o poder de concentração de uma iminência genuína que eu poderia descrever como uma batalha, através da pintura, para alcançar uma resolução metafísica. A psique está esculpindo seu caminho rumo ao objeto de seu desejo. A mente consciente governada pelo Eu, esse caminho pode ser muito assustador. Minha sugestão é que a visão é sempre a derrota ou a consentida rendição do Eu. Em Van Gogh, sua vida inteira como artista foi uma rendição consentida, foi o processo criativo entendido como um processo psíquico. A forma dessa vida — sua composição em tela — representa uma luta para superar as limitações da realidade física. Para mim, essa luta ocupa o próprio centro da arte moderna.

Se, porém, Van Gogh estivesse em análise com você e lhe houvesse trazido essa pintura, como você a leria?

Provavelmente, eu perguntaria a Van Gogh aonde cada uma das três estradas o levaria. Indagaria aonde estão indo os corvos. Eu o encorajaria, então, a relacionar-se com suas lutas internas de uma maneira diversa da pintura. Se pudesse, eu o ajudaria a domar suas energias para aplicá-las do lado da vida, incentivando-o a ver

que seu próprio trabalho interior ainda não estava completo, que sua alma ainda não estava pronta. Idealmente — e acentuo este “idealmente” — a pessoa morre depois de, finalmente, haver plenamente ingressado na vida. Então, a vida é uma espécie de completamento, um chegar ao viver. O suicídio é sempre uma interferência nesse processo, um atalho, a irrupção de um curto-circuito.

Não lhe seria possível argumentar que, caso Van Gogh fizesse análise com você, ele não teria se suicidado, mas também talvez não houvesse pintado esses grandes quadros de sua última fase?

Essa foi a indagação levantada na peça de Peter Shaffer. Curar um paciente é privá-lo de seu *daimon*. A peça pode até ter sensacionalizado esse problema, mas tê-lo feito significou apresentar a questão a uma grande quantidade de pessoas. Jackson Pollack esteve em análise junguiana por algum tempo. Suspeito, pois não posso ter certeza, que para ele, como artista, não serviu de quase nada. Na realidade, vendo os próprios trabalhos que levava ao seu analista dentro de uma perspectiva terapêutica, talvez ele tenha perdido o contato com aquela espécie de presença que tais obras ofereciam como peças de arte. Seu retorno ao figurativo, que alguns consideram uma verdadeira queda, até uma traição, pode ter sido uma perda genuína quando considerado em relação àquelas imensas pinturas que, na minha opinião, são sublimes na mais completa acepção do termo.

O que você quer dizer com o termo “psique”?

Psicologia significa a ciência da alma. A terrível ironia é que muitos psicólogos consideram-se cientistas que não acreditam que exista uma coisa chamada alma. Um comportamentalista não crê que haja “alma”. Uma psicologia sem psique seguramente é uma contradição, você não acha?

Com o termo “psique” refiro-me à presença do observador nas coisas observadas, à espécie de presença que modifica o que observa. Quando vemos alguma coisa “lá adiante”, vemos uma imagem. Essa imagem é construída no centro perceptivo do cérebro. O objeto físico não penetra no olho. O que penetra são as ondas de luz (ou de som, no caso do ouvido) que se transformam em impulsos elétricos, os quais o cérebro converte em imagens. A consciência dessas imagens como imagens é o que quero dizer com alma. Alma não é a coisa externa física, mas a imagem imaterial dessa coisa, que pode ou não ter uma identidade com a coisa externa. O ponto é: a imagem não está limitada à coisa externa. A alma não se restringe à confecção de uma cópia. O mundo que o observador constrói a partir das coisas observadas é sempre diferente delas. No estúdio de Greg Curnoe há bicicletas penduradas do teto, as quais se pode trazer para o chão e pedalar.* Também há imagens de bicicletas encostadas na parede, e que não servem para as pessoas saírem pedalando. Se algum tentar fazê-lo, vai destruir uma imagem.

Essa imagem, como algo distinto da coisa-em-si, é chamada em alquimia e em outras tradições congêneres de corpo sutil. Não é a coisa-em-si, mas a imagem dela, construída pelo cérebro e reconfigurada ou reconstituída numa variedade infinita de maneiras pela imaginação, que é o poder de constelação de imagens do cérebro. A alma é o mundo das metáforas. Nós o habitamos o tempo todo, quer o saibamos, quer não. Um psicótico não sabe disso e a maioria das pessoas inconscientes também não. Os artistas sabem e, quando por qualquer motivo, perdem o poder de criação de metáforas, não conseguem mais escrever poemas ou pintar quadros, ou compor peças musicais, sentem-no da forma mais íntima, imediata e

*Greg Curnoe é um artista de London, Ontário.

dolorosa possível. Sabem que, a menos que possam recuperá-lo, não conseguirão continuar vivendo como artistas. O suicídio está intimamente presente na consciência de todo artista bloqueado com o qual eu já tenha trabalhado. Eles vivem em primeira mão o que é a experiência da morte e o que ela significa.

Um colega junguiano, James Hillman, escreveu um livro a respeito intitulado *Suicide and the Soul [Suicídio e a Alma]*. Ele sugere que existe um tipo de suicídio metafórico encenado na configuração de imagens, no próprio fazer artístico. Consiste em substituir com uma imagem, com o corpo sutil, o factual. A grande maioria das pessoas nunca experimentou a morte da alma porque nunca sentiram a alma vivendo — como a baleia que nunca experimentou o oceano porque nunca tomou um banho na praia.

VÍCIO E ESPIRITUALIDADE*

No início da década de 1930, Jung trabalhou com um alcoólatra chamado Rowland H., cuja recuperação da sobriedade ajudou a fomentar a criação dos AA. Aos cuidados de Jung, durante um ano, na Suíça, Rowland foi capaz de permanecer sóbrio, mas, assim que voltou aos Estados Unidos, começou a beber de novo. Ele voltou à Suíça e o dr. Jung lhe disse que a única esperança que restava para ele era uma transformação espiritual. Simplesmente não havia "cura". Bill W. e Jung trocaram cartas a esse respeito, muitos anos depois, em 1961.** Jung assinalou que não por acaso o álcool é (em inglês) designado como "spirit" e disse que a sede que o alcoólatra sente de álcool é equivalente à sede da alma por "uma união com Deus".

"Álcool é spiritus em latim, e usamos a mesma palavra tanto para a mais elevada das experiências religiosas, como para o veneno mais degradante. A fórmula salvadora é spiritus contra spiritus", ele escreveu em 30 de janeiro de 1961, numa carta para Bill W. Essa é uma

*Reproduzido de Rachel V. *Family Secrets: Life Stories of Adult Children of Alcoholics* (New York: Harper & Row, 1987), pp. 145-158.

**Ver Jan Bauer, *Alcoholism and Women: The Background and the Psychology* (Toronto: Inner City Books, 1982), apêndice 3, onde há transcrições dessa correspondência.

fórmula alquímica. É preciso ter espírito para combater o espírito.

Considerar o alcoolismo e o vício como anseios espirituais pode significar que alguma coisa muito diferente está acontecendo em nossa sociedade. Podemos dizer que não temos uma crise de álcool e drogas só: a crise espiritual é muito grande, também a perversão do espírito, nossa natureza espiritual virada do avesso, devorando-se. A epidemia de vícios pode ser vista também como o espírito tentando reingressar em nossa sociedade.

Com essas idéias em mente, dirigi-me a Toronto para falar com a analista junguiana Marion Woodman sobre a natureza do vício, o símbolo da criança, e seu trabalho.

Rachel V.: Em *A Virgem Grávida*, você fala de como a cura deve vir por meio da ferida. Esse paradoxo lembra-me o comentário de Cristo a respeito de como o fraco confunde o forte.

Marion: O fraco de fato confunde o forte. O Eu consciente pode saber exatamente o que quer fazer, pode estar se deslocando reto adiante pela vida, de maneira ambiciosa, forte, direcionada, mas o lado inconsciente, pueril, da personalidade pode derrubar esse Eu. Na realidade, ele o fará a menos que seja reconhecido.

O lado fraco é o lado viciado, por isso é que apenas ao lidar com esse lado pueril/criança de sua pessoa é que, em última análise, o indivíduo será capaz de funcionar. A força da corrente é determinada pelo mais débil de seus elos. É essa dimensão fraca que, a meu ver, está às voltas com a divindade. A parte pueril, tão incontrolável, exigente e tirânica, ao mesmo tempo a parte criança que proporciona alegria e criatividade à vida. É a alma que não será silenciada. Enterrada na matéria, anseia por espírito. Desejar álcool efetivamente simboliza o anelo pelo espírito. Pense nos gregos, com Dioniso, deus do vi-

nho. A embriaguez e a experiência transcendente com o deus eram vivências intimamente coligadas. Pense a respeito do simbolismo da missa cristã, em que o vinho se torna o sangue de Deus e o pão, Seu corpo — espírito e matéria. Os alcoólatras anseiam por espírito porque se encontram afundados na matéria; no entanto, cometem o erro de concretizar esse anseio, como desejo de álcool. Talvez, se efetivamente entendessem o que estão tanto ansiando, e conseguissem penetrar no reino do imaginário, que é o reino da alma, então alguma coisa muito diferente poderia começar a acontecer.

O que é essa terrível ânsia do vício? É como se a nossa civilização inteira alimentasse a fome, não para satisfazê-la, mas para nos tornar mais famintos. Existe essa sensação de: "Eu quero mais, mais e mais — alguma coisa". Nos distúrbios da alimentação — descontrole, anorexia, bulimia — você encontra a mesma compulsão. Os viciados fazem tudo o que podem para se disciplinar, e podem conseguir um excelente desempenho entre sete da manhã e nove da noite. Depois, vão para a cama. A força do Eu decai e, de repente, o inconsciente vem à tona. Assim que irrompe o inconsciente com todas as suas pulsões instintivas, o Eu perde o controle. Então o vício torna-se um tirano. Sua voz a de uma criança perdida, morta de fome: "Eu quero, eu quero, eu quero, e vou ter". Essa é uma maneira como o fraco confunde o forte.

RV: Não sei muito sobre anorexia e bulimia, exceto que parecem ligar-se a alguma forma de rejeição profunda do corpo.

M: Sim, uma rejeição profunda da matéria. Muitas vezes, você encontra uma síndrome que vai da obesidade à anorexia e ao alcoolismo. Ou pode refluir para o fanatismo religioso. Os viciados tendem a se deslocar de um vício para outro. Enquanto se mantiverem tendo compor-

tamentos viciados, estão apenas substituindo um vício pelo outro. A cura não se deu. Pense nos membros dos AA que continuam sóbrios desde que se mantenham viciados em trabalho. A compulsão ainda está atuante nesse lar. Nessas situações, os filhos “pescam” o inconsciente do pai ou da mãe que quer desesperadamente dar um gole, e corre para a comida, ou para o trabalho, ou para qualquer outro vício que sirva para manter a garrafa afastada. O filho capta esse anseio não-verbalizado, essa vida não-vivida, e também a repetitividade compulsiva que expressa a negação ao mesmo tempo em que a torna maior. A criança, ao seu próprio modo, se sintoniza com o que está faltando no pai ou na mãe e vai atrás disso.

Penso que, para atingir o cerne do problema, você tem de considerar o que fizemos com o corpo, o que fizemos com a matéria, em nossa cultura. O termo em latim para matéria *mater*, significa “mãe”. Mãe é quem cuida, nutre, recebe, ama, provê a segurança. Quando a mãe não pode aceitar seu filho, com sua urina, suas fezes, sua totalidade animal, ele também irá repudiar seu corpo. Não ter, a partir de então, um domicílio seguro na terra, e, na ausência dessa segurança primal, buscar outros substitutos: a Santa Madre Igreja, a mãe Alma Mater, a mãe Seguridade Social, e até mesmo a mãe Comida, que tampouco consegue aceitar. Desenvolve-se, por conseguinte, uma relação desesperada de amor/ódio. O terror de perder a Mãe equivale ao terror de ser enterrado vivo nela. Sem a segurança do corpo-lar, as pessoas devem contar, da melhor maneira que lhes for possível, com esses substitutos para a segurança maternal que não têm. Mais do que isso, se o corpo for rejeitado, sua destruição torna-se o *modus operandi* dessa pessoa. O medo do câncer não faz com que a personalidade dependente pare de fumar.

Na ausência de uma mãe que seja nutritiva, quer em nível pessoal, quer arquetípico, o indivíduo tenta

concretizá-la em coisas, como se assim conseguisse tornar presente o que sabe que está faltando. Ironicamente, o que captura não é uma presença que sempre experimentam como ausente, mas a ausência em si. Pense em como as pessoas tentam fotografar tudo, gravar tudo em fita, para capturar e reter um acontecimento em estado estético. Isso é o que eu quero indicar quando uso o termo “concretizar”. Como a bruxa má que transforma tudo em pedra.

Fui ver o papa em Toronto e, depois de ele ter passado, a mulher à minha frente rompeu em lágrimas exclamando: “Eu não o vi!” Ela estava com uma câmera e tinha ficado tão entretida tirando fotografias dele que não tinha “visto” o homem que tinha ido ver. Ao concretizar o momento, ela o perdeu. A pessoa que ela veio ver está na foto, mas esta só a lembra de uma ausência. Ela estava ausente da experiência.

Pense nos turistas que saltam dos ônibus, no Grand Canyon. Tiram instantâneos mas nunca chegam ao Grand Canyon. Não se abrem à experiência. Por dentro, não se deixam alimentar pela grandiosidade do local. A alma, nesses corpos, não é nutrita. É como a fileira de *slides* arquivados numa caixa que mais ninguém, nem mesmo seu dono, quer ver.

William Blake diz que o corpo é “aquele porão da Alma que os cinco Sentidos discernem”. Vivo com essa idéia. Sento-me e olho pela janela, aqui no Canadá, e as árvores do outono parecem douradas contra o céu azul. Posso sentir esse “alimento” chegando até os meus olhos e descendo, descendo, descendo, interagindo dentro de mim, e me sinto repleta desse dourado. Minha alma está alimentada. Vejo, sinto odores, sabores, ouço, toco. Pelos orifícios de meu corpo, dou e recebo. Não estou tentando capturar o que está ausente. É esse intercâmbio entre a alma encarnada e o mundo externo que é o pro-

cesso dinâmico. É assim que o crescimento acontece. Isso é a vida.

A maioria das pessoas não alimenta suas almas, porque não sabem como. A maioria de nós, nesta cultura, é filha de pais que, como o restante da sociedade, correm o mais que podem, tentando se segurar financeira e socialmente, e também de várias outras maneiras. Há uma compulsividade à qual está a criança exposta, mesmo desde seus tempos de útero. No seu primeiro ano de vida, já é esperado que a criança tenha desempenhos. Freqüentemente, o genitor não é capaz de receber a alma da criança, seja qual for essa pequenina alma, porque não reserva nenhum tempo para receber, ou porque não gosta do que a criança é. Muitos pais são muito preocupados em fazer com que seu filho tenha aulas de dança ou esqui, que freqüente um bom colégio, e seja o primeiro aluno da classe. São tão ansiosos a respeito de tudo que estão tentando “dar” para a criança que não recebem nada dela. Por exemplo, a criança chega correndo com uma pedra, seus olhos brilhando de deslumbramento, e diz: “Olhe que coisa maravilhosa que eu achei”, e sua mãe comenta: “Devolva isso à terra que é o lugar dela”. Essa pequena alma logo pára de trazer pedras para mostrar e se dedica ao que lhe é possível fazer para agradar a Mamãe. O processo de crescer se torna um exercício de adivinhação de como agradar os outros, em vez de uma expansão por meio de experiências. Não há crescimento sem sentimentos autênticos. As crianças que não são amadas em seu próprio ser não sabem como se amar. Quando se tornam adultos, têm de aprender a alimentar sua criança perdida, a ser sua própria mãe.

RV: Você tem falado bastante sobre a mãe e a Deusa. Preciso esclarecer que, o que acho que você comentou, diz respeito a masculino ou feminino, mas a aspectos di-

ferentes da experiência humana. Essa é muito mais uma questão de epistemologia que de gênero. Aqui temos uma distensão da linguagem. O atalho verbal de associar determinadas qualidades como receptividade ao feminino presta a todos nós um desserviço, e penso que nossas dificuldades acabem apenas aumentando, com isso. "Masculino" e "feminino" são descrições da experiência, não a experiência em si. Certo? "O mapa não é o território", como dizia o filósofo Gregory Bateson. Acabaremos diante de uma cisão neomaniqueista se não tomarmos cuidado. A premissa básica é que todos nós, tanto homens como mulheres, somos masculinos e femininos, biológica e psicologicamente.

M: Sim, Rachel, eu concordo. A questão não é de gênero, masculino ou feminino. Aquilo a que estou me referindo são energias arquetípicas.

RV: A negação do sentimento, e a ênfase em agradar, manter a paz e desempenhar não se limitam a famílias de alcoólatras.

M: É verdade, mas penso que existe um pouco de vício em todas as famílias; nossa cultura é viciada. O vício pode abranger uma ampla variedade de problemas: pais que se envolvem com outros parceiros, o vício do relacionamento, vício de comida, de jogo de azar, de dormir, de assistir à TV, que é uma variação de dormir. Tenho analisandos que começam a dormir no mesmo instante em que lhes digo qualquer coisa de que não gostem. Em cinco minutos estão dormindo. Não conseguem sustentar confrontos. Não conseguem suportar dor e, assim que rastreiam a aproximação de algo doloroso, caem na inconsciência, que varre definitivamente a possibilidade de crescer. Não conseguem confrontar. Quando há necessidade de uma verdadeira força num confronto espiritual,

ou num autêntico encontro de almas, não conseguem nem receber amor. Têm medo do amor porque ele os deixa vulneráveis.

Indo um pouco mais adiante, o que aparece nitidamente, um bebê abandonado dentro do corpo. O corpo se torna uma cavidade imensa, dentro da qual um bebezinho está gritando. Existe a criança abandonada. Num nível simbólico, poderíamos dizer que essa é a criança divina. Cedo ou tarde, essa criança divina começa a gritar e ela é o fraco que derruba no chão as partes aparentemente fortes da personalidade. Nesse sentido, o vício, em sua maneira propriamente circular, pode estar levando-nos de volta ao Deus interior — ao espírito encarnado — à Encarnação.

RV: A idéia de tornar-se como uma criancinha para entrar no reino de Deus — você sabe de alguma outra cultura em que essa imagem também exista?

M: Na história de Perséfone e Hades existe uma criança. Hades rapta Perséfone e leva-a para o Mundo Inferior, onde, em algumas versões do mito, ela tem um filho. Em muitos mitos, Leda e o cisne, Danae e a chuva de ouro, por exemplo, a mulher humana é fertilizada por um deus. Em outras palavras, a matéria é penetrada por espírito e o filho da união entre matéria e espírito é a criança divina.

O que acontece, então, com a pessoa que é forçada a se render, a dizer: “Sim, sou alcoólatra, sou viciado, sou impotente diante de meu vício. Devo entregar-me a um poder superior”. Essa pessoa está rendendo a matéria ao espírito. Essa é a reunião que pode produzir a criança divina. O vício tornou possível a receptividade. Muitos de nós não conseguem compreender o quanto é poderosa a feminilidade até sermos forçados a cair de joelhos pela força do vício ou da doença.

Penso que é importante reconhecer que, em algum nível, de alguma maneira peculiar, estamos todos na mesma confusão, quer sejamos alcoólatras, filhos de alcoólatras, anoréxicos, viciados em trabalho, em drogas, ou em dinheiro. Os viciados estão tentando fugir de Deus o mais depressa que podem. Paradoxalmente, estão correndo direto para os braços da divindade. A consciência leva-os a perceber como a alma está tentando conduzi-los à presença do divino, se apenas eles entenderem o simbolismo inerente na substância ou conduta viciantes.

Tomemos o alimento como o objeto viciante. O maior problema com a anoréxica é que, assim que começa a comer, pára de jejuar e quebra a euforia causada pela privação de alimento, a vida passa a parecer-lhe tediosa. Ao fim e ao cabo, o que ela precisa é reconhecer que rejeitar comida é rejeitar a realidade de ser humana e que seu comportamento viciado é a atuação de sua criança tirânica, determinada a controlar os pais tirânicos, ou escapar deles, quer sejam estes internos ou externos. Por isso, a anoréxica, e vale o mesmo para todos os viciados, tem de atingir um novo modo de viver.

Se você vive um dia depois do outro em contato com o mundo à sua volta, ou até mesmo apenas por um instante, esse minuto, diz Blake, que Satã não consegue encontrar, basta para manter sua alma viva. Por estar em contato com o eterno, você está agudamente em Casa. É quando você consegue *ver* a manhã de um azul acobreado, o silêncio de seu filho. A vida nunca é entediante, assim. Um imenso número de pessoas nunca pára esse instante no dia, e então correm incessantemente tentando encontrá-lo, fora. O problema é esse: elas tentam fazê-lo fora de si mesmas e com isso são enredadas no vício.

Toda a correria serve para nos afastar do trágico medo de não sermos amados. A menos que nosso desempenho seja bom, não somos capazes de ser amados. Esse

terror leva a comportamentos de autodestruição. Também pode provocar uma autodestruição global. Os vícios talvez sejam a maneira que a Deusa tem para abrir nosso coração para o que o amor é — o amor por nós mesmos, pelos outros, pelo planeta querido em que vivemos.

Muitas pessoas estão tentando encontrar o espírito por meio da sexualidade. Pensam que, pelo orgasmo, podem ser libertadas da matéria; por um breve instante, esperam sentir essa extraordinária união de espírito e matéria. Mas, se não conseguem levar um relacionamento até a sexualidade, então são só aventuras de uma noite. Depois de algum tempo, torna-se uma coisa mecânica e, mais adiante ainda, frenética. “Preciso disso. Tem de funcionar. Não vai funcionar. É a minha dose.” Sexualidade sem amor é matéria sem espírito. As pessoas incapazes de amar podem ser viciadas em sexualidade e compelidas, repetidamente, a tentar achar amor. O que estão projetando na sexualidade é a união divina que tão desesperadamente buscam em seu interior.

Jung disse que o oposto do amor não é o ódio, e sim o poder; que, onde há amor, não há vontade de poder. Penso que esse seja o cerne da questão quando se trabalha com vícios. Cedo ou tarde, a face feminina de Deus, o Amor, olha-nos direto nos olhos e, embora seu amor possa se manifestar como fria diante de nossa autodestruição, ela está ali. Podemos aceitar ou rejeitar: viver ou morrer.

Não sei como são os *muffins* americanos, mas no Canadá são numinosos. Ontem, veio uma paciente — uma mulher com um distúrbio alimentar — que chorava. “Não sei o que fazer”, ela dizia. “Você me disse que tenho de reconhecer meus sentimentos. Quase o tempo todo eu não faço nada do que quero porque não sinto que seria o certo. Estava vindo para cá de carro, e tive o desejo de lhe trazer um *muffin*. Depois pensei que você não iria querer o bolo. Mas sei que você adoraria um *muffin*, mas não, não

vou comprá-lo. A gente não leva *muffins* para o analista. Mas aí entrei num tal estado que simplesmente comecei a suar porque eu queria demais comprar um *muffin*. Parei o carro, voltei, comprei o *muffin* e estou com ele num saquinho. Mas não sei se eu o dou a você ou não. Sinto-me uma criança idiota, mas não sei o que fazer".

"Bom", eu disse, "eu gostaria de receber o *muffin*".

Parti o bolinho em dois e dei-lhe a metade. Por causa do amor que havia nele, e porque ela havia sido receptiva, foi uma comunhão. É uma história bem simples, mas eu lhe digo, as pessoas nesse nível dos sentimentos estão tão aterrorizadas de ser rejeitadas que um *muffin* pode deslanchar a rejeição de toda uma vida. Na realidade externa, essa mulher era altamente competente. É muito profissional, altamente respeitada. Todos pensam que ela é muito madura, e é, exceto por essa criança rejeitada. Eis o ponto fraco, novamente. A criancinha diz: "Quero levar um *muffin* para Marion". Se essa criança foi rejeitada várias vezes, por muito tempo, entra num estado de quase inexistência. O que ela sente é a perda da alma. É uma pessoa que se torna descorporificada. Num vício, esse é o ponto da vulnerabilidade. Também é o ponto em que a divindade pode entrar.

No coração desse processo está uma questão de teor religioso. Nossa alma é nossa relação eterna com Deus. A linguagem da alma é a linguagem dos sonhos. Na minha opinião, todo sonho é uma comunicação com Deus. Temos um diálogo interno acontecendo o tempo todo. De noite nós o vivenciamos. Mas acho que se pararmos para devanear durante o dia em consciência, depois começamos de novo no estrato onírico. O sonho nos traz símbolos, imagens, mas, como estamos muito inseridos no mundo concreto, não entendemos os símbolos. Dizemos que os sonhos são loucos, bobagens. Nós nos apartamos do mundo do símbolo e, por isso, esquecemos a linguagem dos sonhos.

Desse modo, cometemos o erro de presumir que, se estamos inquietos, inseguros, é comida o que queremos. Sede? Temos de beber. Sentindo certo vazio na barriga? Precisamos de sexo ou de qualquer outra coisa concreta que consigamos apanhar. Mas é a alma que está chamando nos sonhos, e a alma se comunica por meio de símbolos. Se nós meditarmos nessas imagens, elas nos atingirão em todos os níveis: no da imaginação, no emocional, no intelectual. Nosso ser inteiro, incluindo o corpo, ressoa. Sentimo-nos inteiros. As imagens desse mundo eterno são as imagens de nosso mundo feijão-com-arroz: comida, bebida, sexualidade. É nesse ponto que os dois mundos se encontram. É por isso que devemos ser tão cuidadosos na interpretação de sonhos. Um sonho sexual, por exemplo, pode ser o modo como a alma expressa sua necessidade de uma união entre espírito e alma — algum ato criativo tal como dançar, pintar, escrever. O álcool, como símbolo, pode ser uma necessidade de espírito. Litros e litros de sorvete não conseguirão oferecer doçura à alma, assim como litros e litros de gim não conseguirão fazê-lo flutuar na presença de Deus.

Nossa própria criança interior tem de ser disciplinada para poder deslanchar seu tremendo poder espiritual. Se nos identificarmos com seu lado pueril, diremos: "Sempre fui uma vítima. Sempre serei uma vítima e toda a culpa é dos meus pais". Depois, podemos levar nossos dias em frente, com aquela expressão de cão batido, pelo resto da vida. Se, por outro lado, nós nos identificarmos com a parte criança de nós, diremos: "Meus pais foram vítimas de uma cultura, assim como os pais deles e os destes também. Eu não serei uma vítima. Assumo a responsabilidade por minha própria vida. Viverei de maneira criativa. Viverei no *agora*".

Ser como uma criança é ser espontâneo, capaz de viver o momento, de maneira concentrada, imaginativa,

criativa. A maioria se esqueceu de como brincar, esqueceu da alegria da criatividade. Sem alegria, encontramos fugindo da dor. Sem criatividade, fugimos do vazio. Quanto mais depressa nós corrermos, mais severos serão nossos vícios. Não podemos encarar nosso próprio nada. O nada é a angústia final das pessoas pueris que vivem sabendo quem não são, em lugar de sabendo quem são.

No Novo Testamento, quando nasceu a criança divina, o rei Herodes ordenou que fossem mortos todos os bebês do reino. É isso o que acontece quando nossa própria criança interior nasce. Herodes representa as atitudes coletivas convencionais que serão destruídas se a nova vida vingar. Assim que nossa criança interior cobra vida e diz: "Eu sou assim. Esses são meus valores", todos os Herodes aterrorizados de nosso ambiente levantam-se e dizem: "Você é um bobo". Se o bebê não for protegido, será morto. É preciso uma coragem imensa para identificar os valores de nossa própria criança divina e até uma força maior ainda para vivê-los. Os vícios afogam-nos, fazem-nos passar muita fome, entorpecem-nos com drogas, tentam matá-los. Ironicamente, eles nos mantêm em contato com ela, enquanto corremos em círculo em volta do vazio no qual ela se esconde.

Lúcifer e Cristo estão muito próximos para muitos viciados que anseiam por uma "viagem". Bem rápido. Querem ser deuses no controle de um mundo perfeito, no qual são perfeitos. Anelam por ser como Lúcifer, a estrela da manhã, a mais brilhante, o primeiro filho de Deus. Não conseguem aceitar suas próprias imperfeções humanas. Não conseguem viver num universo que não conseguem controlar. Quando se colocam diante de seu próprio deserto, seu Lúcifer interior defronta-se com seu Cristo interior e diz: "Eu lhe darei todo o poder e todos os bens materiais que você quiser, se você se curvar perante mim".

Os viciados são prisioneiros da armadilha ilusória de que têm poder, e essa ilusão priva-os de sua vida humana. São governados por uma voz interna que diz: "Preciso. Não consigo. Tenho de. Não o farei". Anseiam por um paraíso que não o desta terra. Não querem estar aqui, mas estão. Seu corpo é compulsivo, seus músculos tão tensos que não conseguem relaxar. Alguns viciados supercompensam esse enrijecimento levando o corpo a entrar em estupor. Na sexta-feira à noite, por exemplo, se seu corpo está como uma couraça e tenso, uma mulher pode dizer a si mesma: "Eu não vou beber, não vou", enquanto outra voz lhe diz: "Se eu não me soltar vou explodir. A semana inteira fiz tudo o que todos me exigiram. Basta. Vou mostrar quem manda aqui. Vou beber até ficar inconsciente. Não quero mais sentir nada".

Tentar a semana inteira ser deus ou deusa redonda no avesso disso, no final de semana: o animal. Não existe um equilíbrio *humano* no viciado.

RV: Alguma vez chegaremos a nos livrar de um vício?

M: Nos AA, por mais anos que você tenha se mantido sem beber, você ainda diz: "Sou um alcoólatra". Quantas pessoas você conhece que caem na mesma armadilha, de novo, depois de um drinque ou de um cigarro? O inconsciente é como o oceano: a obsessão pode cair no fundo do mar, mas uma crise pode fazê-lo vir à tona com força total.

A vida se movimenta em ciclos, a consciência se expande. Toda vez que estamos diante de uma nova verdade a nosso próprio respeito, uma parte em nós morre e outra é concebida. Quando é chegado o auge do trabalho de parto, devemos passar por um canal, e os canais de parto podem ser perigosos. Diante de qualquer experiência, as pessoas tendem a repetir seu trauma de parto primordial, toda vez que tentam sair do útero em que estiveram aninhadas. Se nasceram de cesariana, podem

hesitar diante de confrontos; se sua apresentação foi de nádegas, podem enfrentar as coisas de costas; se a mãe estava anestesiada, tenderão a encontrar alguma forma de anestesia (drogas, álcool, comida), para serem arremessadas na inconsciência. Esses pontos de transição, nos quais somos convocados a nos estender e atingir nossos patamares de maturidade são aqueles pontos em que os vícios têm mais probabilidade de voltarem à tona.

Mudar o comportamento habitual é extremamente difícil porque é o único comportamento que conhecemos e ele está entrelaçado com o comportamento inconsciente de um ou ambos os nossos genitores. Se você está convencido de que, em algum momento da relação, vai cair numa arapuca e despencar num buraco negro, então esse se torna seu comportamento habitual e você pode ter certeza de que terminará dando dentro da armadilha. Você já está lá, antes mesmo de saber o que está acontecendo, porque é sua reação ao inconsciente. Se você conseguir entrar na dimensão consciente e dizer: "Não tenho de cair nessa armadilha", então andará num ritmo mais precalvado e preverá o perigo. Valendo-se dessa aguçada percepção consciente, penso que seja possível alcançar aquele ponto de quietude que é livre de vícios.

Nossa cultura não é orientada para processos. Ela valoriza a segurança e o *status quo*, e como estamos vivendo sob a ameaça da guerra nuclear e do extermínio tentamos nos apegar a qualquer espécie de permanência que nos seja possível. A dor de deixar a vida antiga para trás e de encarar a nova, sem nenhum entendimento real de quem somos, torna-se insuportável. Algumas culturas contam com ritos de passagem que oferecem significado e companheirismo às pessoas que estão em transição. Quase todos nós passamos por uma total sensação de isolamento. Eu constato isso em sonhos nos quais o sonhador chega até o ponto de cruzar uma fronteira, numa cena

escura como breu, e então é abordado por oficiais alfandegários, ou então tem de cruzar uma ponte frágil que se estende sobre um rio com corredeiras. Os viciados tendem a ser solitários; suas sombrias intuições fazem-nos sair do corpo. Nessa condição desenraizada, o terror mais absoluto pode levá-los de volta ao vício.

A intuição pode ser uma bênção e uma maldição. As pessoas intuitivas nunca estão muito dentro do corpo. São confundidas pelas possibilidades, e compelidas de vários modos a explorar o que quer que seja. Raramente estão no presente e nunca preenchem o corpo. Este se torna vulnerável a todas as dores do ambiente. Por osmose, captam o lixo inconsciente das outras pessoas. Quando essa carga fica pesada demais, escapam do fardo recorrendo ao vício. (Pense nesta dinâmica envolvendo pais e filhos.) Novamente, o problema da ausência. A alma está escondida em algum ponto da barriga; não está animando o corpo como um todo. Você sente isso quando um viciado lhe dá um abraço. As crianças também sentem isso e, embora não consigam expressá-lo em palavras, são aconselhadas pelo vazio. Sentem que estão vivendo uma ilusão em que nada é de fato aquilo que parece; a mão esquerda não sabe o que a direita está fazendo. Papai encantador; Papai maldoso. Mamãe veste-se como uma modelo; Mamãe é uma vagabunda.

As transições são um inferno. O bem-amado morre ou vai embora e você fica sozinha. Isso é um inferno, mas também uma oportunidade para crescer. Sozinhos, dialogamos com nosso corpo, com nossa alma. A sabedoria destas dimensões é exatamente aquilo de que precisamos para nossa própria totalidade. Ela deixa perfeitamente claro o que é real, o que é ilusório. Desbasta camadas e mais camadas de falso orgulho. Torna-nos humanos. Que alívio ser uma criatura humana, em vez de o deus ou a deusa que Mamãe e Papai projetaram em nós!

Cada inferno incinera mais algumas ilusões. Entramos nas chamas, morremos e renascemos. Em termos cristãos, podemos dizer que carregamos nossa cruz, somos crucificados nela, morremos e então ressuscitamos num novo nível de conscientização. Descobrimos que nosso equilíbrio permanece nesse platô por algum tempo e que depois um outro período de crescimento é necessário, dando assim origem a novo ciclo. Como qualquer doença, o vício pode nos levar para dentro de nosso corpo. A cura ocorre mediante a corporificação de nossa alma, da alma vivendo no aqui e no agora. O corpo é. A alma na matéria é o que acho que efetivamente seja o lado feminino de Deus. A agonia de um vício pode fazer com que o coração se escancare para o amor que está presente em toda a criação. É esse ponto de ruptura que tem tanta importância — nesse fio de navalha que os dependentes tentam a viver; a aniquilação ou o apocalipse. Nossa era tecnológica impele-nos a ir tão rápido que aniquilamos o que está acontecendo conosco. Passamos de raspão pelos momentos da alma. Movemo-nos de incidente a incidente sem estar efetivamente ali. A anoréxica que está em transe eufórico pode chegar até a beira da morte sem nenhuma percepção consciente do que está literalmente acontecendo. Se eu disser: "Olhe aqui, você está prestes a morrer", ela me olha com absoluta surpresa. A menos que o incidente seja levado ao campo da consciência, não acontece na alma. Tem de ser objeto de reflexão, anotado por escrito, pintado, dançado, transformado em música. Em outras palavras, deve se mover do nível literal para o onírico para que possa ser assimilado ao desabrochar da alma.

É isso que constitui a análise. Como analista, passo a ser o espelho que reflete de volta para o paciente o que está sendo dito, o que o corpo está dizendo, o que permanece em silêncio. Sem um espelho, não podemos nos en-

xergar. Mas a pessoa não precisa de um analista para refletir. Manter um diário pode representar essa oportunidade de refletir, por exemplo. Os pais que estão aprisionados em suas próprias necessidades narcisistas não conseguem servir de espelho aos filhos, e, por isso, a criança não consegue desenvolver uma identidade individual. Lembre daquele pequeno incidente com o *muffin*. Se não houvessemos dedicado um pouco de tempo para refletir sobre a necessidade, o amor e a fé epitomizados na compra daquele bolinho, teríamos cometido um assassinato da alma. Essa minúscula interação parece um nada até que você se lembre de momentos de sua infância nos quais você esperou, amou e se dedicou totalmente, e ninguém recebeu você. Isso é a morte.

Isso acontece várias vezes com os analisandos. A dor que eles sentem é tão profunda que custa muito tempo até que os verdadeiros sentimentos subam à superfície. As pessoas sentem vergonha do que chamam de suas criancices, mas esses sentimentos bloqueados não conseguem amadurecer se não têm com quem interagir. Enquanto estivermos determinados a nos mover no ritmo veloz e lógico a criança vai continuar escondida. Os ritmos naturais do corpo são lentos. A pequena alma-ave que foi colocada na caixa escura e está guardada desde a infância precisa de tempo e silêncio para aprender a confiar de novo.

CURANDO PELA METÁFORA*

Embora o salão da palestra esteja forrado de pessoas, a iluminação suave confere-lhe uma sensação de intimidação. Por trás da tribuna, máscaras tribais pendem entre pinturas enluaradas de caçadores, ceramistas e xamãs. Esta a sessão de abertura da “Jornada Rumo à Totalidade”, de 1987, uma conferência de linha junguiana que todo outono é realizada nas montanhas da Carolina do Norte.

À estante está a consagrada oradora da noite, Marion Woodman, analista de Toronto. Seu tópico para o evento é “A Função Sentimento Ferido”, mas em lugar de tecer considerações teóricas sobre o assunto, Woodman conta uma história, chamada “O homem com quem ela nunca se casou”. Essa narrativa gira em torno do relacionamento de uma vida inteira que uma bem-sucedida profissional manteve com um literato. A história transborda de sonhos, longas caminhadas à beira-mar e *insights* repentinos que ocorrem no transcurso das mais singelas conversas. Ao longo de toda a história, Woodman vai tecendo seus temas: individuação, a cura da função sentimento, o equilíbrio masculino/feminino na psique.

*Reimpresso de *Common Ground* (verão de 1988). Escrito por Ralph Earle, escritor e colunista independente em Pittsboro, NC.

Na sessão do dia seguinte, seus comentários deixaram claro que a dança emocional da heroína com o homem com quem nunca se casou é simbólica a respeito da interação da mulher com seu próprio *animus*. Mas hoje, como as máscaras e o luar, a questão do simbolismo permanece como pano de fundo. A trama intricada, a heroína e a contadora da história, apaixonada, mas contida, cativam a platéia que parece enfeitiçada.

Woodman é famosa por seus estudos sobre distúrbios alimentares e comportamento viciado e sente-se absolutamente à vontade no reino dos históricos de caso e da metodologia de pesquisa. No entanto, prefere muitas vezes apresentar indiretamente suas idéias psicológicas, por meio de histórias. Quando indagada a respeito, reafirma sua crença de que histórias têm mais impacto do que análises abstratas.

“Enquanto for teoria, está afastada dos verdadeiros sentimentos da platéia e as pessoas podem ficar tão enredadas nas palavras que não percebam que é ao seu próprio corpo que estou buscando dirigir-me. Se colocar o conteúdo em forma de história ou usando imagens, a mente pode não ouvi-lo, mas o corpo reagir. E se estiver reverberando no corpo, cedo ou tarde acabará atingindo a consciência. Sinto que é mais imediato contar uma história, usar uma metáfora”.

Em histórias como “O homem com quem ela nunca se casou”, o objetivo de Woodman não é simplesmente dar informações a respeito do relacionamento geral entre feminino e masculino, mas levar os ouvintes, mediante a identificação com os conflitos dos personagens, a sentir esse relacionamento dentro de seu próprio corpo, mente e psique.

Woodman acha que o ingrediente essencial a esse tipo de comunicação direta é a metáfora. Citando o termo grego original (que vem do verbo “transformar”), Woodman

considera a metáfora um meio de refinar os padrões de energia bruta do inconsciente encaminhando-os para formas que podem ser assimiladas pela consciência. Ela pensa que essa função de transformação é um aspecto universal da metáfora que atua, de maneira similar, em contos folclóricos, trabalhos literários e nos sonhos.

Como exemplo, Woodman cita um sonho em que uma mulher recebe a instrução de que deve comer peixe. Uma vez que "peixe" é um símbolo culturalmente aceito para Cristo, o sonho implica que a sonhadora precisa assimilar alguma espécie de entidade espiritual. Uma necessidade inconsciente dessa pessoa foi traduzida, na dimensão consciente, pela metáfora do peixe: a mensagem é que a energia espiritual é necessária à manutenção do seu equilíbrio psíquico.

Woodman diz que Jung chamava a metáfora de "o símbolo que cura". De acordo com este autor, a metáfora afeta a pessoa em três níveis: no nível mental, no qual interpretamos o significado; no nível imaginário, no qual reside o verdadeiro poder de transformação; e no nível emocional, coligado aos sentimentos incorporados à metáfora. A atuação simultânea da metáfora nesses três níveis permite-lhe estabelecer uma profunda ligação com a psique. Woodman acrescenta:

"Se a metáfora realmente atinge a pessoa, ela fica toda arrepiada; você diz: 'Ah, é isso mesmo, é isso mesmo'. O ser inteiro é, momentaneamente, levado a vivenciar a totalidade e, se ela consegue sustentar essa percepção, duas ou três semanas depois recebe outra metáfora que novamente reúne a totalidade de seu ser... E esse é o processo da cura — você vai de uma vivência da totalidade a outra, por meio das metáforas".

Uma plena cura ou transformação não é muito provável de acontecer mediante a atuação de uma só história ou de um só sonho, mas o processo contínuo da trans-

formação prossegue enquanto as pessoas permanecerem abertas ao conteúdo metafórico das histórias ou sonhos que experimentam.

Antes de se tornar analista junguiana, Woodman passou muitos anos lecionando inglês e drama criativo para alunos do colegial. Seu amor pela literatura e sua experiência direta com a poesia, na qualidade de agentes de transformação em sua vida pessoal, ajudaram-na a compreender a importância psicológica da metáfora. Ela diz: "Como professora de inglês e tendo tido o privilégio de estudar e lecionar Shakespeare, aceito as imagens arquetípicas como uma parte de meu mundo cotidiano mais trivial... Os personagens dele vivem em minha imaginação. A poesia dele está em meu sangue".

Seu interesse por Shakespeare reflete-se no título de seu livro a respeito de distúrbios alimentares, *A coruja era filha do padeiro*, uma linha do texto de Hamlet. Em sua loucura final, Ofélia usa essa frase para aludir ao conto cristão medieval que era conhecido das platéias de Shakespeare: a filha do padeiro, na Noite de Natal, repele um homem faminto, sem perceber que é Cristo. Logo depois, sua casa toda fica repleta de pãezinhos como o que ela se recusou a repartir, e a própria moça é transformada numa coruja. Woodman considera que essa história serve de contexto metafórico para as questões da culpa, da cobiça, da cegueira espiritual e da imagem corporal distorcida.

"As pessoas são propensas a considerar até seus sonhos de uma maneira literal. Você sonha que está fazendo sexo com alguém e pensa: "Oh, sim, eu devo ir mesmo procurar essa pessoa e fazer sexo com ela". Nada poderia estar mais distante da verdade. A linguagem dos sonhos é simbólica. O mundo da alma é metafórico e, se você começar a pôr impulsivamente em prática tudo o que lhe vier em sonhos, estará apenas dando vazão à energia,

sem nenhuma transformação no plano da alma. A sexualidade pode ter a ver com os instintos nos sonhos, mas também pode ter a ver com o arquétipo da união, ou em outras palavras, com o anseio de unirem-se na alma o masculino e o feminino".

Ela acha que a metáfora funciona somente quando lhe é permitido extrair reações específicas e diferenciadas, no seio das psiques específicas e diferenciadas das pessoas. Ela teme a tendência de nossa sociedade de ir em busca de significados "definitivos", mas altamente cerceadores nas metáforas, tais como muitos cristãos tentam atribuir parábolas metafóricas de Jesus. "No instante em que você fixá-lo em pedra", adverte Woodman, "acabou. Morreu!"

Não obstante, Woodman pensa que as metáforas estão bem vivas em nossa cultura. Apesar de sentir que precisamos redescobrir nossa capacidade de reagir ao valor metafórico das histórias, ela acha que as metáforas culturais estão emergindo em novas direções à nossa volta.

"Há novos mitos: histórias em quadrinhos, ficção científica, filmes. A pessoa poderia pensar que a metáfora se tornou obsoleta na cultura até começar a perceber como vem deslizando de volta, pela porta dos fundos, em numerosas áreas. A alma humana reside muito na imaginação, e se você retira o alimento da alma (a metáfora), ela volta sorrateiramente por alguma outra porta."

Essa "alguma outra porta" pode ser a renovada atenção que os contos de fadas têm recebido de autoridades como Marie-Louise von Franz ou Robert Bly. Pode estar na significação simbólica de ícones culturais como James Dean, Marilyn Monroe, ...*E o vento levou*, ou *O mágico de Oz*. Pode irromper na pessoa de contadores de histórias, como Marion Woodman, que, graças a suas credenciais mais "sérias", força-nos a lidar seriamente com a lucidez das metáforas.

6

CONVERSA COM MARION WOODMAN*

Cathie: Ouvi referências suas dizendo que o patriarcado é apegado à mãe. Você poderia explicar isso?

Marion: O patriarcado é considerado sinônimo da masculinidade e as mulheres costumam responsabilizar os homens pelo patriarcado. Mas elas também têm de assumir sua parcela de responsabilidade pelo modo como as coisas estão. É claro que temos sofrido em termos de direitos sociais, empregos, abusos etc. Desde os primórdios da era grega as mulheres têm sido sacrificadas. Mas tem prevalecido uma espécie de coalizão natural e inconsciente: tem-se esperado dos homens que se sacrificuem e das mulheres que desempenhem o papel de vítimas.

Em minha experiência com as mulheres em análise, vejo como para elas é extraordinariamente difícil sair desse papel. Se, por exemplo, ocorre um divórcio, elas freqüentemente querem dar algum presente para o homem. Pode ser dinheiro, a casa, o cachorro — como se estivessem tentando, de alguma maneira, mitigar a culpa por tê-lo abandonado. Parece-me que isso é o resultado de séculos de mulheres atendendo, alimentando e ser-

*Reimpressa de Heartwood, vol. 7, n°s 3 e 4 (julho-outubro 1998). As entrevistadoras eram Cathie Diamond e Susan Riley.

vindo os homens, e até as mais conscientizadas dentre elas podem ainda cair no mesmo ardil.

O fato é que, em sua maioria, os homens são meninos apegados a suas mães. Independentemente de como a família possa ser vista de fora, muitas vezes a esposa é de fato quem manda e o marido dependente dela — tal como o garotinho que depende de sua mãe. Pode-se ver isso com clareza quando a mulher começa a encontrar sua própria maturidade e a pautar-se por sua voz mais autêntica. Os homens então se desestruturam. Não são capazes de levar sua vida sozinhos adiante, assim como tampouco não têm a maturidade — a menos que estejam trabalhando duríssimo consigo mesmos — para estar em posição equiparada das mulheres que, por exemplo, podem dizer: “Quero que você fale comigo, quero saber quais são seus sentimentos. Quero este relacionamento, amo você, mas não estou disposta a ficar cuidando de um garotinho, nem a ser tratada por ele como se ele fosse a minha mãe”.

A dinâmica arquetípica é a dos homens que ficam agradando a Grande Mãe. Quando os homens são apegados às mulheres, não sabem o que sentem e, por isso, não conseguem agir a partir de seus verdadeiros sentimentos. Levaram a vida inteira tentando agradar a Mãe. Quando meninos, durante a infância, seus sentimentos genuínos ou não foram respeitados, ou foram surrados o suficiente para perderem-nos. Já adultos, farão o máximo que puderem para agradar a mulher e é por isso que não funciona. Quando a mulher se revolta contra ser mãe, dizem: “Não importa o que eu lhe dê, ela sempre quer mais”. Em outras palavras, enxergam na mulher a bruxa arquetípica que só toma e continua repetindo: “Não o bastante”.

Cathie: Existe, então, em nossa cultura, uma negação do poder das mulheres?

Marion: Sim, mas veja como existe um arquétipo em ação. Quando uma mulher está genuinamente tentando afastar-se do poder — tentando genuinamente agir movida pelo ponto de amor que existe em seu íntimo — o homem ainda tende a projetar nela aquele velho arquétipo materno que quer tudo. Nas antigas religiões da Grande Deusa, o supremo sacrifício que o homem poderia fazer era depositar seus testículos no altar de Cibele, que era o mesmo que sacrificar a ela sua masculinidade. Então ela ficava satisfeita e é isso o que acontece em muitos casamentos modernos. Se o homem está enganchado numa mãe-bruxa, cedo ou tarde ele se torna impotente e, depois, evidentemente, ela fica furiosa quando ele vai embora com uma mulher mais jovem para a qual ele não é impotente. Isso por um duplo vínculo porque a realidade na qual somos criados, em nossos lares, é a única realidade que conhecemos; se não conhecemos nada além de poder, o poder é o motor de nossos atos.

C: Inconscientemente?

M: Sim, mas depois chamamos esse poder de “amor” ou “lealdade”. Para mim, o exemplo perfeito do patriarcado — e uso “perfeito” num sentido depreciativo, quero dizer o pior exemplo — seria o regime nazista que foi implantado por menininhos — Hitler, Himmler, Göring, Goebbels. Basicamente, esses eram homens apegados a suas mães, garotinhos ferozes que fizeram de tudo para matar o princípio feminino, como a criação das fazendas genéticas nas quais iriam produzir a super-raça. Por conseguinte, do meu ponto de vista, o patriarcado é um princípio orientado pelo poder para o qual o objetivo é tudo — o produto perfeito. No entanto, não há amor pelo processo e tudo o que não contribua para o produto perfeito é aniquilado. Isso contraria tudo o que o princípio feminino defende.

C: Em seus livros, você fala a respeito de mulheres que, alienadas do princípio feminino, tornam-se identificadas com o princípio masculino e adotam valores masculinos. É sobre isso que você está falando?

M: Em parte. O que acontece no patriarcado é que o arquétipo feminino está cindido, como de resto tudo no patriarcado é cindido: trata-se de um mundo de ou isso ou aquilo, ou preto ou branco. Não existe o “isso e aquilo”.

Tudo se torna dicotômico de tal modo que você tem a madona perfeita: casta, no alto de um pedestal, de puro branco. A inteira sedução de uma virgem é que ela é a perfeição. Então, do outro lado, existe a puta, e essas duas não se juntam. É por isso que no mundo patriarcal os homens costumam ter uma esposa e mãe de seus filhos, geralmente a imagem de suas próprias mães — *mamma mia* — e em alguma parte, escondida, a amante com quem vivem o desejo. Na psique de quase todas as mulheres aconteceu a mesma cisão e por isso, ao tentarem tomar consciência de si mesmas, muitas delas percebem-se tendo casado com seu pai. A madona que existe nelas escolhe algum para dispensar-lhes cuidados, oferecer-lhes segurança. Ao amadurecerem, porém, é freqüente sentirem-se sexualmente insatisfeitas com essa espécie de homem, e por isso olham em volta buscando alguém com quem entrar em contato com a própria prostituta interior.

As mulheres apegadas à mãe inconsciente, essas mesmas que vão em busca de papais que cuidem delas, podem virar do avesso e se tornar mães poderosas para seus garotinhos, quando se casam. Tudo isso é inconsciente. Elas não percebem que, se lhes fosse retirado seu papel de mães, não seriam mais ninguém. É por isso que tantas mulheres entram numa depressão terrível quando seus filhos saem de casa. Não têm nenhuma identidade sem alguém de quem serem mães.

C: Quer dizer que estão inconscientemente vivendo sob a égide do arquétipo em vez de relacionarem-se com ele?

M: Estão identificadas com ele. Não têm objetividade. A mulher individual, a mulher dentro do papel, não chegou a tomar consciência. A mulher que ela nasceu para ser não está ali porque ela está identificada com o lado inconsciente de sua própria mãe — sua mãe introjetada. Conforme você aprofunda o nível do trabalho, no cerne do complexo está o arquétipo, a Grande Deusa. Aí existe poder!

C: Quando você fala de uma mulher ser penetrada pelo masculino, isso quer dizer que a mulher tem de se tornar consciente, tem de estar presente para ser penetrada dessa forma?

M: Sim, e ela também tem de ser um vaso muito forte — o princípio feminino é o vaso e isso é tão verdadeiro para a mulher como para o homem. Pense no poeta John Donne, por exemplo. Ele diz: “Nem casto jamais/ exceto se Você me arrebatar”, falando de Deus, falando de si mesmo como poeta ou artista. O artista tem de ser arrebatado pelo inconsciente arquetípico, ou não existe arte. É a feminilidade dele que é arrebatada pela energia arquetípica. Por isso, o vaso tem de ser forte e, ao mesmo tempo, muito flexível. Tem de ser capaz de aumentar para receber o poder do arquétipo, mas somente enquanto dura o arrebatamento. Depois que cessar, o vaso se contrai e o Eu retoma novamente sua identidade.

C: E esse limite é claro?

M: No verdadeiro artista, é. Eles não pensam que foi pelo Eu que criaram suas obras de arte. Elas vieram por meio do Eu, que estava receptivo.

Quando uma mulher está identificada com o arquétipo materno, em vez de numa relação com ele, ela imagina que sabe o que é melhor para os filhos e terá a respeito deles a expectativa de que se comportem conforme ela ordena. Tudo isso pode ser muito inconsciente e nunca dito expressamente, mas o filho sabe que se espera dele certo desempenho. A mulher que não está identificada com o arquétipo sabe que existe um poder muito maior do que ela que criou aquela criança e permitiu que, através dela, tal criatura passasse a existir. Então sua tarefa como mulher é criar um espaço dentro do qual essa criança possa crescer e ser quem é — vir a ser aquela pessoa que nasceu para ser. Em outras palavras, ela servirá de espelho para a criança. A mulher que está nas malhas do poder é tão narcisista quanto o homem aprisionado pelo poder. A única coisa que conseguem enxergar é a si próprios. As crianças são usadas como espelho pelos pais e podem, com isso, ser destruídas.

Muitos terapeutas entram nesse jogo, especialmente aqueles que não passaram por uma análise pessoal. Tudo o que conseguem pensar em ajudar — ajudar os clientes, ou o marido, ou a esposa, tentando satisfazer as necessidades do outro, sem terem a menor idéia de como satisfazer as suas próprias porque foram, quando crianças, filhos de pais narcisistas.

C: Eles atuam suas necessidades — a mãe inconsciente — mas conscientemente pensam que estão dando?

M: Sim, e estão usando a energia do cliente. Estão dizendo ao cliente o que fazer quando não têm idéia do que a vida dele está destinada a ser. Mas, se este repentinamente decide parar, o inferno despenca sobre eles porque são dependentes do paciente. O que o terapeuta fez foi simplesmente recriar o que, antes de mais nada, existia

lutamente conectado com sua cabeça. Tentei dialogar com tais mulheres, mas elas saem literalmente andando: não chegam a sequer se relacionar o suficiente para dialogar sobre o aspecto que levantaram e se mostram incapazes de receber o que eu disse.

Se não há confiança nem receptividade, não existe o funcionamento de um princípio feminino. Sim, a ironia terrível é que as pessoas falam sobre o princípio feminino e lêem anotações, e falam o mais depressa que podem, enquanto o tempo todo seu corpo está completamente cheio de nós. O que são o oposto exato daquilo que está saindo de sua boca. Usam uma linguagem feminina mas ainda pensam segundo pautas de referência patriarciais. Penso que esteja bastante óbvio que o patriarcado está em seus últimos estertores, mas não o descartamos por completo, ainda.

De um ponto de vista mais amplo, o colapso do sistema imunológico no nível do microcosmo — o corpo humano — espelha o que está acontecendo no macrocosmo — a Terra. O sistema imunológico macrósmico está entrando em colapso. Não consegue ajudar suas árvores, não consegue ajudar sua biosfera. E a anorexia! Uma grande quantidade de vícios compensa os extremos da ética perfeccionista, que é o oposto da sabedoria feminina. O sistema está entrando em colapso e as pessoas não conseguem suportá-lo. Dizem: “Se a vida é isso, não estou interessado”. Algumas acham que mandar explodir um outro país seja algum tipo de solução.

Estamos no finalzinho do patriarcado. O que penso que esteja acontecendo é o surgimento da Grande Deusa, do lado feminino de Deus. Denomino-a Sofia. Tenho fé suficiente na evolução da consciência para acreditar que, da mesma forma como em sua vida particular as pessoas em geral não se importam com o princípio feminino a menos que a isso se vejam forçadas por causa de alguma

doença, está acontecendo o mesmo com nosso planeta — nossa Terra está doente. O medo terminará forçando-nos a permitir que a Deusa regresse. Não, ela está abrindo seu caminho à força, gostemos disso ou não. Nunca houve uma consciência feminina no planeta.

Susan: Nunca?

M: Nunca. Poucos indivíduos, alguns dos grandes santos, certamente sabiam o que era a feminilidade. Nos antigos matriarcados não havia consciência do feminino, só a mãe inconsciente. O “Eu” — ego — com seus valores e verdades próprios não estava em operação. No mundo celta, morria-se pela Deusa, mas não havia Eu para dizer: “A vida vale a pena ser vivida”. Eram como terroristas na Palestina ou do IRA que não têm força de Eu suficiente para dizer que a vida vale a pena ser vivida, de modo que morrem de bom grado por uma causa. A consciência feminina tem agido em algumas pessoas, mas não na cultura como um todo.

Penso que agora estamos começando a nos libertar do velho matriarcado e também do patriarcado. Em outras palavras, estamos entrando num relacionamento consciente com nossos complexos materno e paterno. Enquanto planeta, estamos nos encaminhando rumo à maturidade. Estamos tentando descobrir quem somos quando não estamos possuídos por esses complexos. E estamos lutando contra o tempo.

Numa pessoa individualmente considerada esse processo é muito interessante. Você vê o feminino, a menininha que ficou escondida no monte de lixo por quarenta anos, aparecer de repente assim que o velho pai e a velha mãe saem do caminho. Você vê a sonhadora afundar no monte de lixo e revirar aquela coisa toda e subitamente dar de frente com um pequeno par de olhinhos cravados nela, e essa minúscula e frouxinha criatura está tremendo

lá embaixo; a sonhadora então lhe pergunta: “O que você está fazendo aí embaixo?”, e a menininha diz: “Teriam me matado se eu tivesse saído”.

Agora passa a ser nossa tarefa encaminhá-la à maturidade e devolver-lhe a saúde. Pode-se vê-la em sonhos, crescendo, atravessando o rito iniciático da puberdade. Ela se torna uma virgem consciente, que, quando estiver forte o suficiente, será penetrada pelo masculino. Sempre é um mistério quem funciona como o amante; o fato é que, de repente, ela está grávida. Nos termos do mito cristão, esse seria o Espírito Santo. Depois, a moça dá à luz um menino glorioso — um menino dourado, uma criança de energia maravilhosa.

Penso que existe uma masculinidade da qual temos pouco conhecimento. Fizemos um extenso trabalho com o feminino, mas igualmente interessante é a masculinidade que nasce do feminino virgem. Primeiro, a mulher deve resolver suas necessidades, elaborar seus sentimentos e valores. Depois o masculino cresce e diz: “Eu os defenderei; colocá-los-ei em prática no mundo e trabalharei com você em todas as suas atividades criativas”.

C: Seria essa a idéia junguiana do masculino positivo como protetor e companheiro, que permite à mulher estabelecer limites e discriminar?

M: E cortar — que é a parte difícil porque às vezes é o relacionamento que se desfaz. O homem ou a mulher percebem que o antigo relacionamento não vai funcionar, mas existe muito investimento no casamento, filhos e o lar, e dificilmente conseguem suportar esse corte. É então que o masculino deve agir, com amor, e não com poder. Penso que existe uma dimensão do amor que está muito mais distante do que já conhecemos, em termos de cura, de expansão.

Você pode experimentar a cura que se processa por meio do amor que existe entre duas pessoas; você pode

ver a luz no corpo do outro e senti-la no seu mesmo. É uma energia imensa.

S: E é luz?

M: Sim, é luz. Quando falamos do feminino, da feminilidade consciente, penso que estamos falando da luz na matéria, da luz corporificada, da sabedoria do corpo, não de uma massa escura. E, tal como na física, que afirma que a matéria se encaminha para a luz, na psique o inconsciente e a escuridão da matéria desejam encaminhar-se para a luz. Lembram-se dos pintores franceses impressionistas? Pintavam a luz numa flor, a luz nas árvores, numa maçã, na matéria — isso é o que eu chamo de o feminino consciente. Chegamos à percepção consciente de nosso corpo sutil em nosso corpo material e esse é o vaso forte o suficiente para receber a penetração da luz não corporificada.

S: Luz não corporificada?

M: Sim, o espírito, o espírito puro. Quando uma pessoa entra num transe religioso desvinculado do corpo, este comeca a tremer; ela não consegue controlá-lo e perde a consciência. Quando, por outro lado, você está bem enraizado no corpo, e a consciência desse corpo é firme, ele consegue receber uma luz espiritual poderosa. É assim que eu imagino o androgino — a alma (luz corporificada) recebendo o espírito. É aí que se dá a verdadeira criatividade.

C: Você diria então que o processo terapêutico trata de ajudar a pessoa a se preparar para a criatividade?

M: Para mim é exatamente isso. E não é só preparar. É criar. Todos nós, porém, temos bloqueios psíquicos. Às vezes, a energia está exatamente ali e então o sonho dirá: "Bom, agora olhe aqui: alguma coisa está faltando". A noi-

va está pronta; alguém lhe estende o buquê e, geralmente, não existe o noivo — não existe a masculinidade pronta e forte o suficiente para aquele feminino. Claro que isso também se reflete nos relacionamentos externos.

Então o sonho diz: "Você deve cobrir a testa. Menha-a coberta. Você não está pronta". Em outras palavras, mantenha coberto o olho espiritual. É por aí que a luz estará entrando. Depois, é comum que a sonhadora tenha de entrar "no porão que fica embaixo do porão", ou num buraco negro, que é a ligação com o chacra básico. Casamento algum pode acontecer porque o enraizamento no corpo não está forte o suficiente. Uma experiência com a luz num corpo que não está enraizado pode detonar uma psicose.

A força vital irradia-se a partir do chacra básico — a pura alegria de viver: "Estou aqui e estou feliz por isso!" Como um patinho novo — você o vê na água, nadando em meio a todos os perigos, embaixo e em cima da água, como se estivesse completamente a salvo. Bem, muitos e muitos bebês não têm isso. Perderam essa qualidade no processo do parto ou ainda dentro do próprio útero. Sabem que não são bem-vindos. Pegue aquele casal de pais que queria um menino; não há meios de ela ser o que eles queriam. Ela não consegue entrar em contato com seu corpo; portanto, ela vive nos chakras superiores, por puro exercício de sua força de vontade. Ela se determina, pela vontade, a formar-se e ter uma profissão e fazer tudo muito bem e perfeitamente, pensando que um dia ainda descobrirá por que os outros querem viver.

Quando chega a hora do aperto, terá de encarar a questão. Felizmente, ela em geral não aparece senão num estágio mais avançado da análise quando existe certa força do Eu. É uma experiência realmente demolidora você perceber que não quer viver, e igualmente arrasador descobrir que também quer. Acho que esse é um dos proble-

mas que pode irromper na AIDS. Um paciente com AIDS me disse: "Eu quero muito viver, mas não tenho a menor idéia do que isso significa". Também ouvi a mesma coisa de muitas anoréxicas. Esse é o buraco negro. Na dimensão arquetípica, essa é a bruxa que vira tudo em pedra.

C: A Medusa?

M: Sim, você literalmente acorda certo dia de manhã e não consegue se levantar e, quanto a ir trabalhar, esqueça. Não há o menor interesse. Por que se incomodar?

C: Deve ser preciso usar muita força de vontade para viver a despeito dessa sensação.

M: Exato. É nesse ponto que enxergo o vício, na força compulsiva. É essa compulsão de nos forçar a acreditar que a vida vale a pena ser vivida — e pelo amor de Deus não caia da corda-bamba ou vai despencar no abismo. O abismo é aquele buraco negro — é o caos que ameaça se instalar quando entra em colapso a estrutura rígida. Se a vida não assume certa forma da qual temos controle, sentimo-nos aterrorizados. Os alunos universitários dizem-me: "Os exames acabaram, meu tempo não está mais estruturado e estou desperdiçando-o. Não sei o que fazer. Bebo ou faço isto ou aquilo. Fico feliz de as aulas reiniciarem em julho". Isso realmente é uma tristeza. A menos que estejam fazendo alguma coisa que justifique sua existência não são nada. Não conseguem apenas celebrar quem são e brincar.

Adoro aquela passagem do Velho Testamento em que Sabedoria *brinca* em torno do trono de Deus. Tal como brinca uma criança, com total concentração. O mundo inteiro da imaginação se ilumina. Muitas pessoas nunca experimentaram essa sensação que é o que constitui uma parcela considerável da projeção nos relacionamentos. As

pessoas ficam tão deprimidas com as responsabilidades e os deveres do casamento que, quando vêm na vida com quem poderiam brincar, sentem por essa pessoa uma atração fatal. Quando chega então o momento de escolher, ficam desoladas porque não querem perder aquele lado da vida e sabem que não poderão vivê-lo dentro de seu casamento. Acaba, realmente, tornando-se um conflito entre o dever e a responsabilidade, de um lado, e a criatividade e o brincar, de outro. Que decisão mais odiosa.

C: O que seria preciso para que isso mudasse dentro de um casamento?

M: Para mudar o dever e a responsabilidade?

C: Sim.

M: Bom, tanto os homens como as mulheres querem brincar. Picasso brincou até morrer. Quando digo “brincar” quero dizer ter uma relação muito próxima com a imaginação, que constantemente você está criando. Cada minuto é novo, espontâneo. Esse é o princípio feminino. A vida nunca é aborrecida porque sempre existe alguma coisa nova acontecendo. Sem isso nós simplesmente morreríamos. No casamento, ambos devem individualmente dizer: “Vamos imaginar de que maneira poderemos brincar”. Não é preciso dinheiro, apenas um gigantesco salto de fé.

S: Aposto como o dinheiro se torna um problema, apesar disso.

M: Estou certa que sim. As pessoas acham que precisam fazer uma grande viagem ou ter aulas dispendiosas de alguma coisa, porque a imaginação — aquela criaturinha perdida no monte de lixo — tem sido menosprezada desde seu primeiro ano de vida. Dessa forma o mundo da

imaginação nunca pôde desabrochar e a energia teve de recuar até ficar bloqueada. E, geralmente, é um bebê que sai dali de dentro. As pessoas estão morrendo de fome e tentam preencher o buraco negro com comida. Experimentam preenchê-lo com álcool, drogas e sexo. Sentem a presença desse buraco em seu interior, e ele *existe*, mas não é com algo concreto que conseguirão satisfazer essa ânsia. É preciso recorrer à imaginação porque a alma vive de metáforas. Eis o lúdico novamente. A alma quer pintar ou cantar, escrever ou projetar edifícios mas deve contar com a metáfora porque esta reúne a pessoa num todo único. É aí que está a cura. Vivemos numa sociedade muito concretizada.

C: E podemos matar por não termos aquele sentimento de vínculo. Podemos matar a Terra e uns aos outros porque não existe essa conexão.

M: As mulheres (digo “as mulheres” porque penso que de alguma maneira estão um pouco mais adiante mas sei que os homens também estão no mesmo ponto e, quando alcançam um feminino diferenciado, são maravilhosos), muitas delas, sonham que têm de chorar a morte de sua bruxa. Mataram os sentimentos de seu marido sem o saber. A bruxa é tão insensível que feriu a alma de seus filhos e a do marido, para não mencionar a sua própria, e agora a bruxa não sofre nenhum luto. Ela não tem idéia do que fez. É por isso que as pessoas também podem fazer o que fazem com a Terra.

É nesse terreno que acontecer é um gigantesco salto da consciência. Algumas pessoas estão dizendo: “Você não deve abater essa árvore”. Depois outras dirão: “Estas pessoas estão histéricas; são dramáticas demais, histriônicas. Não precisamos dar-lhes nenhuma atenção”. Sua vozes guincham do alto de sua cabeça e não há nenhuma ressonância vindo de seu corpo. É como ouvir um

maravilhoso cardeal com uma corda atada ao pescoço. Sem essa unidade que nos permite falar desde o nível das células em nosso corpo não conseguiremos sintonizar com a unidade da Terra.

C: O que você quer dizer com “entregar-se”?

M: Muitas mulheres odeiam essa palavra. Quando ouvem “entregar-se”, pensam “ceder”, “ser passiva”, e entendem que se trata de se entregar a um homem. Mas a verdade é que é preciso uma imensa coragem para uma entrega consciente.

S: Ao desconhecido?

M: Sim, até mesmo nas menores coisas. Se eu me entrego para o que você está dizendo, se assumo o papel de ouvinte enquanto você fala, então posso receber suas palavras. Momentaneamente eu paro de falar e recebo. Existe nesse receber, porém, imensa energia. Eu recolho, assimilo, processo e depois será sua vez de escutar quando eu lhe der alguma resposta. Há um equilíbrio yin/yang acontecendo: a abertura feminina como uma energia real recebe a assertividade masculina. Quando se faz amor, a entrega é uma imensa energia positiva.

S: Quando você recolhe, também pode ser alimentado pelo que deixou entrar, mas se está o tempo todo indo para fora...

M: Você constrói uma barragem.

S: Certo.

M: Tudo se encaixa porque você sente medo do que alguém irá lhe dizer, gasta muito tempo tentando descobrir como irá reagir e, depois, não terá recebido nada. As pessoas não ouvem umas as outras. Estão com medo de que algu-

ma coisa possa ser uma ameaça e por isso erguem seus bloqueios. Entregar-se permite ao Eu receber. Não existe criatividade em quem não é capaz de entregar-se. Falemos da dança, por exemplo. Enquanto você está só um pra lá dois pra cá, a dança é uma chatice. Mas no instante em que se entregar à música, se você tiver um par que também consiga se entregar, vocês dois decolam. Assista a Baryshnikov. Seu corpo forte é o vaso perfeito. O vaso que não consegue se entregar, não se tornará um grande bailarino. Quando a música começa e o espírito penetra naquele vaso que pode se entregar, assistimos à criatividade, à dança da verdadeira energia, a diversão.

S: Um tipo de poder genuíno, não de poder controlador?

M: Sim, é isso que chamo de estar em poder. Você não tem o menor interesse em controlar quem quer que seja. Há tantas coisas a serem vividas em sua própria vida que não há interesse em controlar mais ninguém.

C: Estava pensando em Baryshnikov e em como ele se transforma no palco quando a energia entra. Ele literalmente se transfigura.

M: Isso acontece com todo grande ator ou cantor. Essa maravilhosa Jessye Norman. Ela é negra, imensa, e, quando canta, é pura energia. Faz você se dar conta de que algumas pessoas precisam ter um corpo grande porque de outra maneira não poderiam conter sua energia.

C: Você poderia comentar alguma coisa sobre a homossexualidade? As lésbicas acham que seus livros às vezes excluem as vivências que elas têm.

M: Não tenho a intenção de excluí-las. Apenas não gosto de escrever sobre coisas que estão fora de minha experiência. Tenho, não obstante, algumas analisandas ho-

mossexuais. No processo onírico diferenciam sua masculinidade da feminilidade e trabalham no sentido de levar essas energias até seu ponto de maturidade, da mesma forma como o fazem os pacientes heterossexuais. Num relacionamento, a masculinidade de um encontra a feminilidade do outro e vice-versa. Há vezes em que as energias são as mesmas. Existem diferenças individuais, evidentemente.

C: Qual, em sua opinião, é o aspecto mais debilitador de nossa cultura?

M: A confusão entre as energias pessoais e transpessoais. Identificar-se com a energia arquetípica em vez de relacionar-se com ela, e, portanto, não viver sua vida como indivíduo. A televisão, os filmes e os esportes — todas as projeções que as pessoas criam. Não sabem qual a diferença entre a imagem arquetípica e sua vida privada. Todos esses cantores “pop” são portadores de projeções, e a garotada pensa: “Ah, se eu pudesse ser como eles”, ou “Eu não sou nada, e eles são tudo”. Os terapeutas também são destinatários de projeções dessa natureza. É um jogo terrível de poder se você entrar nele. A diferenciação é essencial.

C: Uma indicação dessa espécie de dinâmica do poder parece ser uma expressão ausente no olhar e um timbre impotente na voz — não tem ninguém em casa.

M: Ninguém em casa. Há cem anos, Nietzsche disse que Deus estava morto. É verdade. A projeção foi retirada daquela figura de um Deus barbudo no céu, do Grande Pai. Essa energia não está mais na igreja, para uma grande quantidade de pessoas. Mas para onde ela terá ido? As pessoas agora não têm nenhuma idéia do que fazer com ela e então destinam-na a astros do *rock*, ao álcool, aos

bolinhos fritos, aos curadores. Em nossa sociedade extrovertida, tudo está projetado em elementos externos e para nós resta aquele buraco negro interior.

S: Cultuamos alguma coisa ou alguém.

M: Sim, e a vida individual não é vivida. As pessoas vão se dar a todo o trabalho necessário para não escutarem suas próprias vozes interiores. Até mesmo quando estão se exercitando numa caminhada acelerada estão com música nos ouvidos. Sentem verdadeiro pavor do silêncio porque, então, experimentam seu vazio interior. A imaginação está morta ou, no mínimo, adormecida. Eis-nos aqui de volta ao princípio feminino. Termos como “processo” não despertam interesse; “presença” — não há ninguém ali; “paradoxo” — não faz sentido. As coisas são ou pretas, ou brancas. “Receber”, “confiar”, “entregar-se” — são palavras de menininhos. Tudo *ou* nada.

No entanto, mesmo não tendo ninguém em casa é preciso agarrar-se à vida. É somente quando existe presença que você pode se entregar e soltar.

C: Você poderia comentar mais alguma coisa sobre a vida não-vivida?

M: É uma tristeza. Nos sonhos, a pequena alma-passarinho — “Eu simplesmente queria cantar a minha música”. E nunca o fez. A maioria das pessoas não sabe nem que havia uma canção a ser cantada. Simplesmente não sabem.

Vejam, há um outro elemento no buraco negro sobre o qual não falamos. Não só a vida não é vivida como um magneto até mesmo demoníaco fica atraindo o Eu para a inconsciência, dizendo: “Por que ficar cada vez mais gorda, e dormir cada vez mais? Essa história de conscientização é demais”. Esse é o lado negro da Grande Mãe. Se eu

bolinhos fritos, aos curadores. Em nossa sociedade extrovertida, tudo está projetado em elementos externos e para nós resta aquele buraco negro interior.

S: Cultuamos alguma coisa ou alguém.

M: Sim, e a vida individual não é vivida. As pessoas vão se dar a todo o trabalho necessário para não escutarem suas próprias vozes interiores. Até mesmo quando estão se exercitando numa caminhada acelerada estão com música nos ouvidos. Sentem verdadeiro pavor do silêncio porque, então, experimentam seu vazio interior. A imaginação está morta ou, no mínimo, adormecida. Eis-nos aqui de volta ao princípio feminino. Termos como “processo” não despertam interesse; “presença” — não há ninguém ali; “paradoxo” — não faz sentido. As coisas são ou pretas, ou brancas. “Receber”, “confiar”, “entregar-se” — são palavras de menininhos. Tudo *ou* nada.

No entanto, mesmo não tendo ninguém em casa é preciso agarrar-se à vida. É somente quando existe presença que você pode se entregar e soltar.

C: Você poderia comentar mais alguma coisa sobre a vida não-vivida?

M: É uma tristeza. Nos sonhos, a pequena alma-passarinho — “Eu simplesmente queria cantar a minha música”. E nunca o fez. A maioria das pessoas não sabe nem que havia uma canção a ser cantada. Simplesmente não sabem.

Vejam, há um outro elemento no buraco negro sobre o qual não falamos. Não só a vida não é vivida como um magneto até mesmo demoníaco fica atraindo o Eu para a inconsciência, dizendo: “Por que ficar cada vez mais gorda, e dormir cada vez mais? Essa história de conscientização é demais”. Esse é o lado negro da Grande Mãe. Se eu

me identificar com essa voz, logo acabarei pensando que sou feia demais para viver, e então serei instigada a justificar minha existência. Esses extremos não permitem que haja espaço para a vida criativa. Novamente, tudo ou nada.

A mesma coisa se dá com o que eu percebo como o Grande Pai. Sem um relacionamento positivo com o arquétipo masculino, sento-me com minha caneta e rabisco no papel e o que escrevo não passa de uma prosa arrogante. Nada. Mas, se não estou presa aos nós, o presente pode ser entregue. Posso sentir a penetração; posso abrirmo. É como fazer amor. Faço tudo ao meu alcance para preparar o vaso e, então, alguma coisa além acontece, e começo a escrever como se estivesse queimando. Quando essa energia se vai, solto a caneta e sou simplesmente Marion, de novo. Precisamos de ambos os lados para realmente viver nossa vida.

S: É como um ritual, não é, em volta dos arquétipos?

M: Sim, um ritual consciente. Claro, de vez em quando eles se apoderam da cena. De vez em quando chegam quando não estamos preparados. Encruzilhadas, isso sim! A glória e a humildade de sermos humanos. Tudo e nada.

VÍCIO DE PERFEIÇÃO*

Marion Woodman pertence a um grupo de analistas junguianos deste continente cujo trabalho ultrapassou as fronteiras da comunidade psicológica e chamou a atenção de um público muito mais amplo. Seus livros tratam de uma das questões mais profundas de nossa época: a repressão do princípio feminino e seu efeito sobre nossas atitudes diante da natureza e do corpo físico.

Seu interesse pelo tema do vício procede de uma dolorosa experiência pessoal. Depois de lutar ela mesma com a anorexia, em sua juventude, Woodman sofreu um colapso quase total na meia-idade, que a forçou a abandonar sua carreira como professora secundarista de inglês. Dirigiu-se ao Instituto C. G. Jung em Zurique, na Suíça, onde seus sonhos encaminharam-na à senda da autocura. "Eles me disseram que eu devia usar as metáforas positivas que estavam oferecendo e deixar que essa energia trabalhasse em meu corpo", diz ela, comparando esta abordagem com a de Carl O. Simonton, cujo trabalho com pacientes portadores de câncer era, nessa época, praticamente desconhecido.

Woodman decidiu, ainda em Zurique, dar início a uma formação como analista junguiana. Em 1979, de regresso

*Reimpresso do *Yoga Journal* 83 (novembro-dezembro de 1988). O entrevistador foi Stephan Bodian, editor do *Yoga Journal*.

ao Canadá, começou a clinicar em Toronto. Desde então, tem-se especializado no tratamento dos vícios. Seu trabalho terminou convencendo-a de que a verdadeira busca do viciado não é por determinada substância, mas por um significado para sua vida e alimento para sua alma faminta.

O que significa ser viciado?

As pessoas viciadas estão sendo empurradas por uma energia interior na direção de dado objeto — pode ser álcool, comida, drogas, dinheiro, uma outra pessoa. Esse objeto é um substituto para algo que permanece sendo desconhecido para elas; na realidade, esse objeto é a presença de algo ausente, a presença de uma ausência. Sendo assim, quanto mais conseguem esse objeto, mais precisam consegui-lo; quanto mais repletas estão dele, mais vazias se sentem. O vício é um desejo que não encontra seu verdadeiro objeto.

Como você explica essa sensação obsedante de ausência?

Tanto no Oriente como no Ocidente, existe um desejo profundamente entranhado na alma humana, a necessidade mesmo, de transcendermos quem somos. Algum poder superior, algum Deus, considera-nos inaceitáveis tais como somos.

Dedicamos vários milhares de anos a aprender artes de autotranscendência. Inclusa nessa autotranscendência está a busca do Absoluto. Sentimo-nos moralmente obrigados a buscar esse Absoluto e a tornar nossa vida permeável a ele. Os heróis dos contos de fadas, os Cavaleiros do rei Artur, da Távola Redonda, e agora os heróis espaciais buscam-no. “Que a Força esteja com você” ao que levam consigo quando partem para jornadas rumo à terra do nunca.

Os vícios estão baseados no anseio por uma presença. De alguma maneira, os viciados acreditam que po-

dem viver na presença da perfeição: o corpo perfeito, o homem ou a mulher perfeitos, o nirvana perfeito. Os vícos não são apenas a fuga de algo intolerável; são processos de dinâmica arquetípica que buscam a perfeição, seja esta imaginada como o Deus-sol, ou o Santo Graal. Praticamente todos acreditam que qualquer pessoa que valha o que come está interessada nessa busca.

Existem disciplinas associadas a esta busca?

Sim. O Hatha Yoga pode ser uma, especialmente quando mal-entendido, como freqüentemente acontece no Ocidente. Nós, ocidentais, temos a tendência de esquecer que no Oriente as pessoas estão muito mais enraizadas em seu corpo, e suas disciplinas espirituais *incorporam* esse enraizamento. As pessoas que já estão sediadas na cabeça podem usar a ioga equivocadamente para que essa disciplina as leve para ainda mais longe do corpo. Eu mesma pratico *asanas* da ioga e incentivo meus analisandos a fazerem o mesmo, mas apenas nas mãos de um mestre competente que reconheça o perigo que essa disciplina representa em termos de fomentar o desenvolvimento de uma consciência desencarnada, em estado de graça, livre de nossas limitações estruturais. Nossas limitações são cruciais para quem somos. São nossas amigas, não nossas adversárias.

Comente um pouco mais sobre esses perigos envolvidos.

Defendo, de modo irrestrito, a harmonia entre todas as coisas, mas num excessivo número de ocasiões não se encontram presentes as condições para essa harmonia, e as pessoas não têm a disciplina necessária para criá-la. Por exemplo, o drogado no auge da “viagem” pode se sentir em harmonia com todas as coisas, mas na realidade ele não tem uma percepção clara das coisas com as quais afirma estar em harmonia. Ele está apenas fantasiando.

Da mesma forma, os praticantes de ioga podem entrar numa fantasia, em que usam essa disciplina para fugir da realidade e deixar o corpo para trás.

De que maneira isso se relaciona com outros vícios?

O comportamento de vício começa com um anseio de pertencer: ser uma pessoa real numa situação real. Mas, em nossa sociedade, a perfeição se confunde com a realidade. A menos que você finja que é perfeito, não pertence; é considerado desequilibrado, neurótico, desajustado. Na família disfuncional que finge ser feliz, para a qual a comida constitui o centro da reunião familiar, um filho pode se tornar um devorador contumaz, a filha, uma anoréxica, e a terceira criança, uma bulímica. A harmonia e a perfeição é que todos fingem estar presentes às refeições, na realidade, estão ausentes mas todos negam essa ausência. O caçula, duvidando de suas percepções, busca a harmonia pela comida. A negação é um mecanismo fundamental nas famílias geradoras de viciados: a negação do que não está presente, que é uma família amorosa; e a negação do que está presente, que é o vício.

As pessoas viciadas experimentaram verdadeiros traumas. Não conseguem confiar na realidade. A base da realidade — sua capacidade de se fiar nas próprias percepções do que é real — foi-lhes arrancada de sob seus pés e o que existe é uma ausência legítima de confiança no cerne mesmo de seu ser. Por isso, lutam constantemente para se aproximar da realidade ou simulá-la, e não conseguem confiar nem em suas próprias simulações porque elas ficam mudando o tempo todo. O que para elas é essencialmente real, por fim, é uma ausência: a ausência da realidade. O melhor que podem fazer é simular-lhe a presença.

No filme *River's Edge*, Dennis Hopper tem uma companheira, Ella, que é uma boneca. Hopper sabe que Ella

é uma boneca e ele se vira para ela e pergunta: “Nós sabemos disso, não é mesmo, Ella?” Na imaginação dele, a boca aberta da boneca diz “sim”. O público pode ver que Ella é uma boneca, que uma das pernas de Hopper é de plástico, que todo o relacionamento é uma paródia. Se eles conseguirem ou não sentir nos próprios ossos esse trágico comentário sobre a nossa própria sociedade é algo que depende da extensão em que eles mesmos já são feitos de plástico. Muitas pessoas sonham que têm membros de plástico ou corações de plástico, ou que são bonecas, ou que estão apaixonadas por bonecas. Vivem em corpos simulados, num mundo simulado. Não existe nada, enfim, exceto o que elas mesmas houverem inventado, e têm de continuar inventando porque a ausência seria arrasadora. A invenção, a simulação, está satisfazendo necessidades reais; a boneca substitui a companheira de verdade. Mas livrar-se da boneca significa que não existe nenhuma companheira. Quantos romances você conhece que são pura simulação? Mesmo assim, para os que estão “amando”, são a própria existência, porque os enamorados são muito carentes.

Uma questão que assombra os viciados é: “Será que existe alguma coisa real além do que eu invento como real?” Para chegar perto da resposta, os viciados brincam de roleta russa consigo mesmos. Se eu colocar uma bala no revólver e encostar a arma na minha cabeça, tenho uma chance em seis de estourar os miolos. Se eu morrer, então minha pergunta terá sido respondida: alguma coisa é real, além do que eu invento. Se eu não morrer, pelo menos estou vivo e no fio da navalha. É esse o jogo dos anoréxicos, dos jogadores compulsivos, dos alcoólatras, dos “tiradores de racha”. Também o jogo que a nossa cultura, que o nosso planeta está jogando. Até onde conseguiremos nos aproximar da beira do abismo sem despencar nele?

No filme *The Deer Hunter*, por exemplo, a tese era que a América estava no auge de uma “viagem”, como a dos viciados, e que a Guerra do Vietnam foi a roleta russa deste país. Os americanos morreram, e descobrimos que, sim, existe uma outra realidade ali adiante, o mundo não é uma invenção dos americanos. Há certa graça nisso: a fantasia morre. A derrota dos americanos foi uma graça.

E uma nova vida tem início.

Sim. Considerada por este prisma, essa guerra foi uma das coisas mais comovedoras que aconteceu na história da América. Os soldados voltaram mutilados para casa. Ninguém queriavê-los. A imagem do herói conquistador não existia mais. Depois os soldados que tinham passado pelo horror, drogados ou não, disseram: “Você têm de nos reconhecer; nós somos a vida de vocês”. No fracasso do mito do herói conquistador reside a possibilidade de uma nova vida para o planeta. Ao reconhecer nossa própria derrota como heróis conquistadores, reconhecemos nossa própria dimensão humana. Isso é verdade para os mendigos de rua, também, para as mendigas, os sem-teto, os párias de todos os naipes. Nos sonhos, esses personagens são os portadores da nova energia. Não têm o poder de dizer “Seja” e o ser se faz. Eles são parte de nós e nos estão forçando a reconhecer, cultural e individualmente, que devemos abdicar de nosso vício de onipotência. Brincar de Deus é rejeitar nossa realidade humana.

Quando finalmente foi decidido construir um monumento em Washington, tiveram de encarar isso. Não puderam erguer estátuas eretas de soldados lançando granadas contra a população nativa, nem de soldados erguendo a bandeira americana. Essa imagem do herói não era mais possível; os veteranos não se ligavam mais a esses ícones. Em vez disso, uma mulher desenhou uma parede

negra que afunda até o meio da Mãe Terra e nela estão inscritos, um a um, todos os nomes dos mortos em combate. Finalmente a América conseguia seu Muro das Lamentações. As pessoas vão até essa parede e tocam com os dedos os nomes de seus entes queridos, seu corpo, e então choram. É disso que trata a guerra: de lágrimas. É disso que trata a vida real: sofrimento, perda, conflitos e alegria. A sombra e a luz. Aquilo que Keats chamou de “o adeus em que a alma se faz”.

Enquanto os viciados continuarem tentando transcender a si mesmos, e alcançar o céu, afastando-se da Terra e arremessando-se no espírito, são como alguns heróis entalhados em pedra, em pé sozinhos no alto da pilaster, cegos às fezes dos pombos. Em vez de nos transcender, precisamos nos dirigir *para dentro* de quem somos. Estamos falando do insucesso humano — não do fracasso, mas do insucesso que é humano, por oposição à perfeição que estupra a alma.

Tenho a impressão de que a palavra “alma” tem alto valor nos círculos junguianos atuais. O que significa, exatamente?

Para mim, “alma” quer dizer “essência corporificada”, “essência” que vem do verbo em latim *esse*, ser ou estar. A alma é parte espírito, parte matéria. Blake diz que “o corpo é aquela porção da alma percebida pelos cinco sentidos”. Através dos orifícios de nosso corpo, nossa alma interage com o mundo externo. Alguns pães feitos em casa, assim como geléias artesanais de morango, podem alimentar nossa alma; Mozart também. Penso que a alma tenha a ver com aquele ponto em que se cruzam o temporal e o eterno, com aqueles momentos nos quais nos experimentamos e experimentamos os outros em nossa total humanidade — parte animal, parte divina. Tradicionalmente, a alma é considerada de natureza feminina.

na, assim como a matéria é tida como feminina. Enquanto estivermos nesta Terra, o corpo e a alma estão inextricavelmente ligados. Nenhum deles é perfeito segundo referências absolutas. Quando esse ideal perfeccionista começa a divulgar suas ordens e a emitir seus julgamentos, alguma criatura feminina delicada é estuprada em nossos sonhos.

Por que você acha que o vício é tão difundido e presente no momento atual?

A tecnologia está nos levando cada vez mais depressa, obliterando cada vez mais também a alma individual. Séculos e séculos de valores patriarcais enfatizaram atingir metas, conseguir realizar coisas, competir, produzir. Claro que agora estamos apenas começando a rejeitar tais valores porque estamos percebendo que a vida não vale a pena ser vivida se sempre estivermos correndo o mais depressa que pudermos. Meus clientes são quase todas pessoas que finalmente disseram: “Se a vida é isso, não quero viver”.

Sim, mas conquistas e produtividade são o ideal de nossa cultura. O viciado é apenas um exemplo intensificado de uma forma de ser que, de alguma maneira, praticamente todos nós adotamos.

Sim. E ele [ideal] nos foi transmitido por nossos pais e avós. Nossos pais tinham padrões para nós, esperavam de nós determinados desempenhos e nós tentamos corresponder a suas expectativas. Mas quando isso acontece, as crianças aprendem a fazer coisas em vez de serem quem são, e a alma vai para um esconderijo — debaixo de um monte de lixo, nos sonhos, por exemplo. Quando chegam à idade adulta, nunca pensam em suas próprias reações. Em vez disso, ficam raciocinando: “A quem deveria eu agradar aqui, para que minha perfor-

mance fosse a melhor". Depois de você ter agradado mãe e papai, professores, chefe e marido, finalmente chega ao ponto em que começa a se indagar: "Quem sou eu", e: "Quais são as minhas necessidades?" É esse o ponto que muitas pessoas reconhecem como o caminho para o suicídio. Seus ideais perfeccionistas terminaram por atraí-las para fora de sua própria vida. A questão subjacente passa a ser: "Quero viver?"

Alguns viciados decidem que, se é isso que o mundo é, eles não querem de jeito nenhum fazer parte dele. Já outros dizem: "Sim, gostaria de viver, mas não tenho idéia do que isso signifique". Estão intensamente fora de contato com a força vital, com a pura alegria de estarem vivos. Penso que a maioria das pessoas sente essa alegria, e que, por causa disso, permanecem vivendo por pura força de vontade. Depois de algum tempo, essa força de vontade entra em colapso, e é uma boa coisa que isso aconteça, porque então existe a possibilidade de elas se curarem.

Veja, considero a neurose criativamente, como o fazia Jung. A neurose, como um vício, não permitirá que a pessoa continue vivendo uma não-vida vazia. A menos que escolha manter-se cegamente inconsciente, ela enfim perguntará: "O que é essa compulsão que está me destruindo?", e, o que é ainda mais importante: "Quem sou eu?"

Sendo assim, existe, em última análise, uma sabedoria no vício.

Sim, se a pessoa dedicar algum tempo para descobri-la. Eu realmente gosto de trabalhar com viciados, porque são desesperados e sua energia é de grande resistência. Seus sonhos são repletos de lobos, e, mitologicamente, o lobo é o animal de Apolo, o deus-sol e também o deus da criatividade. Esses lobos representam uma fome feroz de alguma coisa; o adicto não sabe do quê. De um ponto de

vista junguiano, a psique encaminha-se naturalmente rumo à sua totalidade. Se nos deixarmos ficar presos num modo de vida que para nós não é certo, ou numa atitude psicológica que já superamos, então aparecem sintomas que nos forçam a sair de nosso ninho, caso estejamos dispostos a lidar com eles. Se escolhermos deixá-los de lado, ficamos a seguir obcecados com alguma coisa que concretize uma genuína necessidade espiritual.

Jung, por exemplo, trabalhou com um dos fundadores dos AA. “O desejo ardente por álcool”, ele escreveu, “é equivalente, num nível inferior, à sede espiritual que nosso ser tem de atingir a totalidade; em termos medievais, diríamos ‘a união com Deus’”. Ele assinalava que álcool é *spiritus*, em latim. Se a energia desse lobo puder ser amorosamente disciplinada e encaminhada no rumo certo, pode tornar-se poderosamente curativa e criativa. É nisso que efetivamente consiste a viagem do dependente: uma busca espiritual que se tornou pervertida. Você percebe essa distorção nos rituais em que os viciados se envolvem. Se você fizer um trabalho criativo com esses rituais, muitas vezes encontrará ali uma profunda atividade religiosa em andamento.

Dê-me um exemplo de um ritual que o viciado pode realizar.

Bom, os comedores contumazes não dirão a ninguém o que estão fazendo na sexta à noite, mas estarão planejando cuidadosamente tudo o que pretendem comer. Em geral, o cardápio inclui alguma coisa doce, alguma coisa feita com leite, alguma coisa feita com grãos. São exatamente esses os alimentos usados nos antigos rituais das deusas. Costumam usar determinada roupa ritual; desligam o telefone, se trancam no quarto, e começam a comer, primeiro conscientemente. Mas, naquele ponto em que o instinto não pode mais ser disciplinado, perdem a consciência e começam a devorar a comida como

um lobo. Não a saboreiam mais; não querem comer aquilo; o que querem é esquecer.

Veja, existe, antes de a comilança começar, uma excitação intensa, uma tremenda antecipação de que agora estão finalmente prestes a escapar ao insuportável mundo bidimensional e chegar até a presença da divina douçura que nutre. Metaforicamente, essa é a Mãe divina. No ritual sagrado, o Eu atravessa o espaço profano e entra no espaço sagrado, onde se rende perante o divino. É disso que se trata. Quando o deus chega, o Eu se abre e se expande e, embora regresse ao espaço profano depois de concluído o ritual, ele tocou a superfície do mundo atemporal que outorga a este todo o seu significado. A chave está na consciência.

O ritual do dependente tem como foco um deus concreto: álcool, apostas em jogos de azar, o hedonismo. Este aniquila seu Eu e lança-o numa inconsciência desprovida de significado. Quando ele desperta, sente-se traído. Em lugar de vinculado a um significado existencial mais rico, está ainda mais distante e isolado. Sua auto-estima naufraga e é comum afundar em fantasias suicidas, tão características de dependentes. O seu impulso básico é natural: trata-se de encontrar uma outra dimensão; seu deus, porém, é errado. Para a maioria das pessoas, a tradição judaico-cristã não contém mais a numinosidade, a luz, a consciência que abastece a alma. Por isso, tentam encontrá-la em sua própria sala de estar.

Em vários de seus livros, você fala do relacionamento com a mãe e da maternagem que não é capaz de ser continente e acolhedora para o bebê, de maneira amorosa. De que maneira isso contribui para o vício?

Enormemente. A mãe que não ama seu próprio corpo não está em contato com sua energia vital. Não consegue servir de espelho para o filho, em seu existir próprio

de ser, e portanto não consegue desenvolver-se o suficiente como “vaso” dotado de limites firmes. Em última instância, essa criança estará sendo desconectada de sua própria vida interior. Mãe é “matéria”, e poucos dentre nós amam sua própria matéria.

Esse amor por nossa própria matéria é transmitida a nós por nossa mãe?

Sim. Mas muito pouco delas, em nossa cultura, têm esse sentimento porque também não o receberam de sua mãe. Muitas mulheres sentem uma tremenda culpa de sua maneira tão precária de ser maternais, mas não são capazes de dar o que não receberam, a menos que façam um trabalho consigo mesmas. Considere o tratamento dispensado ao princípio feminino em nossa cultura. As pessoas dizem que se importam, mas estupram a Mãe Terra em tal velocidade que acabaremos nos destruindo por puro exercício de cega estupidez.

Nesse sentido, o sistema socioeconômico inteiro está envolvido num tipo de vício. Estamos nos destruindo numa compulsão desesperada de consumir.

Sim. Atolado na matéria, a (mãe) concretizada, que compensa a exigência patriarcal de perfeição. Quanto mais tentamos nos transcender, mais nos aprisionamos inconscientemente em nosso próprio materialismo. O microcosmo e o macrocosmo são um o espelho do outro. Da mesma forma como violentamos nosso corpo, violentamos nossa Terra. Colocamos cimento em cima dela, destruímos suas florestas tropicais, sua camada de ozônio. Enquanto isso, tanto homens como mulheres sonham que estão sendo estuprados. O que isso quer dizer, em termos metafóricos? Que nosso corpo/alma feminino está sendo devastado por um princípio de poder que não dá a

mínima para o que acontece conosco, na qualidade de seres humanos. A alma feminina que saberia dançar segundo os régios ritmos da natureza e coreografar então uma vida plena e criativa é considerada lenta, estúpida e irracional.

De alguma maneira, portanto, as mães têm de afirmar seu amor pela vida para poderem transmitir esse amor aos seus filhos.

Mas isso não lhes é possível se elas não tiverem idéia de que existe alguma coisa que não desempenhar-se. Um de meus clientes contou uma história a respeito de como um dia voltou da escola para casa muito tarde, quando ainda era pequeno, porque tinha parado à margem do rio e encontrado algumas pedrinhas muito lindas. Estava com o bolso repleto delas e voltara correndo para casa para dá-las a sua mãe. Esta, furiosa com ele, vira-o de cabeça para baixo e o sacode até que as pedrinhas caiam todas e se espalhem pelo chão. “Agora cate tudo”, ela ordenou, “e jogue fora, na terra, que é o lugar delas”. Para ele, isso foi traumático porque ele realmente adorava aquelas pedrinhas que lhe pareciam numinosas. Sua mãe não tinha a mais pálida percepção de que aquele menino estava lhe oferecendo sua alma. Ela rejeitara o próprio ser dele. Mãe alguma faria isso de modo deliberado, espero. Mas, se ela não tiver essa sensibilidade interiorizada, dará atenção apenas à desobediência, não à alma dele.

Assim, não há a quem culpar. É só que isso é o que tem sido transmitido de uma geração para a seguinte.

É o mundo em que estamos vivendo. E a nossa responsabilidade é tornar-nos conscientes e parar com isso. O feminino está trovejando de ira e dor. O dependente

frenético acaba tendo de encará-lo olho no olho. O nosso mundo frenético também. Temos de descobrir a magnífica consciência de que a matéria está impregnada, de que nosso corpo está repleto. Somos capazes de ver a luz numa roseira, de sentir a energia de uma árvore. Nascemos para viver no amor que permeia toda a vida.

Qual é a alternativa para os seus analisandos que têm problema de vício? De que maneira eles podem curar-se dessa espiral negativa de dependência?

A luta é longa e árdua porque a realidade em que fomos criados é a única realidade que conhecemos. Agimos com os outros da mesma forma como agiram conosco. Se as figuras de autoridade de nossa infância nos trataram imbuídos pelo princípio do poder, exigindo que o menininho e a menininha fossem os melhores, os primeiros da classe, campeões atléticos etc., essa criança terá introjetado esse poder e constantemente se critica, avalia e julga. Uma voz interior está o tempo inteiro dizendo: “Quem eu sou não pode ser amado. Devo fazer alguma coisa especial para merecer amor. Não sou bom o bastante, deveria ser melhor: eu deveria ser capaz de tomar decisões mais depressa, ter mais coragem, deveria, tenho de, é imperioso que”. Qualquer pessoa pode aprender a reconhecer essa voz e distingui-la de sua essência; pode aprender a dizer: “Quem está dizendo isso não sou eu, é meu pai/mãe inconsciente atormentando dentro de minha cabeça. Posso concentrar-me e ouvir minha própria voz, atentando para as minhas verdadeiras necessidades, para os meus próprios sentimentos”. É aí que a cura começa.

Antes de tudo, porém, parece que seria preciso estar a uma distância suficiente para conseguir ver a parte que está atormentando, e também ter disposição ou desejo de se desidentificar dela. Caso contrário, deverá ocorrer uma tendência muito forte de ser arrastado de volta para ela, dizendo: "OK, você está certa, concordo completamente com você. Não passo de um bostinha sem nenhum valor".

Exatamente. Esse é o velho padrão de sempre em ação e não conheço nenhuma saída dele se a pessoa não puder contar com uma forma criativa de saída. Você tem de encontrar sua própria maneira de expressar quem é. Se sua maneira for essa, você não conseguirá inflacionar.

Não podemos encarar de frente essa parte compulsiva em nós?

Podemos, mas é uma causa perdida. É uma energia maligna que quer privar-nos de nossa vida. Encará-la de frente constela sua força negativa.

Então, precisamos fortalecer nossa própria alma, cultivá-la, e assim fazer com que ela atue como uma espécie de escudo de proteção contra o mal.

Se você prometer limitar-se a 500 calorias por dia, ou a parar de fumar ou beber, tudo o que está fazendo é alimentar o inconsciente, que diz: "Não, eu não vou fazer o que você dizendo". Você cria uma série de polaridades que não há como serem resolvidas — tudo é ou inteiramente preto, ou inteiramente branco, você está completamente sóbrio ou completamente descontrolado — e depois fica balançando de lá para cá entre ambos os pólos. Essa é uma maneira muito patriarcal de enxergar as coisas. Leva ao desespero, que é uma inflação negativa.

Literalmente, é uma armadilha porque, em pouquíssimo tempo, o inconsciente terá subjugado o Eu e sua força de vontade estará destruída.

Sim, e se você a vida inteira viveu com algum vício tem um Eu muito fraco, para início de conversa. Na minha opinião, a maneira feminina é o caminho da cura. Em vez de polarizar, o feminino aceita o paradoxo: isto é lindo, e *aquilo*, o oposto, também é lindo. Nossa cultura diz que a magreza é linda, mas isso não quer dizer que as pessoas gordas sejam feias. Na realidade, muitas pessoas ficam diminuídas quando perdem peso. Todo corpo tem o seu tamanho certo para a quantidade de energia que contém. A questão está em manter a energia fluindo em vez de bloqueada na gordura.

De alguma maneira, portanto, o corpo tem uma sabedoria tal que, se deixado por sua própria conta, escolherá seu tamanho natural.

E o corpo também tem uma sabedoria tal que reconhece quando a alma está por demais assustada e muito incapacitada para enfrentar o mundo, a ponto de ter de usar algum tipo de soporífero. A comida, o álcool, ou as drogas, mantêm a dor em limiares mais baixos ou afastam um pouco o medo. Ou um peso corporal excessivo pode agir como couraça de proteção para a alma. Por exemplo, as mulheres que rapidamente perdem 50 quilos podem, subitamente, perceber-se atraentes para os homens. Se elas não houverem se desenvolvido no plano psíquico, serão como garotinhas de cinco anos de idade num corpo maduro. A criança não consegue lidar com a sexualidade e, por isso, o corpo recupera seu peso de novo, como medida de proteção. Ou uma alergia extensa estoura cobrindo a pele toda, ou uma vaginite, ou algum outro sintoma. A verdade é que o corpo é o melhor amigo que temos, embora muitos achem que é nosso pior inimigo. É

como um jumento que é espancado incansavelmente, mas ainda assim tenta conservar o equilíbrio que lhe for possível.

Quando você fala de tentar subjugar o vício pela força de vontade, penso no primeiro dos Doze Passos dos AA, que diz que nós admitimos que somos impotentes diante de nossa vida e que pela força da vontade apenas não poderíamos fazer nada a respeito.

Certo. Ali está o viciado, que quer obter controle sobre todas as coisas, tendo de admitir que é impotente. Mas é o primeiro passo.

Tenho um imenso respeito pelos AA. Muitos dos dependentes com quem estou trabalhando participam dos Alcóolicos Anônimos ou do Devoradores Anônimos (*Overeaters Anonymous*). E os Doze Passos são a progressão natural que aparece nos sonhos. Então me parece que meu trabalho complementa o dos AA em sua ênfase na criatividade e no modo feminino: o cultivo da alma que citamos antes. Você se senta e escuta o seu próprio corpo. Você reflete sobre o que lhe aconteceu naquele dia; escreve, pinta, coloca sua própria alma no papel ou numa canção, ou dança, esculpe, e recorre a qualquer outra maneira que seja a sua via de expressão. Você pode se tornar tão interessada em nutrir e expressar o ser interior que não se sentirá compelida a ir até a geladeira ou o bar. Claro que é preciso uma imensa disciplina para dizer “Pare”.

Qual é a importância da imaginação no processo de cultivo da alma?

O trabalho com a alma é um ato da imaginação. A alma vive de metáforas. Por exemplo, você viu grandes atletas imóveis imaginando-se dando um mergulho ou concluindo as acrobacias nas argolas, depois fazendo isso

de modo concreto. Se eles não conseguirem enxergar-se completando o movimento, sabem que não serão capazes de fazê-lo. Os dependentes sofrem de uma falha da imaginação. Tornam-se prisioneiros de suas atitudes rígidas. Não conseguem imaginar a liberdade e, como negam a realidade, não conseguem mudá-la. Deixam de cumprir determinados ritos necessários de passagem de um estágio da vida para outro, deixam de amadurecer, não largam empregos tediosos nem saem de relacionamentos destrutivos. Deixam de ver o significado do que estão vivendo. Seus sonhos falaria disso, se apenas lhes dessem atenção. As metáforas nos sonhos dão-nos uma imagem de nossa condição psíquica e de como mudá-la.

Então, pela metáfora, o corpo fala com o espírito e o espírito fala com o corpo. Observei que você emprega o termo “metáfora” e não “símbolo”.

Basicamente, são a mesma coisa. Gosto do termo “metáfora” porque vem de uma palavra grega que quer dizer “transformador”. E é exatamente isso que uma metáfora é: ela transforma um tipo de energia em outro. O trabalho de alma encarnacional, o processo do espírito encarnando no corpo. A alma está no corpo pelo tempo que vivermos e tem seu trabalho a fazer, enquanto estivermos aqui. Mas muitas pessoas simplesmente obliteram a alma. Fazem tudo o mais depressa que podem, no trabalho, ou em algum outro tipo de comportamento viciado e a alma se torna cada vez mais frenética. Quanto mais frenética a alma se torna, mais o corpo também entra nesse ritmo desenfreado, pois a alma vive no corpo.

E ficamos lotando nossa vida com coisas materiais, com fazer e realizar, sem dar a menor atenção à necessidade que a alma tem de metáforas, para experimentar momentos estéticos, poéticos, para estar na natureza, em silêncio, escrevendo, e assim por diante.

Sim. Qualquer coisa criativa. Se você dedicar meia hora por dia para seus sonhos ou música — seja qual for seu processo criativo — a alma se aquietá. Você se localiza em seu corpo e se sente alimentado por essa atividade. O vício, pelo contrário, nutre-se do frenesi. Quanto mais a pessoa vai depressa, maior o frenesi, ao passo que sossigar e viver com essas metáforas é regressar ao próprio ser criativo.

Grande parte de meu trabalho com dependentes se concentra em tentar descobrir a metáfora que o objeto da dependência representa para eles e, depois, incentivá-los a conscientizarem-se dessa metáfora. O álcool, por exemplo, representa o espírito pelo qual o viciado anseia. Penso que a comida seja, muito freqüentemente, a mãe positiva, aquela que o dependente não teve.

Vale o mesmo para os relacionamentos compulsivos, nos quais há o anseio pela totalidade mediante a união com uma outra pessoa: essa outra contém a projeção dessa totalidade em forma concreta. Trabalhando com metáforas, tento extrair do sonho uma imagem poderosa e levar a pessoa a concentrar-se sobre ela, meditar sobre ela, percebê-la, refletir a respeito. A meditação sobre a metáfora objetifica a energia e, dessa maneira, transforma-a. Em particular com os problemas psicossomáticos, a força costuma servir de agente curativo muito potente. Ao imaginar a metáfora no corpo e concentrar-se sobre ela, uma nova energia é liberada.

Matéria e espírito cooperam no processo de cura.

Uma anoréxica, por exemplo, pode sonhar que está indo para um casamento, mas esse casamento não pode

começar enquanto determinado trabalho não for feito. Ela não sabe qual é esse trabalho, mas até que seja feito, o olho espiritual deve continuar fechado; a testa, protegida. Depois, é-lhe dito que tem de descer e limpar o lixo que se acumulou no porão. Pode ser às vezes um gato perdido na tubulação do aquecimento, ou uma garotinha enterrada num monte de lixo. Esta está morrendo de fome, tem olhos imensos e olha diretamente para a sonhadora dizendo: "Você está tentando me matar". Em outras palavras, antes que a sonhadora possa continuar em sua busca espiritual, ela tem de limpar o lixo de seu porão, nos níveis mais profundos de seu corpo, nos níveis mais recônditos de sua alma. Ela tem de chegar a um acordo com a criança interior que está à míngua.

Muitas vezes também uma imensa serpente lá embaixo, a qual representa kundalini, e a sonhadora fica assombrada com o poder dessa incrível serpente. Preciso que seja feita uma conexão com o nível mais profundo do corpo antes que esse casamento interior possa acontecer. É muito perigoso tentarmos voar até o espírito antes de estar enraizados em nosso corpo. Muita luz, depressa demais, é uma catástrofe. É isso que acontece com as anoréxicas genuínas. Elas odeiam seu corpo imundo. Querem tanto o nível espiritual, querem tanto a luz, que se dedicam a jejuar até chegar a sentir a euforia. Depois saem correndo para hiperventilar para sentir essa mesma sensação. Mas estão sendo arrancadas da terra e desocuparam seu domicílio corporal.

Por isso é que a criatividade pode ser tão curativa. Porque, para ser criativa, para se dedicar ao cultivo de sua própria alma, a pessoa tem de ouvir seu corpo.

Exatamente. A verdadeira criatividade, o verdadeiro cultivo da alma, vem dessa comunicação profunda com aquele que Jung denominou de mundo arquetípico. É nele

que se encontra o verdadeiro alimento. Mas estar no corpo também significa sofrer; por isso é que a maioria dos dependentes está tentando evitá-lo. O sofrimento é, em última instância, curativo.

Fale mais sobre isso.

Bom, acho que o termo “amor”, em nossa cultura, é jogado para todo lado. Para mim, o verdadeiro amor, a mudança do poder para o amor, envolve um imenso sofrimento. Todo trabalho criativo procede desse nível, no qual partilhamos nosso sofrimento, simplesmente o puro sofrimento de sermos humanos. E é aí que está o verdadeiro amor.

Compaixão, evidentemente, significa “sofrer junto”.

Sim, mas não num nível superficial. Os viciados estão tão ocupados tentando encontrar alguma coisa na superfície que nunca dedicam algum tempo para mergulhar nesse processo em que ocorre a verdadeira cura. Nunca param por um tempo suficiente para permitir uma presença, para estar no presente. Vivem ou num paraíso fantasiado que está no passado, ou numa fantasia de um futuro glorioso. Trancam-se num modo rígido de se comportar na tentativa de conseguirem alguma medida de controle sobre sua vida, o tempo todo aterrorizados de perder o controle e negando o fato de que já o perderam. “Se eu ao menos conseguisse perder peso, se ele ao menos me amasse, se eu apenas pudesse parar de beber, se pelo menos...” é o grito que irrompe, silencioso, de seu coração. A verdadeira imaginação está em ação no dia em que o viciado for capaz de dizer: “Eu sou. Eu sou amado. Eu posso receber amor. Eu me amo. Eu de verdade amo”.

Lembro-me de quando essa constatação me atingiu. Foi como se as cataratas do Niágara se abatessem sobre meu coração e eu fosse um frágil átomo no universo com

uma incrível energia ribombando através de mim. Naque-la noite, sonhei com uma onda gigantesca que vinha irre-mediavelmente em seu curso. Na crista, uma mulher imen-sa cor de chocolate, com seu braço magnífico erguido à semelhança do quadro *Liberdade* de Delacroix. Ela vinha aproximando-se e nada poderia detê-la. Então, eu era uma molécula na onda, em harmonia com incontáveis quanti-dades de outras moléculas. Estávamos todas impregna-das pelo amor que a estava trazendo para terra firme.

É aí que penso que a cura esteja. Estamos sendo forçados a sair de nossas minúsculas caixinhas individuais, cul-turais e nacionais e estamos começando a sonhar com uma consciência corporificada, com uma harmonia global que ecoa por meio de todas as coisas. Essa é a verdadeira pon-te entre o espírito desencarnado e a matéria inconsciente.

Você poderia explicar melhor?

Bom, a meu ver, somos todos dependentes, porque nos experimentamos como vazios que oscilam num espa-ço vazio entre o espírito e a matéria. Localizados em par-te alguma. Alguém, alguma coisa, em algum lugar, deve ter a resposta. Quanto mais nosso espírito tenta escapar desse mundo impossível pela transcendência ou pela teorização (fantasiando ou adotando uma postura faná-tica), mais nosso corpo animal compensa tornando-se uma grande lixeira, consumindo tudo o que levamos para dentro dele. Somos os filhos do criador, sim, mas também somos filhos de uma criadora. Enquanto não a conhecermos por intermédio das metáforas que nascem de nossa própria matéria sagrada, estamos como que prisioneiros de nosso próprio mundo. O poder de cura está na metáfo-ra. A imaginação criativa une o físico e o espiritual, tudo o que é espiritual se representa na carne. Quando per-guntaram a Matisse se ele acreditava em Deus, sua res-posta foi: "Sim, quando estou trabalhando".

O FEMININO CONSCIENTE*

O feminino em muitas formas — como a Madona Negra e a Velha — está emergindo na consciência das pessoas no mundo todo. Que melhor porta-voz haveria para anunciar Sua chegada e divulgar Sua sabedoria do que Marion Woodman?

Common Boundary: Quais são suas idéias atuais? O que a interessa?

Marion Woodman: Neste exato momento, estou interessada numa nova consciência que está se manifestando nos sonhos. Ainda não chegou ao nível consciente do mundo cotidiano, mas as pessoas que cultivam a relação com seus sonhos estão entrando em contato com alguma coisa muito nova, que está aparecendo por meio de metáforas em imagens.

CB: Que tipo de imagens e metáforas?

MW: A Virgem Negra, por exemplo. Ela às vezes aparece chorando, às vezes austera. É escura. Pode mostrar-se como negra, índia ou portuguesa. Penso que é escura por-

*Reimpresso de *Common Boundary*, vol. 7, nº 2(março/abril de 1989). A entrevista foi realizada por Barbara Goodrich-Dunn, conselheira em Washington, D.C., especializando-se em psicoterapia centrada no corpo.

que desconhecida da consciência. Seu senso de humor muitas vezes causticante, capaz de rasgar ao meio a loucura das condutas humanas. É sempre maior que a vida, o que sugere que é uma deusa, destinada a ser mãe de um deus.

Ao largo da história, a Madona Negra tem presidido a fertilidade, a sexualidade e o parto. Ela é a natureza impregnada pelo espírito, aceitando seu próprio corpo como o cálice do espírito. Ela tem a ver com a sacralidade da matéria, com a intersecção entre sexualidade e espiritualidade. Rejeitada pelo patriarcado, sua energia tem arrefecido. Agora está irrompendo nas pessoas e no planeta, cobrando um reconhecimento *consciente*. A integração do que ela simboliza envolve a redenção da matéria.

Eventualmente ela aparece com um filho ao lado. Ele também é um pária, segundo o princípio do poder cuja única façanha seja destruir nossa aldeia global. O filho da Virgem Negra é uma imagem da masculinidade potencial, cuja natureza é muito diferente daquela que geralmente associamos com o patriarcado. Tendemos a confundir o princípio do poder patriarcal, que controla e molda a natureza a qualquer custo, com masculinidade. Se pudermos um dia trazer à consciência o filho da Virgem Negra, nossa concepção da masculinidade madura sofrerá uma transformação radical.

CB: A Madona Negra surge nos sonhos de homens também?

MW: Sim, ela aparece nos sonhos de homens e mulheres que estão refletindo sobre seu mundo interno.

A Virgem Negra costuma aparecer ao ar livre, de modo que está relacionada com a natureza. Minha sensação é que ela tem ligação com a consciência que há na matéria. Não podemos retroceder e nos identificar com

mater, a matéria inconsciente. Por outro lado, nunca houve uma era de feminilidade consciente. O mundo nunca conheceu a Mãe Consciente, muito menos a Mulher Consciente Madura. Temos de nos conectar com ela porque o poder que governa o patriarcado, poder que está violentando a terra, que está na base de todos os vícios, tem de ser transformado. Precisa haver um contraponto a todo esse frenesi, a toda essa aniquilação, ambição, competição, a tanto materialismo. A Virgem Negra é a ponte. Ela é uma figura espiritual num corpo físico, de modo que age como uma ponte entre a cabeça e o coração. Ela é uma figura de sabedoria. No jogo do Tarô, por exemplo, a Sabedoria sempre aparece com um arco-íris emitindo raios. O arco-símbolo da conexão entre o céu e a terra. Íris, que na mitologia também é uma figura sábia, deusa do arco-íris, é a ponte. Para mim a Virgem Negra é uma figura de sabedoria. Sofia quer dizer *sabedoria*, a profunda sabedoria feminina que se manifesta na natureza, incluindo a natureza humana. O primeiro aparecimento de Sofia nos sonhos costuma ser como uma deusa preta.

CB: Como você visualiza a feminilidade consciente manifestando-se?

MW: Comecemos com a maternagem consciente, que é algo muito diferente de uma maternagem inconsciente. A mãe consciente não é identificada com seu papel de mãe. A mãe inconsciente localiza sua significação na vida, a totalidade de sua identidade, no exercício de seu papel materno. Muito freqüentemente, ela acaba sendo a própria imposição do poder sobre seus filhos. A mãe que se identifica com ser mãe tem de ter filhos que comam o que ela lhes dá para comer, e que façam o que ela lhes diz que façam. Eles permanecem filhos em relação à sua maternagem.

CB: Sendo assim, existe a vontade de criar uma forma e uma imagem, de impô-las ao corpo e ao espírito, e de eliminar tudo o que no filho não se coadune com a dita imagem.

MW: Sim, inconscientemente é isso. Essa espécie de maternagem é supostamente motivada pelo amor. Quando o seio está cheio, alguém tem de beber dele. Isso se torna um impulso inconsciente e, é óbvio, não é inteiramente negativo. Quando vou para nosso chalé de verão, por exemplo, mergulho na Mãe. Rendo-me à natureza por umas duas semanas. Escolho agir assim e é maravilhoso. Não sei qual é a hora do dia. Não tenho nenhuma noção de referência racional e organizada. Como e durmo quando sinto vontade. Permito-me sonhar nos braços amorosos da Grande Mãe.

CB: Você vivencia a difusão.

MW: Sim, um entregar-me sem reservas. A natureza é o presente que ela oferece. Nado, contemplo as estrelas, amo as árvores, sinto a energia das pedras quentes, alimento-me dos frutos da Terra Mãe. É fantástico. Mas totalmente inconsciente.

CB: Não há vontade em pauta.

MW: Nenhuma! Não me importo nem em saber que dia é. Geralmente levo uma vida muito disciplinada, mas penso que seja necessário romper, de vez em quando, com essa cadeia. Normalmente, depois de duas semanas, fico muito entediada. Quero voltar a funcionar de maneira consciente.

A feminilidade consciente, entende, não é só um estado de graça inconsciente. Ela implica a percepção consciente da energia da pedra e do amor na ave, na árvore, no ocaso. Uma percepção consciente da harmonia de todas as coisas, do que viver imerso na alma mundial. A

intuição, a sintonia do corpo, está viva, alerta. A capacidade de estar aberto e de receber um estado de alerta. Você sente a harmonia do universo inteiro na própria medula de seus ossos.

CB: Então você experimenta o prazer, mas não o prazer inconsciente do vício sobre o qual você escreve. No prazer viciado, a pessoa está ausente, inconsciente.

MW: No esquecimento do vício não há Eu presente para que a experiência seja trazida de volta ao campo da consciência. Sendo assim, por mais alto que o viciado viaje, o tesouro fica perdido porque não existe chão para onde trazer uma fuga da realidade. Na experiência que estou descrevendo, o Eu se rende a uma outra realidade, mas na qualidade de recipiente consciente. Ele pode trazer o tesouro até a consciência, e a vida fica mais incrementada. Não finjo que entendo o mistério, mas sem dúvida sinto algo de assombroso acontecendo entre mim e outras coisas vivas: uma unidade e uma totalidade que registro nos meus ossos. E disso resulta a ampliação do campo e minha consciência. No estado de vício, a consciência não se amplia. De vez em quando recolhe algumas sementes criativas nesse estado de esquecimento, mas elas não medram a menos que sejam cultivadas, seja em pinturas, na dança, ou escrevendo. Por maior que seja o esquecimento em que me encontro, tento dançar e escrever diariamente.

CB: Isso não acaba por tirá-la de sua difusão?

MW: Não, deixo que meu corpo se torne a música e faça o que quer. Ou deixo que minha caneta passeie por aquela zona de lusco-fusco entre a consciência e o inconsciente. Ela encontra imagens e idéias que meu Eu jamais localizaria.

CB: Parece que você não está organizando, entendendo ou analisando.

MW: Não, de maneira alguma. Às vezes eu danço ou escrevo — movida pela pura necessidade de expressar alegria, angústia ou ira.

CB: Por que você acha que sentimos medo dessa difusão?

MW: Acho que é porque usamos muita energia tentando controlar nossa vida, tentando nos manter disciplinados, atados a relógios e calendários. É preciso uma energia imensa para manter funcionando os mundos que estamos tentando controlar. Enfiamo-nos em caixinhas controladas onde somos reis e rainhas, onde somos onipotentes enquanto conseguirmos manter as tais caixas pequenas o bastante. Mas uma trombada contra essas frágeis estruturas é o caos do inconsciente pronto para nos bombardear como as cataratas do Niágara. Se tivermos um mínimo de consciência que seja, saberemos disso. Sabemos que as nossas caixinhas estão tremendo. As pessoas às vezes sentem esse temor nos seus sonhos e pesadelos.

Num nível mais amplo, o planeta está em risco. Muitas pessoas estão sonhando com terremotos, guerras nucleares, a extinção de espécies animais. As pessoas estão inconscientemente amedrontadas. Esses são sonhos terríveis. Existe um medo imenso de o caos explodir. As pessoas sentem medo de ficar possuídas.

CB: Pelos arquétipos?

MW: Sim, e por bons motivos. Elas não têm um Eu forte o suficiente para lidar com o poder dos arquétipos. Ficam possuídas. É isso que significa a inconsciência. Veja a mãe de quem falei antes. Se você é possuída pelo arquétipo da mãe, você é só “mãe”. Não há Eu dizendo: “Quero assumir a responsabilidade pela minha própria vida, e não

delegá-los aos meus filhos". As pessoas fazem coisas muito estranhas quando se encontram possuídas por um arquétipo. As mulheres, por exemplo, podem tornar-se possuídas pelo arquétipo da vítima ou da mártir e viver a partir dele. É perigoso. Há bons motivos para se ter receio dessa difusão.

CB: Você trabalha basicamente no Canadá e, embora os americanos sejam propensos a considerar uma coisa só o Canadá e os Estados Unidos, eles são países de psicologias muito diferentes. Você percebe também nos Estados Unidos o início da emergência do feminino consciente?

MW: Creio que esteja acontecendo no mundo inteiro. Os americanos estão sonhando com a Virgem Negra. Lembre da mulher que projetou o *Vietnam War Memorial*. Afunda no chão, preto. Você consegue tocar com os dedos aqueles nomes e refletir, afastando-se depois da parede com mais tristeza e também mais sabedoria. Ali se cultiva a alma. É um conceito completamente diferente do que inspira os monumentos fálicos tradicionais, heróicos e pairando até o plano espiritual. Uma das raízes pelas quais quis ir a Washington foi para ver esse monumento. Já o havia visto na televisão. Já tinha testemunhado o efeito incrível que surte nas pessoas, todas as lágrimas e recolhimento para dentro da própria alma. Essa reação deve ter algo a ver com ser possível tocar com os dedos todos aqueles nomes, estar perto e sentindo, alma tocando alma por meio da sagrada matéria do monumento. Vejo o *Vietnam Memorial* como uma Virgem Negra que em seus braços ampara todos os mortos do Vietnam, leva-os até o fundo de sua cálida terra, a sua matéria consciente.

CB: Se a Virgem Negra está vindo, e eu seguramente ouvi isso de outros...

MW: Ela está vindo através dos sonhos. Os sonhos estão adiante da consciência.

CB: Se essa força energética está vindo, que vontade lutará contra ela?

MW: O patriarcado. O patriarcado não cederá facilmente. A tecnologia não irá desistir facilmente. Não estou falando de varrer do mapa os modos patriarcal e mecanicista de ser, mas é preciso que exista um equilíbrio. Veja o caso do lixo tóxico, por exemplo. Por um lado, damos dinheiro ao Terceiro Mundo para que ele coma e falamos então de uma aldeia global, de harmonia e de amor. Depois despejamos nosso lixo tóxico que mata as fazendas do Terceiro Mundo. Eles cobram míseros US\$100 para aceitar um barril de lixo tóxico. Acontece a mesma coisa com a chuva ácida. As fábricas que estão fazendo dinheiro também estão produzindo a chuva ácida. Elas não irão, voluntariamente, fechar as portas. Os cedros morrem e os lagos ficam poluídos, mas o mundo financeiro e político ignora o fato de que, quando uma espécie está extinta, acabou. Custa mais caro processar o lixo do que despejá-lo no lago. Então nós o jogamos no lago!

CB: Você tem falado de como os junguianos são freqüentemente acusados de uma auto-absorção narcisista, clássica de toda forma de psicoterapia. Mas a impressão que dá é que a energia que você tem visto nos sonhos e que vem vindo tem a possibilidade de desafiar a idéia de que a psicoterapia e o trabalho com os sonhos são só *umbigismos* autocentrados. O trabalho consigo mesmos que as pessoas fazem efetivamente ajuda a parir essa energia maior: a alma.

CB: Em lugar de “parir” eu diria “ecoar com”. As almas abandonadas têm uma forma de se trazer luz que decor-

re independentemente de ser feito um trabalho sobre si mesmo ou não. Essas almas estão morrendo à míngua, suplicando por espírito, ansiando por uma união com o divino. Nós as confinamos à prisão quando concretizamos sua agonia. Tentamos satisfazer seu divino anseio com comida, álcool, encontros sexuais. Suas necessidades parecem insaciáveis porque não conseguimos compreender a linguagem em que se expressam. Quando nos vinculamos a nossas almas, ligamo-nos à alma de cada ser humano. Ecoamos com todas as coisas vivas. É aí que acredito que esteja a cura. O *Vietnam Memorial* é uma metáfora de cura.

MW: Você está falando da Alma mundial, não só de um fenômeno psicológico individual?

CB: Sim, estou. Penso que existe aquele momento em que a psicologia passa a ser uma viagem espiritual. Você tem de reconstruir alicerces estragados, lidar com a mãe negativa e com o pai negativo. Mas assim que esses fundamentos houverem sido refeitos, você não conseguirá mais permanecer resvalando nas negatividades. Não só passa a ser tedioso como destrutivo. Acredito que chegue àquele ponto em que a graça começa a participar. Junto com ela vem todo um novo conceito de amor.

CB: Como você percebe a evolução do feminino consciente?

MW: Da mãe consciente, da matéria consciente, vem a Virgem. É nesse estágio que muitos de nós estão tropeçando atualmente, no feminino maduro simbolizado pela Virgem. Digo feminino, mas não no sentido de fêmea, porque esse processo também está se dando com os homens. A Virgem é quem é porque está vivendo próxima de sua verdadeira essência. O verbo *esse* em latim significa ser, estar, no presente do indicativo, eu sou, eu estou.

Ela está ciente de seus sentimentos e valores, de suas necessidades, e tem a coragem de agir segundo esses dinamismos. Ela tem presença. Ela está muito mais interessada no processo do que nos resultados. Ela entende o que é ressonância — a verdade ressoando por seu corpo, como uma câmara de eco dizendo “sim”. Ela recebe.

Todo artista, quer seja homem ou mulher, precisa abrir-se para essa função recipiente, para esse útero, tão largo quanto possível, para deixar que a penetre uma nova vida vinda do inconsciente. Penso que atravessamos uma revolução quando começamos a tentar identificar quais são nossos reais valores. Essa busca está determinando intensos problemas nos relacionamentos.

CB: As mulheres estariam abrindo caminho, nesse sentido?

MW: Sim, principalmente nos relacionamentos. Penso que muitos homens ficam chocados quando vêem que as mulheres realmente mudaram. Eles acham que nós só ficamos rabiscando nossos diários.

CB: Isso é trivialização.

MW: Claro que é. Eles pensam que somos meninhas sentimentais que ficaram escrevendo em seus livrinhos daquela maneira que era típica das vitorianas estereotipadas com seus diarinhos — anotando coisas ingênuas, sem vestígios do processo iniciático. De repente, quando uma mulher diz: “Olha aqui, é assim que eu penso”, seu marido não consegue acreditar que isso está saindo de sua boca. Muitas vezes é o caso de uma verdadeira crise: ela tem de ameaçar deixá-lo para conseguir que ele lhe dê ouvidos. A projeção que ele fez sobre ela de uma bem-amada que venha a ser exatamente quem ele quer que ela seja é proveniente do complexo materno. A mãe tole-

ra qualquer coisa. A mãe é amor incondicional. Quando uma mulher diz: "Você tem de me enxergar como eu sou", ela não é mais a mulher ideal. Mas se o salva-vidas dele é sua mãe-esposa, ele não pode suportar ouvir isso. Seu cordão umbilical está sendo cortado.

As mulheres estão mais propensas a tomar a danteira, mas há homens que também saem na frente. Há muitas mulheres cujas casas de vidro com seus papais-maridões estão sendo estilhaçadas. Penso que, biologicamente, as mulheres estejam mais próximas de seu corpo do que os homens porque elas entram mais depressa em contato com a fúria, o medo e o desespero reprimidos. Os homens só agora estão começando a contatar esses sentimentos, mas a angústia que sentem em seu corpo é igualmente terrível.

Quero dizer ainda uma outra coisa acerca do feminino porque o feminino sempre vem em trios: mitologicamente, existem as três graças, as três Parcas, as três irmãs wyrd. Falamos sobre a Mãe e a Virgem. A terceira é a Velha, a mulher que atravessou suas encruzilhadas. Hécate, a deusa das encruzilhadas, é a Velha. As encruzilhadas na Europa ainda têm pequenos montículos de seixos onde as pessoas colocam as suas pedrinhas em honra da deusa. Esse montículo sempre foram os locais de Hécate. As encruzilhadas representam aqueles lugares nos quais a consciência cruza com o inconsciente; em outras palavras, o ponto em que você deve abdicar da vontade do Eu em nome de uma vontade maior. A Velha já atravessou uma encruzilhada atrás da outra. Já atingiu um ponto de rendição em que as suas exigências de Eu não são mais relevantes. Esse é o lado positivo da Velha. Ela é o instrumento que se rendeu e portanto está desemaranhada.

Estar desemaranhada não quer dizer ser indiferente. Quer dizer que ela esteve lá. Sofreu, mas pode usu-

fruir do sofrimento. Uma pessoa consciente, em presença da dor de uma pessoa inconsciente, pode sofrer mais do que esta. Assim, não que ela não sofra. Não se trata de ela ser indiferente ou alheia. Ela está inteiramente ali, totalmente presente. Não tem mais nada a perder. Pode ser quem é, viver com a verdade nua e crua. Portanto, a Velha pode funcionar como a chave de sintonia do ambiente porque ela é muito real em si mesma. Ela causa impressões de integridade. As pessoas são levadas a se harmonizar com essa sintonia e a sensação que isso causa é de grande soltura. As pessoas podem reagir ao seu próprio e verdadeiro timbre de ser. A Velha pode se dar ao luxo de ser honesta. Não entra mais em joguinhos. Ela conduz a pessoa até aquele espaço de alma em que todos os conflitos externos se dissolvem e é possível vivenciar sua própria essência.

CB: Ouvindo isso, imagino que a viagem até esse estágio envolva uma quantidade enorme de sacrifícios. Penso que seja arriscado chegar a esse estágio.

MW: É arriscado.

CB: Geralmente, quando pensamos sobre a Velha, ela tem uma imagem negativa — não ser amável, por exemplo...

MW: A velha boba que mora no fim da cidade, a bruxa...

CB: A velha louca.

MW: Claro que numa sociedade egoísta e narcisista esse tipo de feminilidade parece de fato louca, a menos que você realmente esteja em apuros e queira alguém que compreenda e seja empática e não tenha o menor desejo do poder. Essa pessoa não tem nada a perder. Quem ela é não lhe pode ser usurpado. Ela não investe no Eu. Portanto, não há poder em ação. Essa é a espécie de pessoa

com quem se pode falar honestamente, em quem se confia profundamente. Ela não tem motivos para persuadir o outro a fazer ou ser qualquer coisa além do que ele é. É assim que essa pessoa serve de espelho perfeito para o outro. Você fala com ela e ela lhe devolve sem distorções o que recolheu. Não pretendo idealizá-la. Sei que existe um lado negativo na Velha, mas sua própria chave de sintonia poderá dizer-lhe se ela atravessou ou não suas próprias encruzilhadas. Se ela não o tiver feito, não confie nela. Ela estará interessada em poder. Outra qualidade da Velha madura é uma masculinidade desenvolvida.

CB: Em que sentido?

MW: Penso nessa masculinidade como um atributo de grande discernimento, desprovido de sentimentalismos. Ela seria capaz de talhar, usando uma espada de bom gume. Seria capaz de ver o que não é mais essencial à vida — por exemplo, um relacionamento que se tornou destrutivo. Ela o perceberia, veria do que se trata até o seu cerne mesmo, e desbastaria o que fosse desnecessário, eliminando, porém, com amor. Sempre vejo sua imagem como um personagem que empunha uma espada de ouro com punho de prata. Toda a condutibilidade do ouro manejada porém pelo amor da prata. O masculino e o feminino unidos. Ela tem aquela espécie de sabedoria que leva a vida com uma pitada de sal, que sorri da divina comédia.

Conheci quatro ou cinco Velhas, duas das quais eram homens. Procurei por eles quando achei que não conseguiria mais ir adiante. O amor que vinha deles era palpável. Zero conselhos. Simplesmente ser; dizer quase nada. Eu soube que estava sendo totalmente vista e totalmente compreendida. Eles conseguiram constelar meu próprio curador interno porque puderam ver-me tal como sou.

CB: A condição da Velha é a veracidade. O fato de que não existem mais ilusões cria um “vaso”. Você fica nu. Isso cura.

MW: Exatamente. Quando você está nu, a verdade o libera por mais terrível que ela seja. Ela também está disposta a ficar nua. Agora estamos de volta à Virgem Negra. O amor real acontece quando uma alma corporificada encontra outra alma corporificada. Não no plano do espírito, não naquele mundo não corporal em que nosso desejo é ser perfeitos, mas na vida, quando estamos trocando as fraldas de alguém que amamos e que está morrendo de câncer, limpando seus lábios com um pano macio, quando estamos fazendo coisas que não achávamos que fôssemos acabar fazendo, quando nos vemos destituídos de todo resquício de orgulho. Nossa amigo está despidos: nós estamos despidos. Não há falsa modéstia. Estamos despidos de tudo o que não é real e os dois estávamos ali juntos. Não consigo sequer traduzir isso em palavras. Quando a alma se encontra com a alma é o amor.

Isso não tem nada a ver com o que geralmente é tido como amor em nossa cultura. Esse “amor” não passa de uma necessidade neurótica. Aquele é uma força como a emanada por um instrumento afinado com precisão, por um vaso forte o suficiente para recebê-lo. Ele abre seu coração. A verdadeira Velha pode levar a pessoa a entrar em contato com isso. Conheci um senhor, uma Velha maravilhosa, que salvou-me a vida. E. A. Bennet, sobre quem escrevo em meus livros, era um analista de 80 anos. Ele conseguiu colocar-me em contato com meus sentimentos quando eu, esperta e racional demais, não conseguia sentir nada. Ele simplesmente se sentou e ficou sentindo, por mim, até eu receber a mensagem. Lágrimas rolavam por meu rosto não porque eu estivesse triste, mas porque eu comecei a me reconhecer. Eu estava recolhen-

do dele o meu próprio sentir. Depois percebi o que realmente valorizo. Ele conseguiu perceber os valores afetivos dos quais eu havia perdido o rastro.

Acredito que essas pessoas serão incrivelmente importantes no futuro. É inacreditável como as pessoas idosas são tratadas em nossa cultura, como as pessoas que a vida toda foram homenageadas são simplesmente jogadas no lixo. De tantas maneiras minúsculas o sentir é basicamente jogado de lado... Não sei como recapturá-lo sem estar com alguém que saiba sentir. Talvez um ataque do coração, um colapso no funcionamento dos rins, por exemplo...

CB: Você leva isso muito a sério.

MW: Não sou evangélica, mas trabalho todo dia com angústias que são quase insuportáveis. Quando percebo como sofre a alma humana e com que coragem e força as pessoas estão silenciosamente vivendo, simplesmente me assombro com as coisas pelas quais elas passam. E ninguém sabe. Para mim é uma grande honra e responsabilidade partilhar a vida nesse nível e presto meus respeitos a esse compartilhamento. Talvez você pudesse dizer que eu não estaria sentada aqui se eu não tivesse levado isso a sério. Eu fiquei muito doente, acabada. Ou eu levava a sério ou morria. Ainda levo. Também tenho sentimentos igualmente fortes com respeito à terra.

Quando me vem a imagem dessa esferinha vulnerável girando pelo universo, e estudo os dinamismos dos sonhos que as pessoas me relatam, convenço-me de que a consciência está tentando se distanciar do poder para se aproximar do amor. Para sermos uma aldeia global, membros dessa comunidade maior, recebendo-nos uns aos outros com todas as nossas diferenças, precisamos nos aceitar como seres humanos imperfeitos. Isso implica todo um novo entendimento do que é o amor.

CB: As imagens do amor na mídia...

MW: Lixo sentimentalóide.

CB: Pueril, carente ou romântico. Rouba os sentimentos. Eu não tenho de sentir porque sentem por mim.

CB: É exatamente esse o problema. Se não fosse tão perigoso, eu não me incomodaria tanto com isso. O sentimentalismo priva-nos do nosso verdadeiro sentir. Você enxerga isso na televisão. As notícias estão todas infestadas de sentimentalismos. Onde estão os verdadeiros sentimentos? Nas relações, as pessoas ficam emaranhadas no sentimentalismo e correm para instituir romances idealizados. Isso é apenas uma forma de evitar sua própria realidade e a de todas as pessoas. É uma criancice, não uma atitude pueril.

CB: Associo sentimentalismo com comportamento de vício, chorando na cerveja, ou exagerando na expansividade social, como as pessoas agem quando estão sob o efeito de drogas.

MW: Concordo. Nem o sentimentalismo, nem as condutas de vício estão ancoradas na musculatura do corpo. As pessoas sentimentalistas sentem pena daquelas que têm sentimentos verdadeiros. O sentimentalismo olha com desdém a vida que é vivida em sua plenitude. Ele teme o verdadeiro sentir. Por outro lado, o verdadeiro sentir pulveriza o sentimentalismo. O sentimentalismo vulgariza a cultura e trai os relacionamentos. As pessoas que sentem pavor de sofrer não se permitem vivenciar a realidade. Sofrem neuroticamente, mas não vivem o conflito real. E, como têm medo de morrer, ficam imobilizadas. Eis o problema dos vícios. Entenda-me bem, não penso que a vida seja só sofrimentos.

CB: Não é isso o que ouço. Você vai para sua ilha todos os anos. Você desfruta de bons momentos.

MW: Eu me divirto imensamente. Penso que a vida seja uma coisa maravilhosa. Gostaria de ter trinta anos. Talvez haja uma outra vida. Mas, veja, o paradoxo é contínuo. Se você está na realidade, então sim, você sofre, mas também experimenta o júbilo da realidade, a pura felicidade de sair para andar e enxergar aquela árvore, aquela árvore fantasticamente ereta logo adiante. Olhe para ela: é uma maravilha! Você sabe que está aqui, presente no momento! E com as pessoas, é a mesma coisa. Você está dando energia; recebendo energia. É um fluxo ininterrupto.

Então, quando você fica diante da morte, quando sabe que viveu sua vida, em toda a sua plenitude, está pronto para ir para um novo capítulo. Se você não a viveu, se nunca esteve aqui, nunca esteve presente, estou certo de que sentirá um medo terrível da morte porque sua vida toda foi tão-somente uma ausência. Você a perdeu. Bom, por todos os céus, eu não pretendo perder a minha.

MARION WOODMAN EM PERSPECTIVA*

A analista e escritora Marion Woodman está sendo atualmente muito solicitada. Quando essa antiga professora de inglês para o colegial não está dividindo seu tempo entre um consultório lotado em Toronto e sua casa em London, Ontário, está dando palestras, uma atrás da outra.

Essa consagração ainda a pega desprevenida, de vez em quando. Certa vez, a caminho de uma palestra em São Francisco, Woodman estava vindo do aeroporto com seu anfitrião quando reparou numa longa fila de pessoas que, amontoadas embaixo de seus guarda-chuvas, esperavam por alguém embaixo de um aguaceiro. Isso a fez pensar que estaria perdendo alguma coisa.

Perguntou: "Quem está na cidade?"

"Woodman", foi a resposta.

A grande atratividade do trabalho de Marion Woodman reside, em parte, em sua prosa vívida, repleta de imagens, que reveste de carne o intangível e torna inteligível conceitos abstrusos; porém, o que a faz destacar-se é que trata de uma necessidade profunda em todos nós. Woodman é uma analista que se especializou em reunir corpo e alma, nesta era em que um número cada vez maior

*Artigo de jornal de Hans Werner, escritor *freelance*, que em 1990 foi convidado pelo *Toronto Star* (Toronto, Ontário) para esta matéria. Inédito.

de pessoas consigna seu corpo a uma pilha invejável de vícios e a maioria não sabe sequer que tem uma alma.

Esta era por ela caracterizada como aquela em que os valores patriarcais tornaram-se uma paródia de si mesmos. Em face da celebração da tecnologia, a dinâmica do poder em sua forma de controle e competição atingiu grande intensidade e, assim, alijou-nos dos sentimentos, da alma, e, em última instância, da própria Terra.

Para ela, essa crise é auto-evidente na disseminação das doenças cardíacas, na violentação da qual o planeta é vítima e em nosso vergonhoso modo de tratar nossos povos nativos. Observando que os sonhos das pessoas estão cada vez mais trazendo imagens de campos de concentração, de vigilantes, e de estranhos armados invadindo casas, Woodman assinala que a liberdade individual e as responsabilidades que a acompanham estão correndo o risco de degenerar em mera fantasia.

E, para ela, qualquer fantasia — seja a da liberdade, seja a de um casamento feliz — é um vício. Para ela, vício é tudo aquilo que fazemos para evitar ouvir as mensagens que o corpo e a alma estão tentando nos enviar; o vício pode assumir a forma do uso de drogas que nos fazem ir até o esquecimento, da ingestão de álcool até atingirmos um estado de estupor, ou de alimentos até atingirmos a obesidade, da evitação de alimentos até que o jejum nos tenha transformado em espantalhos, ou da corrida desenfreada até o ataque cardíaco, na busca alucinada pela aquisição de mais uma propriedade.

Naturalmente, preferimos fingir que nada disso está realmente acontecendo, ou que inventaram alguma coisa tecnológica ou descobriram alguma nova droga que conseguirá nos salvar no momento final. Woodman chama isso de viver em constante estado de negação, que é o que os dependentes praticam. Estamos constantemente

fugindo de nós mesmos com medo de descobrir que, lá no fundo, onde realmente vivemos, não tem ninguém. E isso seria insuportável. “O maior problema em nossa sociedade”, ela diz, é “que as pessoas não querem assumir a responsabilidade por si mesmas”.

Os viciados não conseguem agüentar dor, de modo que geralmente são muito hábeis em lançá-la para alguém, como um parente ou cônjuge. A capacidade que os viciados têm de emboscar psicologicamente seus cônjuges com sua vitimização e seus jogos autodestrutivos deu recentemente azo a uma ampla discussão sobre a co-dependência e ao surgimento de um sem-número de livros de auto-ajuda ou de teor confessional, destinados a libertar o co-dependente do círculo vicioso que significa para ele viver com um dependente.

Embora Woodman elogie esses esforços porque, no mínimo, levam as pessoas a refletir sobre o assunto e dão ao co-dependente alguma base sobre a qual se situar, ela mesma adota uma perspectiva muito mais profunda. Não há jeitinhos rápidos, ela diz, e ficar contando com livros ou especialistas pode tornar-se apenas uma outra forma de dependência. “Enquanto não localizarmos o co-dependente em nós, sempre acabaremos tornando-nos dependentes de alguém ou de alguma coisa”.

A mesma reflexão intransigente está por trás de sua análise da incessante luta entre os sexos, que é o tema de seu *The Ravaged Bridegroom*. Segundo a teoria jungiana, o homem tem um lado feminino, e a mulher, um lado masculino e, da mesma forma como a feminilidade do homem foi deformada pelo machismo, a masculinidade da mulher também. É essa masculinidade deformada que a mulher projeta no parceiro que, muito provavelmente, termina se transformando num alcoólatra, ou num marido que comete toda sorte de abusos; em resumo, um “noivo destroçado”.

“Somos todos vítimas do patriarcado”, diz Woodman. Um acontecimento horrivelmente sincrônico trouxe-lhe para dentro de sua própria casa essa constatação quando, durante o preparo desse livro, ao ligar a TV certa noite, ela ouviu a notícia do massacre de catorze mulheres, na Politécnica de Montreal. “Um ódio profundamente entranhado das mulheres explodiu das entradas de uma arma semi-automática”, ela escreveu num acréscimo de último minuto à introdução *The Ravaged Bridegroom*, “e escancara em todo o seu tamanho o arsenal de medo, amargura e ira”.

Se os homens temem o feminino, as mulheres também o temem. Como um par de espelhos um diante do outro, os dois aspectos de nosso psiquismo refletem suas recíprocas deficiências; parceiros masculinos destroçados mutilaram o feminino. Isso é verdade em homens e em mulheres.

Para Woodman, o matriarcado não oferece solução. Na realidade, o pensamento junguiano difere de algumas ideologias feministas radicais ao sustentar que o patriarcado não é ruim. Como explicou melhor Erich Neumann em seu *The Origin and Evolution of Consciousness*, o patriarcado foi um passo evolutivo necessário rumo à consciência. Para Woodman, o desafio que hoje se nos confronta, no entanto, consiste em descobrir o que é a feminilidade consciente, em identificar o que ela chama de “a luz na matéria”. Em termos junguianos, o feminino é aproximadamente equivalente a alma.

Woodman diz que as crianças e os adolescentes ainda têm vislumbres do que a alma é, porém, os índices crescentes de suicídio entre jovens não a surpreendem exatamente. “Se você não tem permissão para viver sua própria vida”, ela dá de ombros, “porque então se importar?” Os adolescentes sentem, mas seus sentimentos são afitolhidos por todos os lados pelas ilusões dos adultos. Afi-

nal de contas, os demônios existem em nosso próprio psiquismo e enquanto não tivermos coragem suficiente para confrontá-los lá eles continuarão envenenando tanto a atmosfera à nossa volta quanto em nosso interior. Woodman, que conhece o que são os dois tipos de distúrbios alimentares — a obesidade e a anorexia — sabe do que fala. Era filha de um ministro da Igreja Universal que durante toda a sua juventude ficou mudando de um lugar para outro pelo sudoeste de Ontário, a cada cinco anos, mas conseguiu, finalmente, formar-se em Língua Inglesa e logo em seguida passou a lecionar literatura e drama criativo na Escola Secundária Sul de London, Ontário, posto em que permaneceu por vinte e um anos. Foi quando seu corpo entrou em colapso e sua vida como professora chegou ao fim.

Sua busca por respostas, que incluiu uma viagem até a Índia para encontrar um guru, levou a nada até que um impulso interior, acionado pelo trabalho intenso com um analista junguiano na Inglaterra, levou-a ao Instituto Jung, em Zurique. Ali ela passou cinco anos, voltando ao Canadá em 1979 para dar início a seu consultório.

Quando encontrei Marion Woodman em seu consultório no mesmo edifício em que também funciona a *Toronto's Jung Foundation*, a primeira coisa que ela disse foi "Bom dia"; a segunda foi: "Eu não tenho um rosto".

Ela comenta que as pessoas acham que ela tem qualquer idade entre 40 e 70 anos, "dependendo de quando me vem". Depois ela abre um espelho compacto em cima de sua escrivaninha e começa a pôr maquiagem. Resta-me acompanhar os raios de sol irisados que vêm dançando através das vidraças de sua sala. Não que esta se pareça muito com um consultório. Seria mais fácil pensar que se está numa venerável mansão Rosedale elegantemente decorada com antiguidades, até que alguns objetos — poucos mas estrategicamente colocados —, atraem o olhar.

Há um par de presas de elefante em miniatura repletas de espigas de milho e trigo em miniatura (o que acaba se revelando uma réplica de um altar oriental), uma réplica de uma catedral medieval entalhada, uma boneca Navajo para rituais de cura, uma virgem negra da Suíça, uma morsa dançante entalhada em osso, um Buda reclinado, um deus e uma deusa da fertilidade, em bronze, da era Paleolítica. Na parede, atrás de sua cadeira de analista, está uma grande reprodução da obra de Leonardo *Santa Ana, a Virgem e a criança*. E há também um Miró que ela chama de escrita da alma.

“Nesta sala estão os meus objetos de alma”, diz Woodman. “Os analisandos geralmente não sabem que viram essas imagens senão quando elas acabam aparecendo em seus próprios sonhos. Elas são imagens arquetípicas doadoras de fora, adormecidas na psique”.

Se isso soa como se nossos crânios fossem habitados por uma miscelânea de criaturas fantasmagóricas, algumas religiosas e curadoras, outras diabólicas e destruidoras, não estamos longe da verdade. Os arquétipos são o modo de nossas energias essenciais (instintos) nos erguerem o espelho onde nossa consciência pode se mirar. As diabólicas são geralmente aquelas partes de nós que não queremos conhecer e que rapidamente despejamos em alguém. Em outros casos, podemos “vender” nossa parte curadora para um guru, um “especialista”, um catequisador, um analista, algum deus...

“É um processo natural”, diz Woodman. “Projetamos nos outros aquilo que eles não sabem de nós.”

No fundo dessa floresta habita a alma — da melhor maneira possível. Woodman acentua que nos sonhos dos pacientes a alma geralmente aparece como um prisioneiro ou uma criatura abandonada, uma criança desnutrida, um órfão de Biafra. Mas a psique quer-nos inteiros, ela insiste, e então fala de um processo interno de cura.

Cada um de nós em seu próprio e singular psiquismo, o que efetivamente limita a utilidade dos livros de auto-ajuda e a dos especialistas. O máximo que uma pessoa de fora (incluindo o analista) pode esperar fazer é ajudar a colocar o indivíduo em contato com seu processo interior. “Você tem de seguir suas próprias imagens”, diz Woodman. “É a única maneira de descobrir quem você é”.

Marion Woodman acredita que a alma gosta de brincar como as crianças brincam, quer dizer, de modo espontâneo, apaixonado, concentrado, deleitando-se simplesmente através dos seus sentidos. “Se você não consegue desfrutar o que está à frente de seus olhos, a vida não vale a pena ser vivida”. As descrições da anemia e da apatia que decorrem dessa negação começam a soar bastante como os sintomas do que vem sendo chamado de a *Doença Yuppie*.

De uma maneira muito real, comenta Woodman, corpo e alma são um só. “Recebemos o corpo por algum motivo. Se você fica o tempo todo tentando escapar dele, acabará matando-o. Isso também é verdade para a nossa Terra. Se você a enterrar sob uma montanha de lixo, ela perecerá”. Ao longo das eras, e nos mitos do mundo inteiro, tanto a Terra como a alma sempre foram consideradas entidades femininas.

Woodman aconselha-me a olhar mais de perto a morsa que dança. Criatura corpulenta e desengonçada, com um pé suspenso à beira de um bom pisão de marcação de ritmo e barbatanas abanando no tom certo, ela começa a adquirir uma graciosidade fluida. É mesmo, que criatura feliz essa!

“É uma fêmea”, Woodman protesta, diante de minha recusa de enxergar o que está bem diante de meus olhos. “Veja os quadris”.

A ENERGIA DA DEUSA ESTÁ TENTANDO NOS SALVAR*

A. Robert Smith: Fico intrigado com o crescente interesse que os psicoterapeutas têm demonstrado pela dimensão espiritual. Será que só é nova para mim essa idéia da dimensão espiritual ser importante para a cura, ou realmente é uma coisa nova nessa profissão?

Marion Woodman: Eu diria que é um processo natural de crescimento. Quanto mais você se aprofunda no entendimento de si mesmo, mais percebe que o reino de Deus está dentro de nós. E, certamente, se você se dedicar ao processo dos sonhos, ele o conduzirá à dimensão religiosa. Assim, ao encontrar o “eu”, você também está encontrando o “eu” que é o Deus interior. E, ao descobrir isso, descobre Deus nas outras pessoas, nas plantas, nos animais — essa alma que dá a vida e está em tudo. Você percebe que, enquanto está encontrando sua própria alma, está descobrindo também que é uma criatura *encapsulada numa alma*, que existe uma alma a que todos pertencemos. Quando trabalhamos com nossos alicerces corroídos, que é o que fazemos em terapia, temos de reconhecer onde estamos estragados. Para nos livrar desse estrago,

*Reproduzido de *Venture Inward*, vol. 6, nº 2 (março/abril de 1990), periódico da Association for Research and Enlightenment, especializada no trabalho de Edgar Cayce. A. Robert Smith é seu editor.

A ENERGIA DA DEUSA ESTÁ TENTANDO NOS SALVAR*

A. Robert Smith: Fico intrigado com o crescente interesse que os psicoterapeutas têm demonstrado pela dimensão espiritual. Será que só é nova para mim essa idéia da dimensão espiritual ser importante para a cura, ou realmente é uma coisa nova nessa profissão?

Marion Woodman: Eu diria que é um processo natural de crescimento. Quanto mais você se aprofunda no entendimento de si mesmo, mais percebe que o reino de Deus está dentro de nós. E, certamente, se você se dedicar ao processo dos sonhos, ele o conduzirá à dimensão religiosa. Assim, ao encontrar o “eu”, você também está encontrando o “eu” que é o Deus interior. E, ao descobrir isso, descobre Deus nas outras pessoas, nas plantas, nos animais — essa alma que dá a vida e está em tudo. Você percebe que, enquanto está encontrando sua própria alma, está descobrindo também que é uma criatura *encapsulada numa alma*, que existe uma alma a que todos pertencemos. Quando trabalhamos com nossos alicerces corroídos, que é o que fazemos em terapia, temos de reconhecer onde estamos estragados. Para nos livrar desse estrago,

*Reproduzido de *Venture Inward*, vol. 6, nº 2 (março/abril de 1990), periódico da Association for Research and Enlightenment, especializada no trabalho de Edgar Cayce. A. Robert Smith é seu editor.

precisamos cavar muito fundo. Ao mesmo tempo, estaremos encontrando essa alma magnífica que até então se encontra enterrada embaixo dele.

RS: Os psicólogos sempre reconheceram a alma?

MW: Psique significa alma. A psicologia é o conhecimento da alma. Seria sumamente irônico explorar o conhecimento do que não existe, embora percebamos que é o que alguns terapeutas fazem. Jung reconhecia a alma. Ele falou da alma no homem, a *anima*. Ele também reconheceu a dimensão espiritual das imagens oníricas que coligam a pessoa ao que ele chamou de Si-mesmo. O Si-mesmo é a imagem-Deus interior, como a bola de ouro dos contos de fadas. Essa bola de ouro leva-o para onde você precisar ser levado a fim de encontrar todas as partes de si mesmo. Seu objetivo não é a perfeição (que consiste numa atitude muito unilateral perante a vida), mas a sua totalidade singular. Durante esse processo, você pode não saber o que está fazendo, mas, quando olha para trás, vê que esse desconhecido criador de sonhos o esteve guiando por um caminho de muitas voltas até encontrar sua totalidade.

Acredito que muitas pessoas iniciam uma terapia pensando que encontrarão os bloqueios, que pegarão a energia que está represada no complexo da mãe negativa e do pai negativo, por exemplo, e a liberta desses complexos para que ela então se torne disponível ao Eu. Mas a jornada acaba revelando-se tão fascinante, que tendem a continuar nela. O Eu em processo de desabrochar começa a se relacionar com sua própria criatividade e com a criação interior. Esse processo conduz, em última análise, à rendição à energia transpessoal, que Jung denominou de Si-mesmo.

RS: Os leigos que pertencem ao movimento da Nova Era falam muito em elevar sua consciência. Você fala de uma

consciência. Isso, na sua opinião, é algo distintamente diferente?

MW: Acredito que uma mutação esteja acontecendo. Direi por quê. Nos primeiros estágios da análise, a maior parte do tempo você fica desencavando o que está podre. Confronta seus demônios e eles tendem a parecer mais violentos porque, conforme o Eu vai se fortalecendo, também passa a reconhecer a extensão da energia demoníaca.

Eu efetivamente acredito que o mal existe. "Mal", para mim, quer dizer qualquer coisa que tem a capacidade de destruir a sua essência divina. Em minha experiência com sonhos, existe uma força maligna que extinguiria a luz da alma se pudesse. Mas, para responder à sua pergunta, as pessoas que lutaram para se libertar dos complexos ao longo de cinco, seis, sete anos de análise costumam ouvir, num sonho, que tão logo tenham a coragem suficiente para dar um salto no escuro, seu entendimento do amor será totalmente novo. Eles *se tornam* amor; eles não *fazem* amor, mas se tornam amor e vivem amor.

Penso em sonhos com o Buda, com uma criança divina, com o Cristo maduro — qualquer que seja a imagem interior de Deus — ocorrendo num grupo de alunos que são alunos de um homem idoso. Eles estão aprendendo a saltar um abismo que mal podem se imaginar saltando. O fato de a imagem-Deus estar num grupo sugere para mim que nosso entendimento do Deus interior está se tornando uma concepção inteiramente nova do que é Deus.

Penso que a situação de nosso planeta, a Mãe Terra — com seus terremotos, excesso de população, destruição das florestas tropicais —, esteja numa condição tal de perigo que nos vemos forçados a pensar de uma maneira diferente sobre o que é a matéria. A matéria não é só um nada preto e opaco. Existe energia dentro dela,

tentando se libertar. Os impressionistas franceses capturaram essa energia cintilante em suas pinturas de árvores, grama, flores. Eles viram. Eu penso que os seres humanos comuns estão acordando para a visão do que existe em sua própria matéria, em seu próprio corpo, em termos de uma consciência mais ampla presente em toda matéria. Essa conscientização está se apresentando na física, matemática, biologia, teologia e psicologia. Eu a denomino de o lado feminino de Deus — Deus na matéria. A matéria como uma metáfora da Deusa.

RS: Você falou do movimento, em nossa sociedade, em nosso mundo, do movimento de passagem do uso do poder para o uso do amor, e constatei de repente que essa tem sido a questão nos últimos dois mil anos.

MW: Porém, nós ainda não sabemos o que é.

RS: Estamos progredindo alguma coisa ou continuamos completamente casados com o poder? Ou você acha que isso — a conexão entre o patriarcado e o poder — está se enfraquecendo com a irrupção da energia da deusa? Terá chegado o momento da mudança nesse sistema de poder?

MW: Eu diria que a energia da deusa está tentando nos salvar. Se prosseguirmos empregando nossas táticas de poder, iremos destruir a Terra. É por isso que não temos um tempo muito longo para evoluir. Ou damos um salto no nível de nossa consciência ou não chegaremos sequer a estar aqui. Sofia, Shakti, seja qual for o nome que lhe dermos, é essa sabedoria profundamente enraizada em toda a matéria, abrindo caminho para alcançar a consciência de uma maneira ou outra. Temos de nos conscientizar dos terremotos e furacões. O que seus rumores nos estão dizendo?

Não sei se existe alguma mudança avizinhando-se do patriarcado. É guerra aqui, guerra ali, poder em toda parte. E, não obstante, o Muro de Berlim foi posto abaixo. Caiu! O que aconteceu na China, na Praça Tianamen, por mais trágico que tenha sido, foi um empurrão para libertarmo-nos do patriarcado. Pela Rússia toda assistimos à incrível visão de Gorbachev. No último dia 11 de novembro, Dia do Armistício no Canadá, fiquei pensando na Primeira Guerra Mundial e em como os canadenses foram obrigados a marchar aos milhares até Vimy Ridge e ali dizimados em banhos de sangue, conforme subiam a colina. Foi uma insanidade levar batalhões de homens e colocá-los à frente de armas para serem fuzilados. Certamente nunca mais poderemos aceitar de novo essa espécie de loucura. Lutar para ser morto! Por ordem de quem? Não obstante, as pessoas estão dispostas a morrer por aquilo em que acreditam. O que está acontecendo no leste europeu deixa muito claro que eles não irão mais tolerar o poder patriarcal.

O poder não vai mais funcionar, exceto de maneira destrutiva.

Isso também está claro entre homens e mulheres. Fomos educados e criados na base do poder; nossos pais e avós foram criados segundo o poder. Usamos o poder quando não sabemos que o estamos usando, e falo até daquelas pessoas que querem fazer o bem. Isso pode acontecer na psicoterapia, com os terapeutas que querem fazer o bem e têm uma imagem do que seus clientes devem vir a ser. Acham que estão motivados pelo amor quando dizem aos seus clientes o que fazer. Mas isso é poder, não amor. Não sabemos qual o destino da outra pessoa.

O amor espelha a outra pessoa, tenta ver sua *alma*. Veja bem, é muito difícil enxergá-la porque a alma aprendeu, há muito tempo, que se se mostrar vai ser nocauteada. Quando a alma da criança tenta dizer algu-

ma coisa, seus pais dizem: "Isso não é o que você deveria estar dizendo, não é o que você pensa". Ou o professor diz, ou o chefe diz, ou o marido diz, ou as crianças dizem: "Não é isso que você é". Aos poucos, a alma vai se enterrando e sumindo. Você pode ver isso nos sonhos em que o sonhador é instruído a ir em busca de alguma coisa enterrada naquela caixa preta que fica no barracão dos fundos, ou em algum outro ponto escondido. E, sem sombra de dúvida, essa criaturinha maravilhosa está bem ali. Lembro-me de um sonho em que uma mulher colocou a mão na caixa e quando a retirou estava segurando o passarinho de estimação que tinha adorado quando criança. É só um passarinho, mas ainda vive. Ela o segura nas mãos e fica arrasada de culpa porque ele está praticamente morto de fome. Mas suas lágrimas, quando caem sobre a ave, transformam-na num garotinho radiante que diz: "Eu só queria cantar a minha música". Essa espécie de sonho pode mudar sua vida — se você puder lembrar que um dia teve uma canção para cantar.

Freqüentemente, numa sessão, o analisando está falando como se estivesse muito seguro e, de repente, reparo que seu pé está tremendo. Digo: "O que você acha que tem de errado com seu pé?" Ou fazem um aparte e eu comento: "O que foi isso?" O paciente nega que isso tenha algum significado. Eu digo: "O que eu ouvi foi..." e repito as palavras ditas por ele. Sua resposta pode ser: "Sim, Marion, mas..." Bom, essa é a alma se manifestando de qualquer maneira que lhe seja possível. Ela aprendeu a simplesmente deslizar e insinuar-se pelas fendas. Está tão acostumada a ser golpeada que se oculta. Aos poucos, percebe que é seguro vir para fora e começa a tentar abrir espaço. Depois, nos sonhos, você vê essa criatura singular. No processo da análise você enxerga esse garotinho ou essa garotinha radiante e sabe que é a criança divina, a alma. Há outras figuras divinas que aparecem em nos-

sos sonhos. São criaturas da luz e não podem ser simplesmente negadas.

Uma energia divina, a energia da criatividade, está no inconsciente e agora se empenha numa nova direção. Enquanto as pessoas estiverem fazendo força para atingir suas metas, impelidas pela foça do Eu, estão constantemente lutando contra a própria energia que lhes daria sua verdadeira força.

RS: Você disse que muitos homens ficam chocados porque não estão realmente em contato com o que está acontecendo atualmente com as mulheres. Não tenho dúvidas a respeito disso. Mas gostaria de saber se você pode descrever o que acha que está acontecendo com as mulheres, hoje, nesse sentido.

MW: Penso que um número crescente de homens está despertando. A maioria das mulheres, por muitos séculos, não expressou sua verdadeira força. Elas achavam que a coisa feminina a ser feita era ser submissa, não parecer forte, porque se parecessem, poderiam perder seu homem; não deveriam parecer muito inteligentes, dar apoio ao homem e, certamente, assumir o papel da vítima sempre que fosse necessário. Isso também é verdade para os homens: seu feminino é tornado vítima de seu masculino. As mulheres agem assim em relação a si mesmas, vitimizando sua própria feminilidade com sua masculinidade interior. Essa traição interior fica horrivelmente clara nos sonhos.

Penso que o que está acontecendo agora é que as mulheres estão cada vez mais aprendendo quem elas são. Estão expressando seus próprios valores, sua própria experiência de si mesmas. Mesmo que isso lhes possa custar um relacionamento, estão colocando sua própria noção da realidade à frente da relação que eventualmente estiver cobrando sua própria identidade de mulheres. Mais do que isso, acho que estão valorizando mais seus

homens. Estão vendo-os como seres humanos e amando-os como seres humanos, dizendo: "Eu te amo o suficiente para dizer que eu sou assim e que não vou mais fingir ser alguém que não sou. Não tentarei mais corresponder à sua imagem de mim. Eu o amo o suficiente para ser honesta. É assim que eu sou".

Os homens ainda continuam inclinados a projetar sua mulher interior perfeita nas parceiras, de modo que não conseguem compreender o que acontece quando a mulher de carne e osso faz alguma coisa que sua mulher interior não faria. Isso vem como uma constatação poderosamente chocante e muitas vezes o homem insiste: "Você não é assim". As projeções são coisas muito reais. É uma energia real. Se eu estou projetando num homem a minha adoração por ele, essa energia são como muletas a sustentá-lo. Minha energia serve-lhe de sustentação. Se eu retirar a projeção, ele de repente fica sem muletas e esse é, então, um momento aterrorizante no relacionamento: ele não só perde a imagem que ele pensa que ama como perde o poderoso apoio da projeção. As mulheres conscientes estão retirando sua projeção da adoração. Dói, mas é uma atitude muito mais saudável, pois deixa o homem ser quem é: um ser humano tentando se encontrar, da mesma maneira como a mulher está. Assim é impossível existir um amor real.

RS: Isso introduz realidade no relacionamento, o que é verdadeiramente essencial para que haja igualdade na relação.

MW: Enquanto você estiver projetando sua própria imagem interior, está emaranhado em seu narcisismo. Está enamorado de si mesmo. Se você persistir em sua projeção inconsciente, isso não passará de auto-indulgência neurótica. Existe o terrível perigo de descambiar para a sentimentalidade. Mas o verdadeiro amor realmente abre

o coração para a pessoa amar alguém que é totalmente outro em relação a ela.

RS: Você disse: “A sentimentalidade priva-nos de nossos sentimentos”. Explique o que você quer dizer com isso.

MW: Para mim, sentimentalismo não é o sentimento genuíno. As pessoas sentimentais tendem a ignorar sua própria sombra, suas próprias trevas. Encobrem seu verdadeiro sofrimento com autopiedade, por exemplo, e emburrecem seu próprio processo de crescimento. Ou talvez concentrem sua energia em alguém que está tentando lidar com seus sentimentos genuínos, talvez o mal genuíno, e como são incapazes de encará-lo em si próprias dizem: “Coitado”. Assumem ares condescendentes em relação a quem está lutando pela sua própria vida tentando conquistar sua integridade. As pessoas sentimentais recusam-se a sofrer. A verdadeira raiva, como a verdadeira dor, são embrulhadas em bolas de algodão que abafa qualquer possibilidade de transformação porque elas não conseguem sustentar o fogo, e os verdadeiros sentimentos são temperados ao fogo. Os sentimentos verdadeiros entram em conflito e sustentam sua oposição até que nasça algo novo. A sentimentalidade teme o calor da paixão. Assume uma atitude de mais-santo-que-você e finge que desconhece toda forma de mal, sentindo pena de quem quer que esteja nas malhas de comportamentos compulsivos. Os nazistas eram sentimentalistas. As crianças não o são.

RS: Tenho a sensação de que muitas pessoas em nossa cultura — na americana, pelo menos — temem a paixão.

MW: Sim, penso que nossa cultura sente terror da paixão porque, no fundo, elas foram tratadas à base de poder. São como a criancinha a quem o pai diz: “O que você

acha?" E a criança diz: "Nada". "Onde você esteve?" "Fora". Olhe a hostilidade. A criança dizendo: "Eu não confio em você o suficiente para lhe dizer onde estive. E certamente não irei lhe dizer o que acho". Essa é uma verdadeira alienação.

Na base do medo da paixão está o medo da intensa raiva contra aqueles que ignoraram seus limites e obrigaram-no a fazer o que eles quiseram que você fizesse. Assim, em vez de entrar em contato com essa cólera, você simplesmente desliza pelo alto e finge que ela não existe. Considero a raiva uma coisa pessoal, e a cólera, trans-pessoal. As pessoas temem ficar com raiva porque se sentem aterrorizadas de se deixarem possuir pela cólera. Então ficam só deslizando. Em seus sonhos, andam de *skate* ou de esqui, mas é preciso que haja neve e gelo para usá-los, o que quer dizer que seus sentimentos estão congelados. Assim, em vez de viver no verão e na primavera, eles simplesmente congelam. Nenhuma delicadeza, nenhum fluir! O coração está fechado e eles dizem que não sentem nada. Sabem o que deve ser o amor, mas, quanto a senti-lo, nunca *sentiram* nenhuma emoção em seu corpo. É de espantar que ataques do coração sejam nossa causa número um de óbitos? Nosso próprio coração está nos pedindo que nos tornemos conscientes do que está acontecendo com nossa matéria. Os terremotos estão pedindo que nos conscientizemos do que está acontecendo com a matéria de nossa Grande Mãe.

RS: Esse processo todo parece estar fermentando em nossa sociedade e levando-nos para longe de antigos sistemas patriarcais como a família. Para onde está conduzindo?

MW: Não sei. É aqui que tenho de dizer "confio". E também é aqui que enxergo a mutação. Aqui acontece um salto no escuro. Quando você está num relacionamento e

acha?" E a criança diz: "Nada". "Onde você esteve?" "Fora". Olhe a hostilidade. A criança dizendo: "Eu não confio em você o suficiente para lhe dizer onde estive. E certamente não irei lhe dizer o que acho". Essa é uma verdadeira alienação.

Na base do medo da paixão está o medo da intensa raiva contra aqueles que ignoraram seus limites e obrigaram-no a fazer o que eles quiseram que você fizesse. Assim, em vez de entrar em contato com essa cólera, você simplesmente desliza pelo alto e finge que ela não existe. Considero a raiva uma coisa pessoal, e a cólera, trans-pessoal. As pessoas temem ficar com raiva porque se sentem aterrorizadas de se deixarem possuir pela cólera. Então ficam só deslizando. Em seus sonhos, andam de *skate* ou de esqui, mas é preciso que haja neve e gelo para usá-los, o que quer dizer que seus sentimentos estão congelados. Assim, em vez de viver no verão e na primavera, eles simplesmente congelam. Nenhuma delicadeza, nenhum fluir! O coração está fechado e eles dizem que não sentem nada. Sabem o que deve ser o amor, mas, quanto a senti-lo, nunca *sentiram* nenhuma emoção em seu corpo. É de espantar que ataques do coração sejam nossa causa número um de óbitos? Nosso próprio coração está nos pedindo que nos tornemos conscientes do que está acontecendo com nossa matéria. Os terremotos estão pedindo que nos conscientizemos do que está acontecendo com a matéria de nossa Grande Mãe.

RS: Esse processo todo parece estar fermentando em nossa sociedade e levando-nos para longe de antigos sistemas patriarcais como a família. Para onde está conduzindo?

MW: Não sei. É aqui que tenho de dizer "confio". E também é aqui que enxergo a mutação. Aqui acontece um salto no escuro. Quando você está num relacionamento e

começa a entrar nesse processo, não tem absolutamente nenhuma certeza de que restará alguma coisa que seja dessa relação daqui a seis meses. Se o parceiro ou a parceira não conseguir avançar junto com você é capaz que você procure alguém que possa. Ele muda as crianças, não há dúvida a respeito. Quando uma pessoa da família se torna consciente, a família inteira muda. A consciência também muda o ambiente de trabalho. Conheço mulheres que durante anos não disseram aos seus chefes o que pensavam. Quando começaram a dar vazão a seus pensamentos — tinham estado pensando, só que nunca haviam falado — seus chefes lhes disseram: "Vocês não foram solicitadas a pensar. Estão aqui para fazer o que eu lhes disser que façam". Custou-lhes o emprego. Então, não sei para onde está indo. É o caos, não há dúvida.

Uma grande quantidade de pessoas que perdeu o casamento ou um relacionamento chega a casa à noite e mal consegue girar a chave na fechadura. Estão afogados na solidão. Escuridão é tudo o que existe do outro lado dessa porta. Elas projetam seu próprio vazio nesse espaço. Não há ninguém em casa. É um trágico desperdício de vida. Aqui é onde a feminilidade é crucial. Se você tiver trabalhado bastante os seus complexos e for capaz de diferenciar entre sua própria voz e as vozes destrutivas de seus complexos, então conseguirá aplicar sua própria força. Você poderá dizer: "Estou aqui. Este lugar não está vazio. Eu posso preenchê-lo com a minha própria essência. Esse não é um sofrimento sem sentido. Eu confio que alguma coisa nova está nascendo do caos". A feminilidade consciente nos dá coragem para confiar no momento, sem saber qual é o objetivo.

RS: É no processo em si que você confia?

MW: Sim. Eu acredito que a psique tentará se curar se nós lhe dermos a chance para isso. É aquela bola dourada

da de que falei antes, o deus e a deusa interiores que nos empurram mais além de nossos antigos limites. Temos de cooperar, claro. Não podemos só sentar e ficar esperando que aconteça porque a maior parte das pessoas é altamente deformada pelas velhas vozes impregnadas dos complexos paterno e materno, e a tal ponto que no mesmo instante em que o Eu vacila começa toda a antiga falação de sempre e em minutos o Eu desorganizado caiu na inconsciência. Não tem sentido nenhum falar em “ser honesto consigo mesmo” antes de ter certeza de a qual voz você está dando ouvidos. É preciso trabalhar muito para diferenciar as vozes no inconsciente. Eu passo pelo menos uma hora, diariamente, escrevendo em meu diário, peneirando o que é real e o que não é, o que fica e o que vai. Na crise que praticamente todos vivemos não há tempo para se desperdiçar com falsidades. Somos desafiados a romper com os velhos limites e a saltar mais além de tudo que já imaginamos.

RS: Essa é, outra vez, a mutação?

MW: Sim, o salto da consciência. As pessoas ficam atadas dentro de uma só maneira de pensar. Sonham que estão usando os óculos do pai ou da mãe, ou os óculos de brinquedo de quando era criança. Não estão enxergando com seus próprios olhos. A antiga armação tem de ser quebrada para que possamos experimentar o que significa ser um cidadão de uma aldeia global. Usamos essa linguagem, mas nossa responsabilidade por nosso pequeno planeta girando no espaço ainda está longe de ser consciente. Se um número maior de pessoas pendurasse em casa a fotografia da Terra tirada da Lua, como ícone, talvez isso ajudasse a quebrar os óculos velhos, os velhos aparelhos de audição. Talvez então tivéssemos um vislumbre do que poderíamos ser. Sem uma vi-

são, continuamos presos a padrões obsoletos como os atletas que não conseguem se imaginar quebrando recordes. Como não conseguem se imaginar fazendo isso, não o fazem.

Nossos sonhos nos dão imagens para a nossa vida pessoal e para o planeta. Integrar essas imagens custa horas de meditação e a humilhação de nos fazer de bobos quando começamos a tentar colocá-las em prática. Mas, sabe, assim que você passa a ver com novos olhos e a escutar com novos ouvidos, não consegue mais voltar atrás. Por mais dolorido que seja o caminho, você sabe que está em seu próprio fogo. Está aprendendo o que é o amor. O amante divino, disse Rumi, é frio no fogo, seco no mar. Ele quer dizer com isso que o amor leva a matéria à sua consumação, como consciência. Fogo como transformação, o mar como matriz criativa, não dor e afogamento.

VIAGEM À FEMINILIDADE CONSCIENTE*

Sentada com a autora e analista junguiana Marion Woodman em seu despojado consultório em Toronto num edifício de dois andares no centro da cidade, que ela reparte com analistas freudianos e com a *Toronto Jung Foundation*, fico impressionada com a expressão de seu rosto que não define idade. Por mais que já tenha entrado na segunda metade da vida, parece doce e juvenil. Seu cabelo, às vezes puxado para trás e trançado com firmeza, está hoje solto e flutuante, como seu conjunto de duas peças em turquesa escuro, onde ressalta um atraente adorno em prata.

Enquanto ela caminha pelo soalho de tábuas envernizadas de sua sala, elegantemente decorada com uma parede de estantes repletas de volumes técnicos e suas preferências literárias pessoais, cujas lombadas vincadas mostram o quanto foram abertos, meus olhos param numa gravura de Leonardo da Vinci “Estudo para Santa Ana”, que mostra a criança e a Virgem Maria sentadas no colo de sua mãe, Ana. “Isso sempre esteve atrás de mim”, diz Woodman. “Esse desenho vive em mim porque é uma imagem arquetípica do feminino consciente encarnado”

*Reimpresso de *East West*, vol. 20, nº 11 (novembro de 1990). Escrito por Caren Goldman, escritora independente em Ohio.

VIAGEM À FEMINILIDADE CONSCIENTE*

Sentada com a autora e analista junguiana Marion Woodman em seu despojado consultório em Toronto num edifício de dois andares no centro da cidade, que ela reparte com analistas freudianos e com a *Toronto Jung Foundation*, fico impressionada com a expressão de seu rosto que não define idade. Por mais que já tenha entrado na segunda metade da vida, parece doce e juvenil. Seu cabelo, às vezes puxado para trás e trançado com firmeza, está hoje solto e flutuante, como seu conjunto de duas peças em turquesa escuro, onde ressalta um atraente adorno em prata.

Enquanto ela caminha pelo soalho de tábuas envernizadas de sua sala, elegantemente decorada com uma parede de estantes repletas de volumes técnicos e suas preferências literárias pessoais, cujas lombadas vincadas mostram o quanto foram abertos, meus olhos param numa gravura de Leonardo da Vinci “Estudo para Santa Ana”, que mostra a criança e a Virgem Maria sentadas no colo de sua mãe, Ana. “Isso sempre esteve atrás de mim”, diz Woodman. “Esse desenho vive em mim porque é uma imagem arquetípica do feminino consciente encarnado”

*Reimpresso de *East West*, vol. 20, nº 11 (novembro de 1990). Escrito por Caren Goldman, escritora independente em Ohio.

na virgem. Ela se aceita como parte do plano maior por meio do qual a vida está eternamente em movimento, e também firmemente assentada no colo da Mãe Natureza".

Quer esteja trabalhando individualmente com seus clientes, dando uma palestra numa sala superlotada, ou dirigindo-se aos leitores por meio dos seus livros, seus esclarecimentos a respeito "do espírito e da matéria e da consciência feminina" conseguem hipnotizar seus ouvintes. Antes de mais nada, ela fala principalmente a respeito de as pessoas se tornarem "plenamente corporificadas" em sua vida, encaminhando-se rumo à totalidade, num processo que Woodman chama de "cultivo da alma".

De acordo com ela, cultivar a alma é um processo que requer honestidade, humildade, senso de humor, e a capacidade de desfazer as projeções, as quais são reflexos inconscientes de nós mesmos lançados sobre outras pessoas. Como a própria Woodman a encarnação dessas qualidades, sua palavras estão, atualmente, atingindo um número cada vez maior de platéias e tendo um tremendo impacto, especialmente junto às mulheres.

No outono passado, num dia inesperadamente quente em Washington, D.C., eu era uma das mais de duas mil pessoas que se amontoavam para ouvi-la na conferência magna da IX Conferência Anual da *Common Boundary*, uma organização de profissionais que atuam nos campos da ajuda e da cura, com vistas à integração da espiritualidade na psicoterapia. Os organizadores da conferência foram obrigados a recusar mais de quatrocentas desapontadas pessoas que haviam chegado em cima da hora, na esperança de participar de algum *workshop* com Woodman e outros líderes do campo da consciência humana, como Stephen Levine, Christina Grof e Barbara Brennan. Essa procura por um lugar nas palestras de Woodman ou em seus *workshops* é a norma, e seu nome

consta freqüentemente na lista de conferencistas de todo o território dos Estados Unidos e Canadá.

Norman O. Brown disse uma vez: "O objetivo da psicanálise — ainda não alcançado, só semiconsciente — é devolver nossa alma ao nosso corpo, devolver-nos a nós mesmos, e assim superar o estado humano da auto-alienação". Nesses termos, Woodman está devolvendo às mulheres a terra, o corpo delas e sua verdadeira dignidade como co-criadoras. Ela está mostrando às mulheres como trabalhar para ir além de sua impotência e ira, e para descobrir, pela primeira vez na história do patriarcado, a imensidão de seu potencial.

Woodman diz: "A dimensão curativa do inconsciente está disponível aos homens e às mulheres dispostos a entrar em contato com as poderosas imagens que procedem da poesia, do mito, dos sonhos pessoais e das experiências individuais. As imagens disparam a eletricidade corporal que nos coliga à nossa realidade interior".

Os livros de Woodman têm sido descritos como "notáveis investigações dos mistérios das mulheres" ao identificar as causas dos comportamentos de vício e colocá-los sob novos ângulos de entendimento.

Embora não haja curas fáceis para os vícios, quer de comida, álcool, drogas ou até de perfeição, Woodman acredita que existe esperança para todos aqueles que estão dispostos a assumir responsabilidade por suas próprias vidas e a esforçar-se conscientemente para integrar corpo e alma. E, embora Woodman concentre esforços na psicologia e nas atitudes das mulheres com respeito ao seu corpo, o que ela tem a dizer, efetivamente, é uma celebração do feminino tanto em homens como em mulheres.

Werner Engel, psiquiatra nova-iorquino e analista junguiano, observa que sua hipótese de trabalho em A

A coruja era filha do padeiro: Obesidade, anorexia e o feminino reprimido, o primeiro livro de Woodman, publicado originalmente em 1980 (e, em português, em 1991), “que os desequilíbrios de peso e os distúrbios alimentares geralmente têm um significado, ou seja, são sintomas dota-dos de um propósito”. Ele acrescenta que o trabalho de Woodman é especificamente dirigido para procedimentos práticos que podem capacitar a mulher a ouvir seus sintomas corporais como representações simbólicas dignas de ser investigadas porque podem conduzir a um entendimento de sua feminilidade instintiva e das mágoas que sofreu, tanto as infligidas pelos outros como as auto-impostas”.

A coruja era filha do padeiro, valiosa introdução aos demais trabalhos de Woodman, expõe sua teoria de que as mulheres do século vinte estão vivendo há séculos numa cultura orientada pelo masculino que as manteve inconscientes a respeito de seu próprio princípio feminino. “Agora”, diz ela, “em sua tentativa de encontrar seu próprio lugar num mundo masculino, elas aceitaram sem perceber valores de natureza masculina, como viver para a consecução de objetivos, fazer tudo compulsivamente, ater-se ao plano material, que é incapaz de nutrir seu mistério feminino. Sua feminilidade inconsciente rebela-se e manifesta-se de alguma forma somática”.

Seu segundo livro, *Addiction to Perfection: The Still Unravished Bride*, publicado em 1982, é um estudo da psicologia e das atitudes das mulheres modernas, que oferece uma perspectiva mais abrangente para a discussão dos temas de seu trabalho anterior. Nele, Woodman continua investigando os mistérios das mulheres por meio de material de atendimentos, sonhos, literatura e mitologia, dos rituais de alimentação e do simbolismo do estupro, do cristianismo, das imagens corporais, da sexualidade e criatividade. Em *Addiction to Perfection*,

A coruja era filha do padeiro: Obesidade, anorexia e o feminino reprimido, o primeiro livro de Woodman, publicado originalmente em 1980 (e, em português, em 1991), “que os desequilíbrios de peso e os distúrbios alimentares geralmente têm um significado, ou seja, são sintomas dota-dos de um propósito”. Ele acrescenta que o trabalho de Woodman é especificamente dirigido para procedimentos práticos que podem capacitar a mulher a ouvir seus sintomas corporais como representações simbólicas dignas de ser investigadas porque podem conduzir a um entendimento de sua feminilidade instintiva e das mágoas que sofreu, tanto as infligidas pelos outros como as auto-impostas”.

A coruja era filha do padeiro, valiosa introdução aos demais trabalhos de Woodman, expõe sua teoria de que as mulheres do século vinte estão vivendo há séculos numa cultura orientada pelo masculino que as manteve inconscientes a respeito de seu próprio princípio feminino. “Agora”, diz ela, “em sua tentativa de encontrar seu próprio lugar num mundo masculino, elas aceitaram sem perceber valores de natureza masculina, como viver para a consecução de objetivos, fazer tudo compulsivamente, ater-se ao plano material, que é incapaz de nutrir seu mistério feminino. Sua feminilidade inconsciente rebela-se e manifesta-se de alguma forma somática”.

Seu segundo livro, *Addiction to Perfection: The Still Unravished Bride*, publicado em 1982, é um estudo da psicologia e das atitudes das mulheres modernas, que oferece uma perspectiva mais abrangente para a discussão dos temas de seu trabalho anterior. Nele, Woodman continua investigando os mistérios das mulheres por meio de material de atendimentos, sonhos, literatura e mitologia, dos rituais de alimentação e do simbolismo do estupro, do cristianismo, das imagens corporais, da sexualidade e criatividade. Em *Addiction to Perfection*,

Woodman diz que está “sugerindo que muitas pessoas, tanto homens como mulheres, são viciadas de um jeito ou outro por causa da ênfase de nossa cultura patriarcal na especialização e na perfeição. Compelidos a dar o melhor na escola, no trabalho, nos relacionamentos — em cada aspecto de nossas vidas — tentamos nos transformar em obras-primas. Trabalhando tanto para criar a nossa própria perfeição, esquecemo-nos de que somos seres humanos”. Como uma das vozes que falam às mulheres em busca de suas próprias vozes, Woodman — mais do que qualquer outro autor contemporâneo — responsável pela expressão “feminilidade consciente”, enquanto conceito de grande poder de influência. Ela explica que esse termo tão abrangente significa falar com sua própria voz interior, tendo atravessado um processo que Jung designou como de “individuação”, ou seja, a conscientização e aplicação prática da própria singularidade de sua realidade psicológica, a qual inclui tanto forças como limitações. Ela enfatiza uma passagem de *A virgem grávida*, publicado em 1985 originalmente (e, em português, em 1998), que resume sua idéia de que a feminilidade consciente é, de fato, a própria alma se expressando.

“O termo ‘feminino’ tem muito pouco a ver com o gênero; tampouco as mulheres são as únicas guardiãs da feminilidade. Tanto homens como mulheres estão buscando sua virgem grávida. Ela é aquela parte em nós que foi expurgada, a parte que alcança a dimensão consciente por um... processo de depuração de nossas trevas de chumbo até que consigamos extrair a prata que nelas existe”.

A virgem grávida compara o processo da mudança psicológica à metamorfose da lagarta, desde a fase de crisálida até que se torna borboleta. O texto descreve aqueles períodos de crisálida em que a vida que conhecemos

está encerrada e em que, para todos os propósitos práticos, encontramo-nos sozinhos. Não somos mais quem éramos, e não sabemos quem poderemos vir a ser. Nessa fase, diz Woodman, o coração pensante nos aproxima mais de nossa virgem interior, “una-em-si”, para sempre aberta a novas vidas, a novas possibilidades — nossa própria e singular verdade.

Em *The Ravaged Bridegroom: Masculinity in Women*, Woodman mergulha no estudo do impacto psicológico do patriarcado, e redefine de modo radical a masculinidade tanto em homens como em mulheres. Woodman trabalha com o inconsciente tanto por meio de sonhos como do corpo. A linguagem dos sonhos é a gramática do inconsciente, que se repete nos gestos do corpo. Juntas elas constituem nossas mais profundas vivências conhecidas. Como uma parteira, ela trabalha — tal como o diria Jung — “não imaginando figuras de luz, mas tornando consciente a escuridão”.

Freqüentemente, na primeira vez que uma mulher me procura”, Woodman diz, “ela conserva uma máscara que encobre partes de si mesma tão profundamente enterradas que ela nem mesmo sabe que existem. Conforme seus sonhos vão-lhe retirando a máscara, chegamos a sua essência. Ali onde ela pode enxergar a profundidade da dor, da ira, da vergonha e do desespero que estavam encobertos e que a haviam feito passar por sofrimentos sem sentido, os quais, por sua vez, haviam-na levado a tentar fugir comendo, ingerindo álcool, usando drogas, fazendo sexo”.

Woodman, que trabalha individualmente com clientes às vezes até durante oito anos, observa que não existem respostas rápidas para tornar em luz a própria escuridão, o lado sombrio da pessoa. “Penso que muito poucas pessoas atingem toda a sua estatura. Os que são capazes de se abrir para sua própria energia psíquica e

espiritual muitas vezes sentem medo diante da idéia de assumir responsabilidade por ela. Se você assume a responsabilidade, e é forte o suficiente para se entregar a essa energia, entrega-se a um poder superior. Muitos viciados, ou pessoas com doenças fatais, são forçadas a entrar nessa senda, e nas trevas elas encontram um pontinho de luz. Se negam a agonia desse instante, seu espírito se recolhe. Voltar atrás é a morte psíquica. No instante em que você houver reconhecido a existência dessa energia, não pode mais recuar. É um processo de vida toda que requer paciência, e confiança no ritmo e na pulsação da psique".

Ela recorda tudo aquilo pelo que passou em sua longa e dolorosa viagem pessoal rumo à totalidade. Diz que, nos primeiros estágios desse processo, ela personificava a indagação de D.H. Lawrence: "Você se dispõe a ser sugada por uma esponja, apagada, cancelada, tornada nada... afundada no esquecimento? Caso não se disponha, você nunca realmente mudará."

No início da década de 1950, Woodman era uma moça de vinte e poucos anos, anoréxica, que, em suas próprias palavras, era "viciada em perfeição". Embora nesse período estivesse começando uma carreira de vinte e quatro anos de duração como professora secundarista de inglês, ela diz agora que, já então, intuitivamente sabia que o impulso inconsciente em seu interior era direcionado para a morte. Reconhecendo isso, deflagrou uma batalha de nove anos para reconduzir seu corpo aos patamares da saúde. Porém, embora as amarras externas de seu vício tivessem sido vencidas, ela ainda carregava feridas profundas.

Com trinta, quase quarenta anos, deu entrada no hospital com sérios sintomas físicos. "Meu corpo estava sendo devastado por uma alma ainda em busca de sua própria voz", ela diz. Desta feita, Woodman estava deter-

minada a encontrar aquela voz e a ouvir o que ela teria a dizer. Com isso, ela começou a descobrir que a análise junguiana seria uma passagem pelos tempestuosos mares da autodescoberta.

Ela explica: "Como mulheres, não precisamos mais ser vítimas de nossa própria biologia. Durante anos fui tiranizada pela minha biologia. Eu era ao mesmo tempo tirana e vítima, e isso é verdade para a maioria das mulheres porque é a única realidade que conhecem. Com vinte anos, eu fingia e 'fazia um modelo', e usava a máscara sobre a qual escrevo dizendo que tantas mulheres têm. Eu estava me esforçando para atingir a perfeição de um corpo lindo e de um espírito puro. Estipulei para mim mesma padrões que nenhuma criatura humana seria capaz de atingir. Mas o que eu não sabia então era que estava recusando-me a fazer as transições para a idade adulta, como mulher... Na realidade, era um rito de iniciação fracassado e os níveis mais profundos de minha psique estavam dizendo 'não' a essa feminilidade cosmética. Conforme a atriz que desempenhava seu papel ia se tornando cada vez mais distanciada da realidade, meu comportamento de viciada passou a preencher a lacuna. No fim, a lacuna era tão profunda que o corpo, meu corpo, não conseguiu mais agüentar".

A espiral que levou Woodman através de seu comportamento viciado até que chegasse sua vocação como analista teve início aos cinco anos. Na qualidade de filha de um ministro, Woodman diz: "Não há vida de que minha vida na paróquia foi a raiz de meu relacionamento com o inconsciente. Meu mundo todo era batismos, casamentos e funerais, e nossa casa pulsava incessantemente com o sofrimento dos outros. Para mim aquilo não era mórbido, e eu não sabia que houvesse dois mundos, o deles e aquele em que eu vivia. O mundo arquetípico era real para mim e eu o adorava".

Ela acrescenta: "Quando era pequena, ficava horas escondida na igreja, esperando que Deus viesse. Eu escutava estalidos e ficava aterrorizada de pensar que Deus realmente estivesse vindo. Havia, de minha parte, uma aberta vulnerabilidade e meu 'jovem masculino' interior, que é outra maneira de descrever minha psique criativa, estava me dizendo que a vida e as idéias eram fascinantes.

Quando eu ia para a escola, no entanto, a maioria das pessoas achava minha energia criativa impossível de agüentar. Eu sentia que vivia numa gaiola. Meus professores apreciavam meu desempenho quando eu agia do jeito que eles esperavam, mas não me ouviam...

O outro lado de minha frustração e de minha raiva era oposto — um contentamento imenso. Eu realmente amava literatura e tinha começado a escrever um diário quando tinha oito anos. Naqueles anos da meninice, eu mantinha meus dedos sentindo a pulsação da realidade. Na adolescência, no entanto, eu não tinha a energia física necessária a tanto fingir como a continuar vivendo minha própria realidade. Com vinte anos, eu já era anoréxica".

Woodman acredita que quando uma pessoa viciada, tal como a que sofre de distúrbios alimentares, começa a viver com um mínimo de alimento ou jejua, o seu espírito mantém-se ligado ao corpo por um fio muito tênu. Citando autoras e poetisas tais como Sylvia Plath, Emily Dickinson e Virginia Woolf, cujos trabalhos exploram os limites da busca espiritual e da extinção física, Woodman usa sua própria experiência de vida para ajudar a persuadir as mulheres que padecem de toda sorte de comportamento viciado a que tomem consciência de que não é preciso deixar esta Terra para ter um corpo sutil com "luz" — uma sabedoria onisciente — em suas células.

"É uma absoluta insensatez tentarmos escapar de nosso corpo a fim de entrarmos em contato com a riqueza

do inconsciente", ela diz. "As pessoas viciadas anseiam por liberdade. Querem sair de seu corpo e estar em algum outro lugar. Para mim, é importante vivenciar meu corpo sutil aqui, na Terra. Gradualmente, podemos tornar consciente a sabedoria de nosso corpo. É isso que quero dizer quando falo de libertar a energia contida na matéria, permitindo dessa maneira que o corpo consciente (o corpo energético) torne-se um cálice para a recepção do espírito. Essa é a consciência verdadeiramente feminina".

Em 1968, ainda como professora de colegial, Woodman encetou uma busca mundial por um guru. Não chegou a jamais alcançar sua meta predeterminada na Índia, mas manteve-se aberta, o tempo todo, a outras possibilidades, uma das quais acabou sendo um ano de análise junguiana na Inglaterra. Ali ela, inesperadamente, descobriu seu verdadeiro caminho depois de conhecer o analista junguiano E.A. Bennet, que ajudou a transformar sua viagem intelectual num viagem em busca da alma.

Quando se conheceram, Bennet estava na casa dos oitenta.

"Eu já me consultava com ele há cerca de seis meses, e ainda continuava tentando ser uma boa menina. No Natal, fiquei sabendo que meu cachorro, que tinha ficado no Canadá, tinha sido morto. Decidi não desperdiçar minha sessão das seis da tarde daquele dia falando do meu cachorro e cheguei tão organizada quanto de costume.

"Ao final da sessão, o dr. Bennet sentou-se, pensou e perguntou-me o que havia de errado. 'Nada', eu disse, enquanto vestia o casaco. Quando ele comentou que na sessão eu não havia estado ali, eu lhe contei que meu cachorro tinha morrido. "Ele começou a chorar! Fiquei estarrecida! Ele estava chorando por causa do meu cachorro! Perguntei-me como eu tinha podido desperdiçar a Noite de Natal jogando conversa fora quando o meu animal mais querido tinha acabado de morrer. De repente, descobri que o senti-

mento dele estava me levando a sentir o que eu fazia com a minha alma feminina. Choramos juntos. Foi aí que minha análise realmente começou".

Por volta de 1979, Woodman tinha concluído seu treinamento no C.G. Jung Institute de Zurique e voltava para o Canadá como analista diplomada.

Em sua contribuição para uma coletânea de ensaios recentemente publicada,* Woodman discute o papel da velha consciente para o desenvolvimento do feminino. A velha é alguém que passou por diversas encruzilhadas consecutivas; ela esteve lá.

"Simbolicamente, encruzilhadas representam momentos de nossa vida em que o inconsciente cruza com o consciente, em que o eterno perpassa o transitório; em outras palavras, são aquele tempo-lugar em que o superior irá exigir a rendição do nosso Eu. A velha já atravessou muitas encruzilhadas; ela alcançou um ponto de entrega consciente em que suas exigências de Eu não são mais relevantes. Ela é um instrumento que já se rendeu, portanto uma criatura isenta".

Woodman explica: "Não conheço, agora, nenhuma outra maneira de viver. Meus sonhos fornecem a bússola de minha vida. Meu trabalho consiste em encontrar minha própria autenticidade e, então, entregar-me a um propósito superior que chamo de Sofia/Cristo. É no cerne da mágoa, da ferida, que nos encontramos vinculados uns aos outros pelo amor, e é nesse ponto que me abro para amar as outras pessoas, o planeta, o cosmo. Penso que o futuro de nosso planeta depende de os seres humanos descobrirem sua própria luz, tornando-se conscientes do universo como uma só alma".

**To Be a Woman: The Birth of the Conscious Feminine* (Los Angeles, Jeremy P. Tarcher, Inc., 1990).

UM ENCONTRO COM MARION WOODMAN*

Pythia Peay: Aos 45 anos, você mudou drasticamente de carreira profissional, deixando seu emprego de professora secundarista de inglês para se tornar analista junguiana. Você poderia me contar um pouco desse período de sua vida?

Marion Woodman: Eu tinha ido à India, em 1968, pensando que lá encontraria um mestre. Não encontrei o mestre que esperava, mas a experiência que tive nesse país mudou a minha vida. Depois de dois anos fui para a Inglaterra com o meu marido que estava em férias. Por pura sincronicidade, uma amiga me deu o telefone de um analista junguiano chamado E.A. Bennet. Assim que entrei em seu consultório, soube que tinha encontrado o mestre que havia buscado. Fiquei com ele durante um ano, acabou todo o meu dinheiro, depois voltei para casa e dei aulas por mais três anos. Foram as melhores aulas de minha vida; mas eu me havia internamente comprometido a ir a Zurique para prosseguir a análise, já que o Dr. Bennet não estava mais clinicando. Assim, ao final desses três anos, pedi demissão de meu trabalho, em janeiro, porque sabia que seria impossível pedir demissão

*Reimpresso de *The San Francisco Jung Institute Library Journal*, vol. 11, nº 1 (1992). Pythia Peay jornalista independente em Bethesda, Maryland.

no final do ano. A experiência da saída foi muito traumática.

PP: Por que tão traumática?

MW: Eu dava aulas ali há vinte e um anos, adorava lecionar, e estava com um projeto para teatro criativo. Os alunos adoravam essa atividade e ficaram muito aborrecidos de perderam-na. Meu vínculo com os alunos era muito próximo. Eu também era casada; não queria sair de minha casa em London, no Canadá, e na época minha mãe ainda vivia. Não queria abrir mão de tudo o que era importante para mim. Mas no último dia de maio, que era o prazo limite para a entrega de minha carta de demissão, o diretor veio e me perguntou se deveria rasgar a carta. Como fiquei sabendo naquele momento, ele ainda não havia entregue minha demissão para o comitê porque disse que sabia que, depois de vinte e um anos, eu não iria embora. Então, no fundo do meu coração agradeci a Deus, e disse: Graças aos céus eu não tenho de ir, muito obrigada, muito obrigada por me tirar dessa história.

Naquela noite dei entrada no pronto-socorro do hospital. Meu corpo tinha começado a fazer coisas muito estranhas. Os médicos não conseguiam achar a causa, e eu não tinha noção de nada — exceto de que iria para Zurique. Meu marido disse para o diretor que a demissão valia. Tinha chegado ao fim de meu período de ensino. Não conseguia acreditar nisso. Penso que, enquanto eu tinha uma grande adolescente dentro de mim, eu entendia a linguagem dos jovens, entendia sua música, seu modo de pensar. Mas, cada vez mais, tornava-se óbvio para mim que eu estava perdendo aquele entendimento tão próximo. Deus tinha outra coisa em mente para eu fazer e foi essencialmente o meu colapso corporal que forçou a questão a ser resolvida.

PP: Parece que seu marido foi perceptivo o suficiente para reconhecer o que realmente estava acontecendo com você.

MW: Ele percebeu que tinha de ser, que não era uma escolha pessoal. Mas eu não fui para Zurique para me tornar analista, fui para dar continuidade à análise. Naquele ponto eu estava simplesmente confiando na direção apontada por meus sonhos. Tentei o melhor que pude pensar que poderia haver um outro jeito — mas não havia. Então tive de viver meu destino.

PP: De que maneira seus sonhos lhe indicaram a direção de seu caminho?

MW: Meus sonhos tinham dito, três anos antes, que essa era a direção em que eu iria seguir. Depois, naquele mês de janeiro, tive outros sonhos que repetiram o mesmo tema: você sabe o rumo que deve tomar. Então obedeci a esses sonhos — mas ainda pensei que talvez fosse ser dispensada de minha história!

PP: Então você parou de lecionar e sem sequer saber o que iria “ser” profissionalmente no futuro dirigiu-se a Zurique para fazer análise.

MW: Sim, mas eu ainda esperava voltar a lecionar um dia. Dar aulas era a minha vocação, e por isso sempre achei, ainda no meu segundo ano em Zurique, que eu retomaria o papel de professora. Mas ao observar todos os meus amigos no Instituto preparando-se para o exame, pareceu-me que estavam se forjando com mais consistência do que eu. Então decidi fazer o exame. Fui bem, e fiz os exames finais dois anos mais tarde, e assim terminei tornando-me uma analista.

PP: Há semelhanças entre ser professora e analista?

MW: Tento oferecer aos meus analisandos os instrumentos de que precisam para interpretar seus sonhos, e caminhar com eles em seus próprios caminhos. Onde o ensino realmente acontece é nos *workshops*. Minha experiência como professora secundarista é muito útil quando estou diante de um grupo de pessoas tentando explicar idéias e abrindo novas vias de pensamento.

PP: Você acredita agora, depois do que experimentou pessoalmente, que uma transformação pessoal radical é possível para outras pessoas?

MW: Claro. Acho que, se é seu destino, você deve encontrar os recursos necessários em seu interior. É extremamente doloroso, e você tem de acreditar sem reservas porque não sabe onde está indo, e não sabe qual será o custo. E o custo é elevado. Mas eu diria que meu conceito de vida foi completamente modificado na Índia. Ali foi o início de minha transformação radical.

PP: De que modo seu encontro com a Índia, uma cultura inteiramente estranha, a modificou?

MW: Eu não tinha controle de nada na Índia. Estava sozinha. As pessoas diziam 'boa noite' de manhã e me chamavam de 'senhor'. Detalhes como esses, combinados com o turbilhão da vida nas ruas, levaram-me à sensação de que tudo era um caos. Ou eu desistia ou morria, porque entrava numa situação depois de outra onde eu constelava a morte. Ao tentar controlar, eu piorava tudo — eu efetivamente estava me tornando cada vez mais impotente. Por fim, tive de entregar-me ao fluxo das coisas, e, para mim, isso deu a sensação de uma desistência total. Porque antes eu tinha sido uma professora muito eficiente e organizada. Tudo tinha de funcionar como um relógio suíço. Mas, na Índia, isso quebrou dentro de mim, frag-

mentou-se de todas as maneiras possíveis. Então comecei a perceber que existia uma outra força, como surfar na crista de uma onda.

Eu realmente não tinha mais nada a fazer além de me manter na crista da onda e ela me levaria aonde era preciso que eu fosse. Foi uma sensação muito marcante. Em vez de constelar a morte, eu comecei a constelar amor por todos os lados. Passei a amar o povo indiano. Pensei que eu poderia ter sido uma daquelas criancinhas dormindo ao relento. Comecei a perceber a dádiva incrível que tinha sido nascer no Canadá, e a responsabilidade envolvida nisso, e comecei a me responsabilizar de verdade.

PP: Qual era essa responsabilidade?

MW: Viver segundo meu verdadeiro potencial. Eu tinha sido generosa com meus alunos, mas esse ainda era um mundo muito estreito. Fiquei muito comovida quando presenciei o sofrimento na Índia, e o amor que esse sofrimento era capaz de mobilizar. Fui reconhecida na Índia, de uma forma extraordinária, porque sou intuitiva por natureza. Os hindus reconheceram esse meu atributo e reagiram a isso em mim. Senti-me vista de uma maneira que a minha própria cultura havia rejeitado. Fui capaz de confiar em minha própria intuição e isso abriu-me o coração para algo inteiramente novo que fluiu através de mim — e eu quis acompanhar esse fluir. Era uma dádiva. Mas, como você sabe, eu tinha de ser levada até o fundo do poço. Era o caos dentro e fora de mim.

PP: Em *A virgem grávida* diz que foi realmente salva na rua por uma mulher, uma desconhecida, que identificou que você estava num estado grave de choque cultural.

MW: Ela recolheu um saco de ossos. Sempre lembro daquela americana. Ela me perguntou se eu estava sozinha.

nha, eu disse que sim, e desmaiei com tudo. Ela recolheu aquele saco de ossos do meio da rua, me colocou num táxi e me levou consigo — sem ter a menor idéia do que estava carregando. Levou-me para o hotel onde residia decidida a me mandar para casa. Mas eu sabia que precisava ficar.

PP: Quanto tempo você ficou ?

MW: Três meses. A verdadeira mudança veio em meu próprio quarto de hotel quando tive uma febre bem alta, causada por forte enfermidade. Eu tinha perdido a consciência. Quando voltei a mim, meu corpo estava no chão e minha alma, no teto. Tive de fazer ali uma escolha: decidir entre voltar ao meu corpo ou ir de vez. E essa foi efetivamente uma escolha. Quando era anoréxica, sempre pensei que, no instante em que a escolha finalmente acontecesse, eu iria embora. Mas quando ela se apresentou, e eu já me encontrava de partida, quis ficar. O que me salvou foi meu cachorro.

PP: Como seu cachorro a salvou?

MW: Senti meu corpo como se fosse um cachorro. Gosto muito de cães e eu amava o meu. E vi essa coisa leal e paciente, deitada no chão. Respirando.

PP: Seu corpo?

MW: Sim, porém era uma coisa para mim. Eu conseguia vê-lo subindo e descendo. E pensei: "Coisa estúpida, nem sabe que está morta e continua ali, esperando que eu volte, exatamente como meu querido Duff ficava esperando". E pensei: "Eu não trairia o meu cachorro, mas poderia trair o meu corpo". De repente percebi o que era aquela traição: ter recebido o dom da vida e então decidir que não valia a pena viver. Isso pareceu-me a mais radical

traição. Pensei: “Eu não faria isso com o meu próprio cão e não posso fazer com o meu próprio corpo”. Fui varrida pela doçura dessa coisa paciente, confiante de que eu iria voltar. Decidi assumir a responsabilidade pela vida que eu havia recebido: não era minha para que eu a jogasse fora.

PP: Quanto tempo você lutou com a anorexia?

MW: Bom, eu diria que, na sua pior fase, durante seis anos. Era uma parte do modelo de ser eficiente, organizada e de querer pertencer ao coletivo de maneira “magra”. Também era parte de querer luz. Eu queria luz. Era um anseio por Deus. E quando você passa fome ou dança a noite toda, como eu fazia naqueles tempos, é notável quanta luz você pode levar até as células de seu corpo.

PP: Você costumava dançar a noite toda?

MW: Eu lecionei na região norte de Ontário durante certo tempo. Onde eu morava, os verdadeiros dançarinos não embalavam antes da uma da manhã.

PP: Você ia a discotecas?

MW: Não, não. Salões de baile e quadrilhas, quadrilhas bem grandes. No inverno, não havia mais nada para fazer além de dançar a noite toda. Três noites por semana eu dançava das nove da noite até as cinco da manhã — e adorava fazer isso. Perdi todo o peso. Mas eu estava viciada naquela sensação de euforia. Ainda adoro dançar.

PP: Mas como você não é mais anoréxica, e não dança mais a noite inteira, deve acabar sentindo euforia de alguma outra forma.

MW: Sim. Mas não acho que seja euforia que eu esteja buscando agora. A euforia falsa. A “viagem” que se expe-

rimenta na anorexia, a sensação de falta de peso que vem de dançar e ficar sem comer, é uma falsa euforia. Era uma viagem para a morte. Por mais feliz que eu estivesse a caminho do meu suicídio não era de jeito nenhum real. Era uma traição pura e simples da vida. Agora a minha viagem dirige-se para a realidade da vida — para Deus como a dimensão consciente corporificada. Naquele época, meu desejo era todo escapar; agora, entrará cada vez mais fundo na vida.

PP: Hoje em dia ouvem-se muitas frases psico-espirituais. O que quer dizer “dimensão consciente corporificada?” Você está se referindo a uma forma de estar consciente diferente do estado transcidente experimentado na meditação?

MW: Penso que Deus é isso também. “Dimensão consciente corporificada” é uma frase minha, à qual cheguei depois de quinze anos de muito trabalho. Eu precisava chegar a Deus pelo caminho inverso. Era preciso que eu passasse pelo corpo para encontrar a Deusa. Para mim, o lado feminino de Deus, a consciência da matéria. A sabedoria do corpo; a luz nas células; o corpo sutil. Para mim, o corpo sutil dentro do meu corpo físico é o receptor que pode conter a experiência transcendente do divino. Antes de minhas vivências na Índia, eu não tinha corpo sutil que pudesse receber o espírito; não estava consciente do pescoço para baixo.

PP: Todos os seus livros abordam de alguma maneira os distúrbios da alimentação. Foi a sua experiência pessoal com a anorexia que a levou a escrever sobre esse tema?

MW: Claro.

PP: Você foi uma das primeiras jungianas a escrever sobre os distúrbios alimentares. Isso é correto?

MW: Sim, eu fui uma das primeiras. E fiz isso porque precisava. Em Zurique, escrevi minha tese sobre Emily Dickinson, que também era obcecada com a luz. Quando terminei, tive um sonho dizendo: "Agora você pode começar a sua tese". Porque eu ainda não tinha lidado com a minha própria sombra. Levei esse sonho extremamente a sério e escrevi uma outra tese sobre comer compulsivamente e sobre anorexia. Essa acabou se tornando *A coruja era filha do padeiro*.

PP: Esse livro foi muito procurado.

MW: Sim, foi. E era só a ponta do *iceberg*, comparado com o que sei a respeito agora.

PP: Seus livros são escritos dentro de um óbvio contexto junguiano. Como o ponto de vista da psicologia junguiana contribuiu para sua compreensão dos distúrbios alimentares?

MW: Minha análise junguiana permitiu-me compreender os complexos que metaforicamente dão origem aos distúrbios da alimentação. O corpo envia mensagens, procedentes do inconsciente, da mesma forma como os sonhos enviam mensagens. Penso que os distúrbios da alimentação estejam relacionados com um problema com a mãe. A mãe está associada com o nutrir, o bem-querer, a docura — comida é uma metáfora para mãe. Assim, em qualquer família onde alguém tenha um distúrbio alimentar, se a família se importar com isso, todos os seus membros terão de se haver com sua relação com o feminino. Estou convencida de que o feminino está abrindo caminho, em nossa cultura, pela porta de trás; uma das entradas por trás é via distúrbios da alimentação. Quando você realmente acompanha os sonhos de um paciente que tenha distúrbios alimentares, começa a perceber que essa perturbação é de natureza religiosa.

PP: O que você quer dizer com “problema religioso?”

MW: É o anelo pela mãe arquetípica. A doçura, o bem-querer, a aceitação, o espelhamento da mãe que falta — refiro-me à mãe com “m” maiúsculo. Não a vontade de uma mãe pessoal; o anseio pela Deusa Mãe, pelo ser em quem você pode depositar confiança total.

PP: Assim, quando você diz que os distúrbios da alimentação estão relacionados à repressão do feminino em nossa cultura, você quer dizer o lado feminino de Deus, ou o que você chama de a Deusa?

MW: Sim, eu a chamo de Sofia. Em nossa cultura o poder patriarcal é o que há de mais importante. Quando descrevi para você como eu era eficiente, organizada com os horários e relógios, estava descrevendo uma masculinidade movida a poder que não deixava espaço para o perambular feminino. Eu tinha de estar no controle. Isso acaba sendo poder, uma força da vontade sem um Eu forte por baixo. Mas eu não via isso na época. Queria tirar A no vestibular, queria estar no topo de tudo que tivesse a ver com a mente. O feminino não se interessa em estar no topo; o feminino se dedica à vida do momento. Dedica tempo para olhar as árvores e as flores; dedica tempo à construção de relacionamentos de profundidade, a ser levado por aquela outra força que confia que existe um significado inerente a esta vida. Eu havia perdido o contato com esse lado confiante de mim mesma. Quando criança eu o havia conhecido, mas quanto mais afundava na escola, mais me distanciava dele.

PP: Se é um problema religioso que está na base dos distúrbios alimentares, então quais são as distinções religiosas entre as lutas da anoréxica, da bulímica, e de algum obeso?

MW: Parece-me que a obesidade e a anorexia são dois lados de uma mesma moeda. A comilona compulsiva e a anoréxica são extremos. A anoréxica vai em busca da Luz — ela sonha com tudo branco. Aquilo que a persegue em seus sonhos é branco, estéril, uma luz luciferiana. A comilona, por outro lado, está presa na escuridão. A matéria concretizada a está traindo para baixo. Seu corpo é matéria escura, opaca, inconsciente. O demônio onírico que a persegue é preto. São dois tipos diferentes de imagens oníricas, as duas tentando escapar da vida, mas em pólos diferentes. A comilona precisa enraizar-se e a comida a enfiará terra adentro. Quando você tem emoções que estão fora de controle — medo e raiva, por exemplo — você come chocolate e engole aquelas emoções que ameaçam arrastá-la para fora de si mesma. Então você pode socar tudo para o fundo e quanto mais gorda se torna, e mais pesada em seu enraizamento, só aumenta o quanto se afunda na inconsciência pois está usando a comida para fugir.

PP: Essa imagem de alguém engolindo suas próprias emoções parece combinar com a noção cultural da pessoa gorda como alguém complacente e doce.

MW: Sim. Em geral decidiram “fazer o modelo” que a cultura aprova. Seja o que for que a cultura queira, os gordos serão doces e complacentes e o tempo todo odeiam-se por não serem capazes de ser quem são. Muitas vezes por dentro estão espumando de ódio. Essa raiva se concretiza no corpo. O corpo gordo é o rebelde contra o ideal coletivo magro. A anoréxica, porém, está em busca de espírito. A coisa mais difícil de se lidar no caso das anorexicas é que, tão logo comecem a comer, elas não sentem mais com tanta vibração essa intensidade espiritual.

PP: E elas precisam desistir disso?

MW: Precisam desistir disso. "Se isso é o que a vida é", elas dizem, "é um tédio". Enquanto os comilões chegaram ao ponto da intensidade e decidiram comer para amortecê-lo, as bulímicas engolem tudo e depois não conseguem sustentar no estômago o que devoraram. Metoricamente, engoliram a mãe pela qual anseiam: conseguem enfiá-la na barriga e depois ela sai vomitada.

PP: Esses relacionamentos distorcidos com o alimento parecem apontar para problemas culturais profundos com o feminino.

MW: Penso que o feminino espiritual seja praticamente inexistente em nossa cultura. As pessoas simplesmente não gostam do feminino. Ficam aterrorizadas de se entregar. A quê? Nada? Então teve de entrar pela porta dos fundos, via distúrbios alimentares e outros vícios. Os distúrbios alimentares revelam um enorme paradoxo. Por um lado, o feminino espiritual é muito desejado e, por outro, estamos nos enterrando em nossa própria matéria concretizada. Você não pode simplesmente fingir que cem quilos não estão sentados à sua frente.

Falando em termos gerais, o feminino é tido como irracional e estúpido. As mulheres de repente fazem um comentário feminino e logo em seguida acrescentam: "Oh, que bobagem ter falado isso". É dessa maneira sinuosa que o feminino se movimenta. Como uma serpente, para a frente e para trás, em volta, para o fundo e em torno. Costumo ser bastante criticada pelo modo como falo porque não é uma fala ordenada, não rumo para um objetivo, não é linear. É de propósito que não dou mais palestras retilíneas porque para mim é muito chato saber exatamente aonde estou indo. Adoro o prazer do percurso. Tenho um plano em mente; há três ou quatro aspectos que quero abordar, mas não sei de que maneira serão expressos exatamente. Confio que alguma coisa irá acon-

tecer. A maioria das pessoas sente terror da espontaneidade. Elas não sabem como estar no agora de modo que farão de tudo para seguir um plano preconcebido. Isso é o oposto exato do feminino, o qual vive no presente.

PP: Como você trata as pessoas que a procuram para tratar seus problemas alimentares?

MW: Não considero seu problema especificamente porque eu o vejo como um sintoma de algo muito mais profundo. Então trabalho com os sonhos. Metaforicamente, a pessoa em geral estará num campo de concentração, brutalizada por oficiais nazistas, pelo impulso de poder interno e externo. O feminino mal pode existir com essa espécie de brutalidade. Dou *workshops* nos quais tento ajudar as pessoas a se relacionarem com seu corpo de maneira amorosa, não para exibir físicos ideais. Não estou dizendo que manter a forma não seja amoroso, mas é importante conhecer o corpo e respeitá-lo, honrando-o como um templo sagrado. Eu tento reunir corpo e psique.

PP: De que maneira o trabalho corporal que você realiza com seus clientes é diferente do trabalho de *fitness* com o corpo?

MW: Trabalho com a psique por meio dos sonhos e com o corpo mediante os sonhos e os *workshops*, e com a voz por meio da respiração.

PP: De que maneira isso difere de manter a forma?

MW: É um trabalho com as imagens, é um labor de alma. As imagens são figurações da alma e nós as usamos como pontes entre a psique e o corpo. Algumas pessoas não gostam de participar de *workshops*, preferem um trabalho corporal individual. Então fazem Feldenkrais, ioga, ou alguma outra coisa. Mas praticamente todos os meus

clientes fazem tanto um trabalho corporal como trabalho com os sonhos.

PP: Em um de seus livros você descreve o trabalho corporal e o trabalho com os sonhos como muito semelhantes. O corpo nos dá imagens metafóricas e mensagens que vêm do inconsciente tal como os sonhos; apenas, não fomos ensinados a interpretar tais mensagens.

MW: Podemos interpretá-las se dedicarmos algum tempo a ouvir o corpo, a atentar para as imagens que surgem. Se nos concentramos no coração, geralmente é uma flor deslumbrante que aparece. Mas há imagens que também não são tão lindas quanto flores, e que podem ser definitivamente diabólicas. Elas nos obrigam a encarar o nosso outro lado. A questão é que somos de carne e sangue e não costumamos vivenciar a realidade de uma imagem psíquica enquanto não a houvermos sentido em nosso corpo.

PP: *A coruja era filha do padeiro* faz a seguinte pergunta: "Será que o deus reprimido e somatizado como histeria, no início deste século, está aparecendo agora como anorexia e obesidade?" Eu entendo que a histeria costumava estar coligada à repressão sexual. Existe alguma ligação entre distúrbios alimentares e repressão sexual?

MW: Bom, assim que o distúrbio da alimentação começa a sarar, pode aparecer um problema sexual. Uma mulher que está se relacionando de perto com seu corpo se torna atraente aos homens e assim que estes começam a dar-lhe atenção — ou a tocá-la — ela de repente começa a comer de novo e a aumentar de peso. Em geral, a mulher com um sério problema de alimentação tem por volta de um ano. A alma foi para o subterrâneo por volta de um ano de idade; a menininha começou então a "fazer mode-

"los" e ser o que as pessoas queriam que fosse. Então quando o peso desaparece você ainda tem um ano e está tentando se relacionar com um homem; a garotinha de um ano simplesmente não consegue fazer isso. Então você precisa permitir a essa garotinha crescer, num sentido espiritual, para tirar a defasagem em relação ao seu corpo físico. Depois disso ela pode conseguir se relacionar com os homens. Muitas vezes, o corpo funciona como um terno de ferro contra a sexualidade.

PP: Como é isso com a anoréxica?

MW: Nesse caso os ossos são a couraça, em lugar da gordura — na anoréxica legítima. Algumas são anoréxicas só porque está na moda. Mas as legítimas esquecem genuinamente de comer, ou simplesmente não conseguem fazê-lo.

PP: A maioria dos homens e mulheres é muito confusa a respeito de sua sexualidade.

MW: Parece-me que, para receber um pênis, é preciso que haja um senso realmente profundo de quem você é, para se poder permitir ser penetrada por um outro ser humano. A mulher precisa ter verdadeira noção de sua presença para se entregar ao orgasmo completo porque ela está entrando num estado alterado de consciência. Penso que o medo da entrega típico da anoréxica é o epítome do medo do feminino, e refiro-me ao feminino nos homens também. O feminino nos homens está mais aterrorizado do que o feminino nas mulheres.

PP: De que modo isso afeta o homem quando se trata dos relacionamentos sexuais?

MW: Quanto à sexualidade humana, penso no símbolo yin-yang. O yin contém um pouco de yang, e vice-versa.

No ato sexual, você tem um movimento contínuo desse círculo de tal sorte que a mulher experimenta seu plano masculino e feminino e o homem também. Esse é realmente o amor sendo feito, em que cada qual vivencia em si a totalidade através da pessoa que ama. Mas se a mulher migra para seu yang e o homem se assusta com a assertividade dela, que pode parecer-lhe agressividade, ele não será capaz de aceitá-la. Ele se recolhe e fica impotente.

PP: De vez em quando sinto atualmente mais tristeza por causa desses homens do que pelas mulheres.

MW: Eu também. Quando os homens começam a perceber o que fizeram com seu lado sensível ficam de coração partido. Literalmente. Doenças cardíacas são o matador número um nesta sociedade porque durante tanto tempo o coração ficou tão inconscientemente sobrecarregado que um dia ele finalmente quebra. Agora isso está tentando alcançar a dimensão consciente. Os homens e suas parceiras começarão a sofrer porque tornar-se consciente acarreta sofrimento.

PP: Ninguém parece mais ter a mínima idéia de quais sejam as regras de um relacionamento.

MW: Não há regras. O que é bom porque fomos arremessados num *ethos* inteiramente novo. O velho está ultrapassado, liquidado.

PP: O que é o velho *ethos*, para você?

MW: O patriarcado. Uma sociedade patriarcal se baseia no poder, no controle sobre os outros. Muitas e muitas mulheres são tão maus patriarcas quanto os homens. Ou piores. Penso que o planeta inteiro esteja se mudando do poder para o amor. Mas a agonia é inerente a fazer essa mudança! Como somos criados e educados segundo o po-

der, esse é o *ethos* que entendemos. Se nossos pais, ou professores, ou chefes nos controlaram, então é isso que entendemos como vida. Por isso, os velhos relacionamentos têm de se tornar caóticos para poder encontrar alguma coisa nova. E estão caóticos. Mas acho tudo isso muito excitante. Você diz o que pensa, numa dada situação, e a outra pessoa fica inteiramente chocada. Depois, na próxima vez em que se encontram, alguma coisa inteiramente nova está acontecendo entre vocês. Ambos avançam mais um pouco e, freqüentemente, a pessoa que você achou que estava ali em pé à sua frente não está ali, de jeito nenhum; quem existe é alguém totalmente diferente de quem você imaginou. É como terapia.

PP: Isso realmente parece o que está emergindo: o processo terapêutico como uma parte básica do relacionamento. O assim-chamado relacionamento terapêutico ou o modelo do casamento-como-terapia.

MW: É isso. Na situação terapêutica, a pessoa que se sentou na minha frente na semana anterior é diferente de quem está ali naquele dia. Contudo, há uma diferença quando você pode perder uma relação por estar crescendo muito depressa. Por mais que você mude, sabe que não será expulso da análise.

PP: De que modo esse processo terapêutico pode ser absorvido por um relacionamento sem que as duas pessoas fiquem sobrecarregadas uma com os problemas da outra?

MW: Ou para que não deixem uma à outra em frangalhos. Penso que a raiva e outros 'buracos negros' têm de ser abordados na situação terapêutica, não no relacionamento. Você trabalha sua ira com seu terapeuta antes de poder falar com o parceiro sobre isso.

PP: Em outras palavras, você leva para o relacionamento os frutos do que aprendeu sobre si próprio na terapia.

MW: Essencialmente, sim. Não estou sugerindo que os casais não devam ser transparentes e honestos entre si, e que deixem de reconhecer o medo, a raiva ou o que for que exista. Mas a raiva pura e simplesmente, capaz de destroçar as entradas do outro, não tem lugar num relacionamento, pois não é pessoal, é transpessoal. O Eu não está mais presente quando a raiva se torna fúria.

PP: Será que não fomos longe demais nos vícios como tentativa de trabalhar essa questão?

MW: Mas somos uma cultura de vícios.

PP: Mas subitamente tudo se tornou vício, a ponto de termos nos tornado viciados em vícios. As pessoas dizem: "Não posso beber senão fico viciado em álcool. Não posso comer senão fico viciado em comida; não posso amar você se não fico viciado em você."

MW: Isso é só besteira, um verdadeiro simulacro. As pessoas que falam isso são aquelas que não querem assumir a responsabilidade por si mesmas. O que há é, se você é viciado em comida, você vai ser viciado você vai em dinheiro e em relacionamentos. Ser viciado é um modo de existir.

PP: Qual é esse modo? O que é a personalidade dependente?

MW: Penso que personalidade adicta é aquela inconscientemente comprometida com a autodestruição. São pessoas dependentes. Têm uma energia enorme que cobrem com viseiras como os cavalos, e simplesmente vão de cabeça adiante em busca de alguma coisa. Negam seu va-
zio interior e por isso correm o mais depressa que podem

para tentar escapar. Para mim isso é o comportamento viciado. É a mesma coisa nos relacionamentos. Com um relacionamento dependente você apenas fica correndo o mais depressa que pode só fingindo que não está morrendo no meio dele.

PP: De que maneira é possível se diferenciar entre o que é um anseio por um relacionamento seguro e estável e a relação de dependência? Não será certo grau de dependência uma parte normal das necessidades humanas?

MW: Eu diria que enquanto você não tem uma noção de sua própria totalidade fica tentando encontrá-la em outra pessoa. É a mesma coisa com o princípio da comida; você busca sua totalidade na comida, no álcool, nas drogas. Se está buscando alguém para completar você, você corre o risco de ficar viciado nesse relacionamento. A meu ver, a tarefa consiste em tentar tornar-se uma pessoa inteira de tal sorte que você seja capaz de amar um outro ser humano.

PP: Mas quantos de nós são indivíduos inteiros, completos? Parece mais uma expectativa irreal em termos de relacionamentos.

MW: Bom, nenhum de nós é completamente intiero. Mas se pelo menos temos uma visão de nossa totalidade como seres então não nos abandonamos nos outros nem esperamos que eles nos tornem felizes.

PP: Então é o processo de se tornar completo e autônomo que realmente importa.

MW: Sim, é esse o processo. Quanto menos você se responsabiliza por si mesmo, mais dependente se torna de outro ser humano. Quando você é jovem, projeta seu estatuto interior em outra pessoa. Isso é automático, incons-

ciente. Não há como impedir, acontece. Você se sente perdidamente apaixonado na primeira vez porque está enamorado de sua própria projeção. Aos poucos, vai reconhecendo que existe dentro de você uma pessoa que é sua outra metade, alguém bastante diferente do homem ou da mulher que você ama do lado de fora. Mas essa constatação não acontece senão muito mais tarde. Antes, é preciso que você passe por toda uma série de projeções, a cada vez reconhecendo mais quem você é.

PP: O que é uma projeção?

MW: É como uma flecha. É um feixe de energia psíquica que vê alguma coisa lá adiante pela qual sente atração e a flecha é automaticamente disparada — bang! — e se a outra pessoa tem uma flecha vindo em sua direção isso é chamado de apaixonar-se. É a neurose pura e simples. Mas faz parte do crescimento psíquico. Conforme o tempo passa, você começa a perceber que todos esses homens ou mulheres pelos quais sente atrações tão fatais são todos na verdade muito parecidos em seu cerne. Você, de fato, está apaixonando-se sempre pela sua própria projeção. Aos poucos, você vai se dando conta de que não é pela outra pessoa que você se apaixona, mas por aquela parte de si mesmo que está projetando nela. É essa parte projetada de nós que temos de recolher. Uma porção de mulheres projeta sua mãe no homem. É uma confusão impressionante!

PP: O que você quer dizer com “recolher” projeções?

MW: É o processo mais doloroso e agonizante do mundo, uma vez que você tem de reconhecer o que achou que existisse lá fora, na outra pessoa e que não existe nesse plano, mas sim em seu interior. A maioria das pessoas experimenta o retirar de uma projeção como um isola-

mento, como um distanciar-se do mundo externo. Mas, se você amou um homem e projetou nele seu deus interior, tem de reconhecer que ele, afinal de contas, não é deus nenhum. O verdadeiro deus está dentro. Você tem de reconhecer as ilusões, os delírios e a dor da limitação humana. Depois, aos poucos, vai ficando mais claro para você o imenso erro que você cometeu.

PP: O que acontece então?

MW: Quando você é capaz de reconhecer que é seu deus que você esteve projetando ou, no caso do homem, sua deusa, você aprende a conter essa divindade em seu interior. Então, é capaz de perguntar a si mesmo: “Eu amo esse ser humano?” E pode até descobrir que sim. Que esse homem está repartindo a viagem com você, e que ele agüenta (ouso dizê-lo) toda a merda que você tem (é assim que a imagem do sonho aparece) e que você agüenta a dele; então, aí estão vocês dois, andando juntos pela vida. Há algo de nobre nesse sofrimento. Há algo de nobre no seu próprio sofrimento. Vocês não ficam encostados um no outro. Caminham por trajetos paralelos, não ficam retendo um ao outro. Isso é uma coisa maravilhosa, amar dessa maneira um outro ser humano.

PP: Para isso, contudo, se entendi direito, a pessoa tem de ser capaz de distinguir o humano no parceiro do divino em si mesma. Você escreveu sobre a importância de se diferenciar entre o sacro e o profano. As instituições, os rituais, que antes tinham a finalidade de nos ajudar a assinalar tais limites, não existem mais.

MW: Sim. Há o risco terrível de se tentar fazer com que tudo seja sagrado. A sacralidade tem a ver com o mundo arquetípico. Quando você entra no espaço sagrado, deixa propositalmente sua centração no Eu para mergulhar no

mundo arquetípico. Por um momento, durante a missa, por exemplo, você se entrega deliberadamente à incrível experiência de se identificar com o deus ou a deusa. Quando você volta com esse conhecimento, você se tornou uma pessoa muito maior, seu Eu expandiu-se. Mas se você imagina que é um deus, e nada em sua mente clica para lhe dizer: "Não sou deus, e agora vou reassumir minhas limitações humanas", você pode acabar louco. Esse é um de nossos maiores riscos culturais. Como as crianças assistem à televisão e se identificam com o que vêem, não conseguem identificar a diferença entre o pessoal e o trans-pessoal.

PP: Será por não haverem recebido os recursos necessários a descobrir sua própria identidade singular?

MW: Em parte. Por conseguinte, identificam-se com o que quer que esteja na tela, e então acontecem casos como o do homem que se identificou com John Lennon e, no momento em que ele deixou de corresponder à imagem projetada, leva um tiro. Essa é uma identificação arquetípica. Mas, se você puder separar a dimensão arquetípica da humana, pode dizer então: "Na noite passada, estive num espaço transcendente. Fui uma deusa e me senti amada por um deus. Mas, hoje de manhã, lavei a louça e comi meus cereais".

PP: Muito difícil de se fazer...

MW: Sim, mas é preciso que sejamos capazes de distinguir o humano do divino. Senão estaremos constantemente envolvidos com inflações e estas levam aos vícios, ao tentar escapar dos pratos e do cereal.

PP: Muitas vezes, você descreve o comportamento das pessoas com distúrbios alimentares como ritualístico: as

roupas especiais que usam, o “altar frio” da geladeira, o frenesi dionisíaco que acompanha as comilanças, e assim por diante. De que modo esse referencial mítico nos ajuda a compreender os padrões viciados de comportamento?

MW: Sempre procuro apreender qual é a força que se encontra na base do vício. Ela varia. No caso de comida, por exemplo, pode ser a mãe; no do álcool, o espírito; no da cocaína, luz; no do sexo, união. Mãe, espírito, luz, união: estas podem ser imagens arquetípicas da busca da alma por aquilo de que necessita. Se não conseguirmos compreender qual o anseio da alma, então atuaremos no plano concreto e nos tornaremos compulsivamente atraídos por um objeto que não é capaz de mitigar a sede da alma.

PP: De modo que, tão logo você tenha identificado a metáfora que se esconde na raiz do vício, você então pode achar outros modos de satisfazer essa necessidade por trás da metáfora? Se existe uma necessidade de luz, pode substituir a cocaína por...

MW: Música, por exemplo. E a união... a pessoa poderia dirigir-se ao deus interior que pode querer que você pinte, dance, cante ou escreva com ele. Existe uma alegria imensa no criar.

PP: A mitologia desempenha um papel muito importante no processo terapêutico junguiano. Qual sua definição de mito?

MW: Diria que é a jornada da alma, contada numa história universal. Vejamos uma figura feminina, a Medusa. No mito grego, ela transformava em pedra quem a mirasse. Muitas mulheres hoje se olham ao espelho e exergam a Medusa: cem quilos de gordura, ou cinco quilos de gordura, de que não conseguem se livrar.

PP: Então a Medusa é o feminino com raiva?

MW: Raivoso e insaciável. As serpentes na cabeça da Medusa estão o tempo todo se contorcendo, sem saber o que querem, mas querem mais, mais e mais. As mulheres obcecadas com a Medusa olham no espelho e ficam petrificadas pelo que vêem. É trágico porque são defrontadas por sua própria rejeição de si mesmas e, assim, jamais poderão ficar satisfeitas. Também vira em pedra tudo o que existe à sua volta. Esse é o mito vivo, bem aí.

PP: Qual é esse misterioso poder que existe atrás do mito?

MW: O mito dá significado ao que, de outro modo, seria uma existência bidimensional. Ele introduz o elemento divino.

PP: E muitas pessoas parecem mais à vontade com as imagens dos antigos mitos gregos do que com as da tradição judaico-cristã. Por que é assim?

MW: Estas são muito próximas. É mais fácil falar do que está mais longe. Temos de nos lembrar que a maioria dos mitos antigos prefigurou o que se desenvolveu posteriormente. Mas, para a maioria, é muito difícil falar de Cristo como um mito, ou de Maria Madalena como um mito. Algumas pessoas não conseguem nem lidar com o termo Deus. Eles acabam falando dos deuses gregos ou egípcios, mas de Deus, nem citando a palavra.

PP: Em *Addiction to Perfection* você escreveu que, se todas as estruturas religiosas tradicionais estivessem intactas, sua sala de espera estaria vazia. Depois prosseguiu dizendo que cada pessoa deve tecer seu próprio nicho interior a partir do rescaldo das estruturas tradicionais entremeado com as imagens que têm para ela maior

significação. É essa construção de um centro espiritual uma maneira que temos de nos coligar aos mitos no mundo de hoje?

MW: A pessoa precisa é de um referencial maior do que o reduzido referencial pessoal, porque este pode acabar tornando-se muito monótono. Precisamos nos perguntar qual é o significado da vida. Qual é o propósito da vida, por que deveríamos nos manter em movimento? As imagens de nossos sonhos nos oferecem esse significado e, no nível mais profundo, elas estão ligadas aos mitos.

PP: Assim, fazendo essas perguntas a nós mesmos, mantendo-nos continuamente no processo de questionar a vida, somos capazes de contatar com ela de forma mais significativa?

MW: Penso que sim. Se sonhamos com uma criança radiosa, temos de nos perguntar: "O que é o Cristo criança em mim?" Ou, se sonhamos com Lúcifer, ou Maria Madalena. Não importa se vamos ou não à igreja, à sinagoga, a um templo; o que importa é termos um referencial arquetípico que dê à nossa vida uma significação universal, de tal modo que nos sentimos parte da humanidade, parte de um plano maior. Senão for assim, ficamos isolados e alienados.

PP: O que é um arquétipo?

MW: Jung disse que, tal como somos programados fisicamente com cromossomos, também somos programados psiquicamente com padrões. Esses padrões arquetípicos são como ímãs, no inconsciente, que controlam o que o Eu faz. Esses grandes arquétipos — do pai, da mãe, da criança divina — são as forças subjacentes à nossa existência. São centros de energia que nos impelem mais além de nossa existência transitória. Você pode fazer uma re-

introspectiva de sua vida, examinando seus relacionamentos, e identificar padrões. Jung disse que, aquilo que você não traz ao plano da consciência, você vive como fato da vida, inconscientemente. Então, se você examinar seus relacionamentos, pode começar a identificar certos padrões. Seguramente seus sonhos mostrar-lhe-ão os arquétipos que você esteve vivendo. Não acho que você possa fazer isso quando é jovem. Você precisa ser capaz de se distanciar o suficiente para olhar sua vida por um prisma retrospectivo. Por volta dos trinta anos já deve ser-lhe possível começar a divisar um padrão.

PP: Você poderia falar sobre o trabalho com sonhos na análise junguiana?

MW: Bom, para mim, é tudo. Confio completamente no direcionamento dado pelos sonhos. Se um sonho é equivocadamente interpretado, o da noite seguinte o dirá. Como falei antes, acho que cada um de nós tem um destino a cumprir. Se cooperarmos conscientemente com esse destino, e confiarmos em seus encaminhamentos, é surpreendente aonde poderemos chegar. Se não seguirmos nosso destino, estaremos nos traindo, trairemos a pessoa que poderíamos ser. Enfiamos-nos dentro de caixinhas de fósforo que temos de controlar porque fora é o caos.

PP: É verdade que, estudando os próprios sonhos, muitas vezes aparece uma coisa muito diferente do que seria possível esperar conscientemente?

MW: Sim. Nossa tendência é viver o mais longe possível de nosso inconsciente. Veja, não é longe não, mas fazemos de tudo para nos manter cegos.

PP: A interpretação de sonhos parece uma arte perdida, uma linguagem esquecida.

MW: É verdade. As crianças se saem melhor com isso do que os adultos, realmente, pois estão mais próximas da alma. Adoro a literatura inglesa, mas sei que muitas pessoas dizem que poesia não faz nenhum sentido. Shakespeare não faz sentido! Essas pessoas não conseguem pensar de maneira metafórica. É trágico. Portanto, tentar interpretar os sonhos, que são pura metáfora, sem ter ajuda, pode ser perigoso. Mas, assim que você começa, faz um sentido incrível. A maioria das imagens tem dois lados, você tem sempre de estar cônscio da duplidade.

PP: Parece estranho que esses mitos tão antigos tenham tanto a oferecer ao homem e à mulher do século XX. Você diz que isso é porque estamos mais longe deles...

MW: Estamos distantes o suficiente para podermos nos aproximar. Para entendê-los metaforicamente, é isso que você quer dizer?

MW: Se você está longe o suficiente de alguma coisa, pode relacionar-se com ela num nível de muito maior intimidade do que com algo que simplesmente pulsa na intimidade. É um paradoxo.

PP: Eu percebo esse paradoxo. É como se o mito recentemente tivesse terminado de se tornar “mito”. Os deuses e as deusas da Grécia antiga não eram considerados mitos, eles eram para os gregos...

MW: ... a Bíblia. A alma é eterna. Sua linguagem é eterna.

PP: James Hillman diz que o mito é sempre aquela coisa em que você está sem saber que é um mito. Podemos ter perdido alguns mitos antigos, ele diz, mas ainda estamos vivendo mitos. Ele chega a dizer até que a televisão é um mito.

MW: Exatamente. Você percebe isso?

PP: Acho que muitas pessoas diriam que, se a televisão é um mito moderno, trata-se de um exemplo bem reles.

MW: Bom, Afrodite, como arquétipo, não parece muito com algumas das mulheres do programa de TV "Dinastia". Pense nas pessoas da Idade Média indo à igreja, na catédral que construíram com suas próprias mãos e naquela sensação de mistério que perpassa a atmosfera... os vitrais e a nave imensa — e *Deus vive ali*. Elas podem ir até essa presença e o mistério é maior que elas. Que diferença entre isso e "Dinastia"!

PP: Bom, foi o autor John Updike quem disse que a televisão substituiu a lareira nas casas?

MW: Concordo com isso. As pessoas se reúnem em volta da televisão, mas não sonham com as chamas nem contemplam o mistério no rosto umas das outras, nem escutam o mistério dos seus corações. O mistério se perdeu. Por isso, então, buscam o mistério nos vícios. Odeio dizer isso de novo. Mas o que há no poder de um bolinho que uma mulher fique tão nervosa que não consiga sequer pensar em não comer um? Ela tem de comer um, seu corpo começa a tremer e ela fica muito quente e suada. Tem de dar um gole numa bebida alcoólica; tem de fazer sexo; tem de sair e comprar uma roupa de seda. Que mistério está atuando aí?

PP: Tudo isso parece que no fundo se liga com o fato de não termos religiões que nos satisfaçam espiritualmente. Não existe espiritualidade na vida cotidiana.

MW: Sim. Somos seres humanos. E o ser humano tem uma inteligência divina, criativa. De um jeito ou de outro, essa inteligência criativa acabará encontrando um

meio de vir para fora. Se ela não conseguir encontrar uma via de saída, através da imaginação, que é seu canal natural, encontrá-lo-á de alguma forma concretizada. Isso se torna compulsivo porque não existe possibilidade de ela achar o que procura na dimensão concreta. Você não pode encontrar a Mãe Divina devorando pratos e mais pratos.

PP: Então, quando você diz que essa energia não consegue encontrar um meio de se expressar pela imaginação, nosso lado artístico, além do lado religioso, nós nos permitimos atrofiar?

MW: Que tudo está coligado em Deus. Quando criamos, tornamo-nos deuses. Matisse disse: "Eu acredito em Deus quando estou trabalhando". Se nossa energia criativa está bloqueada, ela encontrará uma saída em algum tipo de religião distorcida, ou de vício. Para mim, vícios são a religião distorcida.

PP: Qual é a relação entre criatividade e religião?

MW: A criatividade é divina! Para mim é a alma virgem abrindo-se para o espírito e criando a criança divina. Você não pode viver sem ela. Esse é o significado da vida: o fogo criativo.

PP: Então, quando ensino meu filho a pintar, ou incentivo seu talento artístico, essencialmente esse é um ato espiritual?

MW: Exatamente. Dê-lhe as tintas apenas. Deixe que ele vá em frente e descubra sua própria alma.

13

COM SUA PRÓPRIA VOZ*

Enquanto a mulher aceitar a projeção arquetípica do homem, estará aprisionada na compreensão masculina da realidade.

Marion Woodman

Pesadas nuvens de chuva escureciam o céu daquela tarde, e lançavam uma luz fantasmagórica nas azaléias, nos cornisos e nos últimos botões de tulipas. Estava sentada à escrivaninha, em meio a folhas de papel espalhadas com anotações e livros, os olhos fixos em meu bloco de notas. Estava tentando comunicar o quanto radicalmente diferente era o último livro de Marion Woodman, *Leaving my Father's House*, dos anteriores. Mas, depois de rabiscar várias tentativas frustradas de abertura do texto, minha caneta parou de se movimentar. Palavras que normalmente podiam ser instigadas a surgir estavam escondidas. Sentei-me vazia e aturdida.

Antes desse momento, eu tinha topado com uma frase do terceiro livro de Woodman, *A virgem grávida*. Essa citação, extraída de uma revisão literária de Carolyn Heilbrun, para o *New York Times*, sugeria que a linguagem deixava as mulheres autoras na mão quando elas tentavam registrar suas experiências porque tinham sido “emudecidas por séculos de treinamento”. Woodman havia acrescentado que isso “é verdade para qualquer mulher que esteja tentando falar com a sua própria voz”.

*Reimpresso de *Common Boundary*, vol. 10, nº 4 (julho/agosto de 1992). Escrito por Anne A. Simpkinson, editora desse periódico.

Deixei essas palavras decantando dentro de mim. Pensei, porém: "Bom, mas eu sou escritora. Certamente, já encontrei milhares, provavelmente milhões de palavras, ao longo desses anos todos". Mas ali continuava eu, imóvel como um bloco de gelo.

Gradualmente foi me ocorrendo que talvez eu estivesse inconscientemente acostumada a uma mentalidade e a um estilo de redação masculinos.

Será que o novo livro de Woodman, a energia por trás dele, e minha vivência dele, estariam exigindo que minha escrita fosse mais feminina? O que seria uma escrita feminina, aliás?

Depois de muito pensar, percebi que a dificuldade em que me encontrava era devido à minha abordagem: eu estava tentando analisar a viagem de Woodman através de seus livros anteriores, tentando explicar racionalmente o que tornava tão diferente sua última produção. E fracassava redondamente nisso porque estava lidando com essa tarefa na minha cabeça. Para ser honesta com o livro, eu tinha de ir para a barriga. Tinha de equilibrar a discriminação masculina — o que seria mais relevante para comentar — com a sensibilidade feminina — o que eu sentia desse livro.

Bom, não sou muito adepta de relatos jornalísticos na primeira pessoa. A maioria dos leitores não tem interesse pelo jornalista, mas sim pela história. O estilo pessoal e a perspectiva já moldam suficientemente a história a ser narrada, mas, acredito, a verdadeira arte da escrita está em contar a história em sua voz singular, com tão pouca interferência do Eu quanto possível.

Creio que seja precisamente isso que *Leaving my Father's House* aborda. O livro fala de contar as coisas, de encontrar e expressar a própria voz feminina de tal maneira que possa emergir a voz Feminina mais profunda, universal. As histórias de Woodman, muito providen-

cialmente escolhidas, são o conto de fadas “Allerleirauh”, uma fatia da história de Woodman com o conto de fadas, e três relatos de mulheres a respeito de suas viagens pessoais, conforme suas anotações de diário e as imagens de seus sonhos.

O papel de Woodman foi de tecelã, entrelaçando os fios da interpretação do conto de fadas com as histórias das mulheres. O fio condutor o foco de todas essas narrativas sobre o processo de conscientização de como nós — homens e mulheres — somos impelidos e definidos por valores masculinos negativos, como nos será possível curar nossa natureza feminina e, em última análise, como conseguiremos equilibrar nossas energias masculina e feminina positivas.

É certo que todos os livros de Woodman lidam com esses mesmos temas. No primeiro deles, *A coruja era filha do padeiro*, ela tratou dos distúrbios alimentares os quais, dizia, estavam enraizados na separação da mulher em relação à sua natureza feminina. Seu popular *Addiction to Perfection* vendeu mais de 80.000 exemplares desde sua publicação em 1982; nele, Woodman define com mais precisão as vozes internas negativas que estão nos bastidores dos distúrbios alimentares e de outros vícios. Andrômeda, a jovem energia feminina, “aterrorizada e correndo o risco de ser sacrificada aos monstros do inconsciente”, mencionada no prefácio desse volume, é transformada na “virgem grávida”, a imagem que Woodman usou como título de seu terceiro trabalho. Neste, a discussão centraliza-se em torno da criatividade e do processo de constituição da alma, que deslancha assim que a filha se liberta do complexo de pai negativo. Em *The Ravaged Bridegroom*, Woodman considera que a tarefa é elevar “o feminino a um novo nível de consciência de tal sorte que a matéria... seja infundida por sua própria luz interior, como vaso radiante e forte o bastan-

te para relacionar-se de modo vibrante e criativo com a consciência masculina emergente".

Em *Leaving my Father's House*, suas idéias sobre o patriarcado e o feminino emergente ecoam seus trabalhos anteriores. Mas neste livro é apresentada ao leitor uma experiência inteiramente diferente. Os livros anteriores de Woodman parecem oferecer um conteúdo feminino num formato masculino. Por exemplo, *A coruja era filha do padeiro*, originalmente sua tese de formação em Zurique, dá a sensação, a quem lê, do ensaio acadêmico que era. Gráficos, referências, citações, estudos de caso, outorgam credibilidade ao seu argumento, mas refletem uma organização masculina, linear, do material. Em seus textos subsequentes, Woodman fala da luta para encontrar sua voz literária feminina. Em *Addiction to Perfection*, ela diz que o pensamento linear mata sua imaginação. Mas ela ainda está às voltas com um estilo espiral de redação cuja prosa se apresenta densamente compactada com referências, associações e citações. Neste novo livro, como se Woodman houvesse integrado suas *idéias* sobre a feminilidade e a masculinidade com a *forma* que as contém. Essa forma consiste em dois elementos muito femininos: colaboração e história.

O livro leva concretamente o nome de Woodman e de mais três mulheres — Rita Greer Allen, Mary Hamilton e Kate Danson — que contam as histórias de suas “almas”. (Kate Danson, um pseudônimo, usado para proteger a identidade da mulher que fala ter sido sexualmente molestada pelo irmão). Em entrevista recente, Woodman explicou como esse empreendimento cooperativo veio a acontecer. Explicou que estava “dando mais uma estudada” no conto de fadas “Allerleirauh” quando viu que essas mulheres, que estavam todas três trabalhando com material onírico relativo ao seu passado, lidavam com aspectos coligados àquele conto.

“Eu mesma estava aprofundando-me nos elementos do patriarcado”, Woodman recorda, “e vi como as quatro histórias estavam começando a configurar uma totalidade”. Ela sentiu também que essas histórias poderiam ser úteis e valiosas para outras pessoas atravessando percursos de alma similares. Então perguntou a cada uma daquelas mulheres se elas estariam interessadas em trabalhar em suas histórias com fins de publicação.

Todas concordaram e então começou o árduo labor de editar e refinar milhares de páginas sobre seu próprio material. Esse projeto, que custou perto de três anos para chegar ao término, aparentemente naufragou várias vezes. “Todas nós recuamos em diversos momentos dizendo que não queríamos mais publicar nada”, disse Woodman. “No entanto, os sonhos de todas quatro pareciam dizer-nos continuem com isso, façam-no”. Essa energia que insistiu para que as mulheres prosseguissem está viva nas páginas desse livro. É uma das raízes pelas quais se trata de um trabalho tão envolvente.

Outra razão é que as histórias são poderosos veículos femininos de comunicação. Por sua própria natureza, transportam-nos ao reino do imaginário. As histórias nos alimentam a alma, principalmente quando são narradas a partir de uma profunda fonte interior de verdade. E, em última análise, é por isso que se destaca. Todas quatro evidentemente trabalharam muito. Suas imagens e metáforas reluzem e ecoam com a imaginação do leitor. Ao lê-lo, eu podia literalmente sentir as imagens em minha psique serem ativadas. Posso atribuir pelo menos um sonho diretamente à leitura desse livro, e mais de uma vez, ao lê-lo, vi imagens com tanta nitidez em minha imaginação que tinha de parar e anotar o que estava “vendo” para conseguir retomar a leitura depois.

Mas, como a prova do pudim está em prová-lo, vamos ouvir agora Marion Woodman, que fala numa entre-

vista sobre seu trabalho e este novo livro — com sua própria voz.

Common Boundary: Quero começar falando sobre *Leaving my Father's House*. Esse é um livro muito diferente do que você já fez antes. Achei seus livros anteriores mentalmente estimulantes, mas as imagens deste ecoaram dentro do meu corpo. Também ocorreu um entrelaçamento muito interessante do conto de fadas com a sua interpretação dele e as histórias das mulheres.

Marion Woodman: Foi o que eu achei interessante também. A estrutura do conto de fadas amarra as histórias numa unidade. Cada uma daquelas mulheres tinha milhares de páginas de diário que elas condensaram para que coubessem em 80-100 páginas. Foi um árduo processo porque cada uma delas definiu o fio de seu mito por meio das imagens dos sonhos. Todas lutaram para se libertar de sua sujeição a um modo patriarcal de pensar, fosse na universidade, na igreja, no relacionamento com sua família, até no relacionamento com seu próprio corpo. Em cada história, o inconsciente contribuiu com imagens que não só davam apoio como guiavam o processo de maneiras que a consciência jamais poderia ter concebido.

Na minha maneira de ver, nossa cultura está evoluindo na direção de um *ethos* em que a feminilidade e a masculinidade se fortalecem mutuamente. As imagens dos sonhos de Kate, Mary e Rita mostram que a psique está se movendo rumo a uma nova integração com um novo entendimento do feminino e do masculino, integração sediada naquilo que chamo de *interpenetração*.

Em meus outros livros, sempre me sentia em desvantagem, porque, embora eu ilustrasse minha argumentação com sonhos individuais, estava ciente de como é assombrosa a jornada onírica — a psique guiando ele-

gantemente quem sonha, e esta prestando atenção à sua cura e ao seu processo de totalidade. Nesse livro, acompanhamos certas imagens durante anos e, com isso, o leitor pode acompanhar o processo da transformação.

CB: Determinados símbolos e imagens não só recorriam na jornada individual da pessoa como sobreponham-se entre uma história e outra. Havia um cervo e uma serpente...

MW: E um urso, imagens recorrentes nos sonhos da maioria das pessoas. É importante apontar que existe uma diferença enorme entre as imagens pessoais e as impessoais, no processo inconsciente. Algumas pessoas poderiam dizer, por exemplo, que nesse livro eu ataco a mãe. Mas eu disse inúmeras vezes que estou falando do complexo materno e do arquétipo da mãe. Estes são influenciados pelo relacionamento com a mãe pessoal, mas abrangem o que herdamos nos últimos 2.500 anos durante os quais o feminino vem sendo denegrido. Nossas mães afligiam-se com auto-imagens de vergonha, degradação, dúvidas sobre si mesmas e péssima auto-estima; nossas avós também se afigiram com isso, e quantas mais gerações atrás delas não sofreram assim também? A maioria de nós não tem idéia da profundidade da ferida de que o feminino padece no inconsciente tanto de homens como de mulheres. Quando escrevo sobre o tremendo dano que tem sido perpetrado através da negatividade do complexo materno, estou segura de não estar me referindo a nenhuma mãe pessoal. Nossas mães e avós, tanto quanto nós, foram devastadas nas próprias células de seus corpos. Poucas dentre elas tinham qualquer meio de acesso à sua vergonha inconsciente. Nós herdamos esse sentimento e estamos começando a trazê-lo até o campo da consciência. Jung dizia que nossos pais concretos são nominais; os reais são nossos ancestrais.

CB: Qual é sua sugestão para se trabalhar com esse material?

MW: É muito importante ser capaz de reconhecer a voz do complexo. Ela é poderosa. As vozes ancestrais são poderosas. Se você ouvir uma voz no fundo de seu corpo, ou em seus sonhos, dizendo que você não presta, que é um fracasso, que não tem direito nenhum de viver, pode até achar que é você mesma quem está falando. Na realidade, é a voz de seu complexo. Você tem de ficar forte o suficiente para dizer: "Essa é a voz do complexo. Não tenho de me submeter a ela". Ficar firme e manter a auto-estima enquanto essa voz faz tudo o que pode para arrastá-la para o fundo não é uma coisa fácil.

CB: Mas muitas pessoas diriam: "Essa voz parece com a de minha mãe".

MW: Porque a mãe pode ter-se identificado com o lado escuro do feminino. Ela pode ter-se experimentado como alguém sendo julgado e, por sua vez, julga seu filho. Esse julgamento pode paralisar tanto as meninas como os meninos. Pode destruir o fluxo da vida. Se você for capaz de distinguir essa voz, então pode fazer-lhe frente e dizer: "Escolho viver a minha vida". Todo viciado tem de fazer essa escolha. "Quero seguir a deusa inconsciente da morte e morrer, ou viver a minha vida". Escolher viver é abrir-se ao lado que é capaz de bem-querer, dentro do arquétipo materno. Isso significa extirpar as toxinas — físicas e psíquicas — que o estão matando. É preciso uma imensa força para virar essa energia em outra direção. Nossa cultura, nosso planeta, está em risco de afundar na energia da mãe negativa. Redimir os ancestrais é um empreendimento gigantesco.

CB: É como se houvesse um incrível panorama interior com o qual só agora estamos nos familiarizando. Esse

panorama interior parece ter suas próprias leis naturais.

MW: Penso que isso que você chama de panorama interior é um novo *ethos* que estamos em pleno processo de moldar. No início do século XIX, o romantismo construiu um panorama interior que idealizou a natureza. A natureza era a mãe nutridora. Darwin deu um fim nisso.

Agora, estamos começando a nos dar conta das consequências de ignorar tanto um lado do arquétipo materno como o outro. Não temos tempo para ser sentimentais em nossos pensamentos e atos. Existe a necessidade premente de uma mutação na evolução da consciência. Penso que *mater* — o termo em latim para mãe, o corpo — quer se tornar consciente, quer libertar a luz da densidade da matéria. É isso que os impressionistas franceses estavam pintando. É onde a física quântica e as imagens oníricas se encontram. Para mim, esse é o novo nível da feminilidade consciente que nunca existiu antes no mundo: o consciente reconhecimento da energia, da sabedoria, de Sofia, na matéria.

Por esse motivo é que meu trabalho honra o corpo como parte do psiquismo. Muitas vezes, no nível psíquico, o processo está se encaminhando numa direção de cura, mas, então, se estendo o braço para tocar o analisando, seu corpo se retrai. Esse corpo não se sente digno. Ele diz: “Não sou capaz de ser amado”.

CB: A reação acontece independentemente do que a pessoa possa estar pensando ou querendo conscientemente?

MW: Certo. Quanto mais me aprofundo nos sonhos, mais me dou conta de uma voz que diz: “Não sou capaz de ser amado”, que está na células. Portanto, é no nível celular que a transformação tem de transcorrer.

CB: Com base nessa noção, você acha que está realizando um trabalho psicológico? Em determinada altura de seu livro pensei, enquanto lia: “Isso não é psicologia. É outra coisa”. Você usa a expressão cultivo da alma. Outros poderiam falar de desenvolvimento espiritual ou algo do gênero.

MW: O trabalho psicológico é um trabalho da alma. A psicologia é a ciência da psique, alma. Depois de analisar tantos sonhos, por tantos anos, não posso negar que um processo guia a alma. Por alma quero dizer a parte eterna de nós que vive neste corpo durante alguns anos, aquela parte atemporal de nós que cria objetos atemporais como a arte, a pintura e a arquitetura. O processo criativo para mim é extremamente importante. Sempre que o Eu se rende às imagens arquetípicas do inconsciente, o tempo encontra o eterno. Se esses momentos forem conscientes, são psicológicos — pertencem à alma. Estão no tempo, iluminando e não rejeitando o atemporal. Também estão no presente. O “Guernica” de Picasso é uma imagem da guerra e do caos; também é uma cidade concreta.

CB: Os psicólogos arquetípicos também usam o termo cultivo da alma. Você se considera adepta dessa ramificação específica da psicologia junguiana?

MW: Não, não me incluo aí. Originalmente eu era estudiosa de literatura inglesa. Amei John Keats antes de ter sequer ouvido falar de psicologia. Ele emprega essa expressão “cultivo da alma”. Ele fala de aprender a vida de cor. Não é uma delícia de ambigüidade? E triste também.

Para mim, a alma se constituir consiste em permitir que a essência eterna penetre e experimente o mundo externo por todos os orifícios do corpo: vendo, sentindo o aroma e o sabor, ouvindo, tocando — de tal maneira que

a alma cresça durante sua permanência na Terra. Ela cresce como um embrião no útero. A alma que se cultiva é um processo que constantemente confronta o paradoxo de um ser eterno habitando um corpo temporal. É por isso que sofre e aprende pelo coração.

CB: Você está falando sobre um tipo de experiência religiosa, não está?

MW: Alguns de nós foram criados segundo uma fé religiosa que perdemos, na adolescência e início da idade adulta. Mas, se entramos em análise, a imagética religiosa pode retornar em nossos sonhos, em geral para nosso imenso desconforto e contrariedade. Achávamos que tínhamos liquidado com esse absurdo. Mas, quando ele vem a nós e sonhamos com um bebezinho de pele dourada e cabelo reluzente, então o Natal se torna uma coisa muito diferente.

CB: Isso me faz lembrar da história de Rita em *Leaving my Father's House*. No início de sua seção ela diz que quer conhecer Deus. “Tenho crenças religiosas”, ela escreve, “só não sei quais são elas”. Depois, mais ou menos na metade da história, ela comenta: “Minha busca por Deus está me levando para longe do Deus da escola dominical. Para longe do cristianismo que eu conheço, e da figura histórica de uma pessoa chamada Jesus Cristo”. Mas, no final, isso não é verdade de jeito nenhum. A dela é uma viagem extremamente pungente que chega a fechar um círculo completo.

MW: Sim, as três mulheres se atiraram contra o dogma patriarcal, e rejeitaram-no assim como rejeitaram a religião convencional porque para elas eram coisas mortas. Elas perceberam de que modo a burocracia patriarcal dominava suas experiências religiosas, então se afasta-

ram da igreja, mas a realidade por trás do dogma ainda está em seus ossos, e veio através de seus sonhos de maneiras totalmente diferentes.

CB: Elas descobriram o verdadeiro significado do símbolo para si próprias.

MW: E seus verdadeiros sentimentos. Penso que o sentimento seja crucial. Se um símbolo não está ecoando dentro de seu corpo, de sua imaginação e de sua cabeça, não está funcionando para você. A personalidade toda — a emoção, a imaginação e o intelecto — está envolvida. Jung diz que você nunca pode realmente entender o símbolo. É um mistério. Como um diamante, você pode enxergar várias facetas, mas não consegue reduzi-lo a um ponto central. Não pode dizer: "Isto é exatamente o que ele significa", pois daí a dez anos ele pode reaparecer num sonho e seu corpo todo ecoará e então você dirá: "Oh, então é isso que ele quer dizer". E, então, mais dez anos depois, de novo ele aparece. Estou recentemente começando a entender sonhos que tive há vinte anos e ainda não sei completamente do que tratam.

CB: Em certos momentos, o sonho alimenta a pessoa, talvez naquela proporção em que ela pode ser alimentada.

MW: Exatamente. Os símbolos são significativos no nível em que você se encontra ao recebê-los e é por isso que eles têm capacidade de cura. A metáfora sai de dentro dos seus ossos; é orgânica no corpo. Ecoa e você se sente inteira. Às vezes, você acorda de um sonho e não tem a menor idéia do que significa aquela metáfora, mas se sente inteiro porque a emoção, a imaginação e o intelecto foram reunidos, mesmo que por um só momento. Essa experiência se torna decisiva porque você vivenciou a totalidade. É aí que a cura começa.

Para nós é importante estar em contato com nossos sonhos, porque a maioria de nós não tem modelos. Não sabemos o que o novo feminino virá a ser, não temos idéia do que é o novo masculino. Temos de nos fiar em nosso imaginário para nos guiar. Temos de ser capazes de nos imaginar indo além de onde estivemos, antes de podermos sequer pensar em chegar lá parecido com os atletas olímpicos de salto, que têm de se imaginar conseguindo passar por cima daquela barra lá no alto antes de seu corpo físico poder saltar com seu corpo imaginal. Se não conseguirem imaginar, não conseguem saltar. Devem se render à energia que ultrapassa seu esforço consciente.

CB: Como você trabalha com o corpo? Você usa diretamente as mãos nas sessões ou recomenda que as pessoas façam massagens ou dancem?

MW: Depende. Às vezes, trabalho na sessão. Outras vezes, peço ao analisando que recorra a um terapeuta corporal especializado. Uma boa parte do trabalho se dá nos *workshops* em que trabalhamos por duas horas por semana, num período de algumas semanas. Cada participante pratica também diariamente, sozinho, porque preciso que ele se mantenha no processo e que suavemente vá aprofundando o contato com o que está enterrado em sua musculatura: o medo crônico, o luto, a vergonha. O sofrimento abre para o luto do outro. O amor — uma pulsação na sala, um poder curador — flui livre.

Sempre começamos com a respiração, e passamos um terço da sessão relaxando. Relaxar é permitir que a respiração alcance até as camadas mais profundas do corpo. Quando este se encontra inteiramente relaxado, pode liberar respostas autênticas: de luto, terror e ira. Estamos tentando nos ligar às energias da sombra acorrentadas nos calabouços de nossos sonhos.

Nossa conexão com essas energias se dá de muitas e variadas maneiras. Por meio de imagens, por exemplo. Uso as imagens dos sonhos porque acredito que elas são um presente dado ao Si-mesmo. Por isso, concentrarmos a atenção nas imagens e deixamos que elas se encaminhem, no corpo, para onde quiserem ir, mudando do jeito que quiserem mudar. As transformações são o processo da cura.

Geralmente dançamos, mas sempre imbuídos da idéia de nos conectar com nosso cerne. Nada para se mostrar, ou por “malhar” e, embora não tenha nada contra “malhar”, se você está em sintonia com seu cerne, sua preparação corporal faz parte de sua totalidade de pessoa. A outra parte do nosso trabalho corporal envolve a voz. As mulheres, em particular, perderam suas vozes. Isso é verdadeiro, tanto metafórica como literalmente. A voz tende a sair da garganta porque temos medo de respirar mais fundo. Temos medo de encontrar a dor.

Nos meus *workshops* sempre trabalho com especialistas em corpo e voz, para quem as imagens oníricas são prioritárias. Tentamos soltar os músculos do torso, da garganta e do quadril para permitir que a voz venha de seu alicerce natural no corpo. É desse modo que os participantes aprendem o que é ter voz para expressar quem eles são. Isso leva anos, porque o medo e a raiva são muito grandes.

O corpo é o que nos torna humanos. Aqueles de nós que foram criados num mundo patriarcal tendem a se localizar em sua cabeça. Queremos nos manter no plano dos ideais. Queremos colocar o espírito adiante do corpo. Queremos viver fora das limitações desta pobre coisa estúpida que existe abaixo do pescoço e que não consegue, tonta, recusa a fazer o que queremos que ela faça. Tentamos empurrar para o fundo do corpo todas aquelas partes em nós de que não gostamos: nossa cobiça, nossa inveja, nossa luxúria. Toda a escuridão que não queremos

aceitar enfiamos dentro de nossos músculos, ossos e coração. Fingimos que não temos sombra e tentamos escapar saindo pela cabeça. Poderosas energias ficam aprisionadas dentro do corpo. Depois de algum tempo, elas se revoltam, geralmente, como doença.

Em determinadas ocasiões, as pessoas pintam uma imagem de seu corpo em termos de cor, e onde as áreas são pretas elas não conseguem visualizar nenhuma imagem. Coisas muito interessantes geralmente se passam nessas áreas. Assim que a pessoa coloca uma imagem ali, esta começa a se transformar. Flores se tornam dentes falsos, que se tornam flechas, e o processo da transformação prossegue incessantemente. A energia começa a se mover, a luz entra naquela parte. Não acho que tenhamos sequer começado a vislumbrar o poder das imagens no corpo.

CB: Mas o trabalho com as imagens pode ficar um pouco arriscado se a pessoa tentar impor determinada imagem à sua psique. Como quer ser mais saudável ou bem-sucedida, por exemplo, ela pode usar as imagens de maneira arquitetada, forçando a realidade a mudar.

MW: Essa não é a maneira feminina. O inconsciente tem tesouros que a consciência nem suspeita. Se você ficar com as suas imagens e deixar que elas se transformem do jeito que quiserem, irão exatamente para onde preciso que vão. Segundo a minha experiência, forçar uma imagem que não é sua não adianta em nada a cura porque você não estará se entregando.

Muitas pessoas, depois de um ataque do coração ou em meio a uma crise que coloca sua vida em risco, aprendem a arte feminina de se render a um poder que não conseguem intelectualmente compreender. É isso que cada uma das mulheres nesse livro descobriu.

CB: Como se entregar aos processos naturais? Aos processos vitais?

MW: O que eu chamaria de processos arquetípicos, de processos criativos na matriz do inconsciente. A matriz criativa é um abismo aterrorizante porque contém tanto demônios quanto anjos. Algumas pessoas ficam possuídas pelos demônios do passado; acho que, em alguma medida, todos ficamos. Mas essa matriz é onde as novas sementes também estão. Quando a vida se torna tediosa e seu trabalho não o excita mais e seu casamento está longe de ser satisfatório, você tem de encontrar uma nova vida, e isso significa mergulhar nessa matriz. Freqüentemente parece uma depressão. No princípio é preto, porque você está num útero psíquico. É aterrorizante. Algumas pessoas não suportam. Mas todo artista sabe que é aí que é preciso chegar para ser possível encontrar uma nova luz.

CB: Você já experimentou isso?

MW: Várias vezes. Penso que acontece em ciclos. Você entra na nova vida e, durante anos, é tremendamente excitante. Depois, de uma hora para outra, não tem mais o menor interesse. Acho que muitas pessoas estressam por esse motivo: ficam tentando fazer aquilo que lhes era interessante há doze anos. Começam a correr cada vez mais rápido, pensando que seguramente será interessante, mas não. Estão correndo como bonecas de plástico. Ouvi o relato de sonhos nos quais a Grande Mãe vem, pega na mão da boneca, e a energia de sua mão apaga a boneca. A imagem se desintegra. Então o Eu tem de descobrir qual é a nova vida. Isso pode custar um casamento, o emprego, a igreja que você freqüenta. Eventualmente, você tem de desistir de tudo para encontrar tudo. Parece simples. T.S. Eliot diz que é "Uma condição de

simplicidade completa/(Custar não menos que absolutamente tudo)”.

CB: É aprender a domar a energia, a confiar nela quando, na verdade, tudo o que nos foi ensinado é mais sólido, mais arquitetado.

MW: Um produto.

CB: Sim, um produto, não um processo. Não penso que seja mais sólido só porque a maioria das pessoas se agarra a ele. Elas acham que sua segurança está em sua casa, em suas roupas, em seu emprego ou dinheiro. Subitamente, não conseguem sentir segurança nesses objetos concretos. Onde você tenta encontrar a segurança se não tem mundo *interno*? Quero dizer, assim que você confia no mundo interno, ele é lido porque lhe confere sua autenticidade. Assim que você conseguir confiar nos sonhos, por exemplo, como ter um leme no barco — aqui penso no inconsciente como o mar — e os sonhos corrigirão a atitude consciente com cada vez mais sutileza.

CB: Se você lhes der ouvidos.

MW: Se ouvi-los. Caso não, sairá do rumo. As pessoas que estão habituadas a ouvir seu mundo interior se sentem perdidas sem sonhos. Não sabem como funcionar. Às vezes, ficam por demais esgotadas para recordar-se dos sonhos. Não ficam de manhã na cama dando um tempo até o sonho lhes ocorrer, ou estão cansadas demais para anotá-lo no meio da noite. Toda a sua energia está indo para sua vida consciente e não há tempo para dar uma caminhada, o que irá reativar a natureza no corpo e, portanto, reativará os sonhos.

CB: O incesto é um dos temas principais do conto de fadas “Allerleirauh”, e na história de Kate. Mas, ao con-

cluir esse capítulo, você fala extensamente do incesto psíquico — que chamou de “ligação não delimitada” — em que os pais, em vez de servirem de espelho para os filhos, usam-nos como espelhos para si mesmos. Você diz que a maioria das pessoas não se dá conta do quanto o incesto psíquico é comprometedor.

MW: Tenho a mais profunda simpatia pelas pessoas que sofreram abusos físicos, mas estou cada vez mais atestando os efeitos do abuso psíquico nas pessoas que foram “entorpecidas” por traumas psíquicos. Elas não conseguem tomar as rédeas de sua própria vida nas mãos porque uma parede as impede de ter acesso ao seu mundo interior. Elas perderam a fonte de sua autenticidade.

CB: Kate descreve sucintamente o resultado psicológico do abuso físico quando ela diz: “Não podia suportar a idéia de que meu irmão me faria algum mal. Portanto, achei que eu devia ter feito alguma coisa errada para merecer aquilo”.

MW: Isso também se aplica ao incesto psíquico. As crianças chegam à noção de que existe algo de errado nelas, que, de alguma forma, elas magoaram os pais, irmãos mais velhos, irmãs ou professoras, e que portanto merecem ser tratadas como se sua própria identidade não existisse.

Isso é muito comum em mulheres. Se as meninas são consideradas cidadãs de segunda categoria, então, inconscientemente, elas sentem que merecem ser tratadas dessa maneira. Muitas mulheres tratam outras mulheres assim. Não confiam nelas. Elas extraem sua auto-estima dos homens. Não sentem auto-estima quando são amadas por mulheres. Essa é uma das mais tristes repercussões do pensamento patriarcal.

CB: As pessoas que sofreram abusos, tanto sexuais como surras, reprimem às vezes essa lembrança. Mas no caso do incesto psíquico é diferente porque não foi realizado nenhum ato contra elas. A hostilidade ou crueldade está toda sob a superfície. Não será um pouco mais difícil de identificar esse trauma devido a isso?

MW: É mais difícil de identificar por causa de nossas atitudes culturais. Quando somos crianças, aceitamos como normal a realidade em que somos criadas. Pode ter sido considerado natural nesse ambiente que as mulheres devem servir os homens, que, de alguma forma, o feminino é um pouco estúpido, ilógico ou ingênuo. Se um membro da família era viciado, todos fingiam que isso não estava acontecendo. Todos calavam o bico. Se foi assim que nossa vida se estruturou, há uma terrível tendência a aceitar que a vida seja assim. Mas a vida não é assim. Temos de manter sempre em nossa lembrança que existem outras maneiras.

Agora, voltamos ao corpo. Se existe uma voz nas células de seu corpo dizendo que a matéria — a mãe, o feminino — é menos que o espírito — o pai, o masculino — ou se, na estrutura da família, mesmo que num plano inconsciente, as mulheres são consideradas depois dos homens, essas mensagens estão nas células dos membros dessa família. As pessoas podem então sonhar que estão carregando a bagagem dos pais, vestindo a roupa deles, ou seus óculos. Inconscientemente, elas estão carregando uma bagagem obsoleta. Nunca conseguirão passar para um novo país com um tal lastro que melhor faria se fosse para o lixo.

CB: Claro que isso é diferente do incesto físico, não é? Carregar o sistema de valores de seus pais não é o mesmo que ser violentado física e emocionalmente?

MW: É diferente, mas ainda assim pode destruir a pessoa. Se seus pais viviam um casamento que os destruía,

você provavelmente entrará num casamento como o de seus pais. Você pode acabar emaranhada nas mesmas armadilhas que eles, se não acordar.

Estou falando de viver a sua própria vida. Você é uma alma individual. Tem o direito de viver sua própria singularidade, de viver o mais plenamente que puder. Mas não poderá fazer isso se estiver carregando feridas do incesto psíquico. Ora, não há dúvida de que se houve o incesto físico, o corpo ficará marcado de maneiras que não ocorrem quando há o incesto psíquico. Mas acho que a maior parte de nós tem um imenso trabalho a fazer com o desespero, o terror e a ira entranhados em nossas células em decorrência das marcas do incesto psíquico.

CB: No livro, você enfatiza que Jung disse que ansiamos por nos unir a nossas mães e pais. Sem o tabu do incesto, estariamos inclinados a ficar com a mamãe e o papai, física e psicologicamente. O tabu cria um limite contra isso, forçando uma separação.

MW: Sim. Por esse prisma, o tabu do incesto é o início da consciência. Não podemos voltar ao nosso pai e mãe pessoais. Esse é o ponto central do livro: como cidadãos desse planeta, estamos sendo desafiados a encontrar um novo modo de nos relacionar com nossos pais arquetípicos: Deus e Deusa. Novas imagens, novas respostas, novas energias. Estamos tendo de ingressar de vez na idade adulta. Isso significa deixar para trás o incesto psíquico.

O que me encantou no trabalho com esse livro foi perceber que, ao deixar para trás as velhas atitudes e convenções patriarcais, emergiu uma nova vitalidade com respeito à Mãe: amor por Ela, amor pelos outros, amor pelo planeta. Com essa energia — o amor-energia — vem uma masculinidade que está determinada a proteger o feminino. Esse é um novo masculino — uma fonte de luz muito forte, de incrível poder de discernimento, de discri-

minação, que fortalece o feminino. As duas energias trabalham juntas e tornam a vida um direito de nascença.

É disso que trata *Leaving my Father's House*: de encontrar um cerne interior que valorize a vida, que nos leve a ela, que não nos faça mais recuar diante dela. Valorizar inclui sofrer, mas um sofrer que nos abra para o amor.

CB: Você menciona o sofrimento, no seu livro. Você disse que a consciência requer sofrer. O que significa isso?

MW: Usemos o vício de comer como exemplo. Uma mulher viciada em comida sabe que seu corpo não revela a beleza de sua alma. Quanto mais ela tenta escapar da armadilha (o corpo), mais cruelmente ela é aprisionada.

Se a consciência irromper, ela talvez pense: "Quero que minha alma e meu corpo sejam um só". Isso quer dizer que quando sua mão estiver abrindo a porta da geladeira, a consciência entra em cena e diz: "Você não está sentindo fome disso que está dentro. Tire a mão da porta da geladeira. Não a abra! Saia andando da cozinha, apague a luz e vá dançar ao som de Chopin. Sinta sua dor. Viva-a. Não tente sufocá-la". Isso pode parecer pouco, mas, se você é viciada, tirar a mão da porta da geladeira dá a sensação de que é a morte. A criatura selvagem que existe em seu interior que não consegue tolerar a dor não tem interesse em Chopin. Recusar-se a dar-lhe comida desperta sua fúria ou seu desespero. Recanalizar essa energia requer uma disciplina consciente toda vez que o desejo de comer ameace tomar de assalto o Eu.

CB: Penso que a disciplina seja uma parte necessária do processo.

MW: Disciplina é uma palavra ruim em nossa cultura. As pessoas associam-na a ter de fazer o que lhe manda-

rem. Mas, na verdade, disciplina é uma palavra muito querida. Tem a mesma raiz de discípulo e quer dizer se enxergar pelos olhos do mestre que o ama. Temos esse mestre dentro de nós; temos também o animal selvagem que precisa ser disciplinado com amor. Precisamos de toda a sua energia instintiva e sabedoria.

CB: No fundo é isso, não é?

MW: Sim, permitir-nos expressar nosso pleno espírito sem pervertê-lo. Dar-lhe sua liberdade para ser o que é, sem usar o chicote.

CB: Que bela imagem.

MW: Sim. Vivemos com essa energia de modo bruto fervendo subliminarmente. Precisamos condiz-la para a vida em vez de a uma morte prematura.

CB: Uma última questão. Você mencionou tirar férias. Agora que seu novo livro saiu, o que você vai fazer?

MW: Quero mergulhar de novo, por algum tempo, em minha própria matriz criativa. No ano passado entrei em contato com dimensões de uma profundidade que necessito honrar.

Há um ponto em que fica na hora de apenas *ser*, sem prazos, ou correrias para pegar aviões, ou revisando as notas de uma palestra, só vivendo a vida tal como ela lhe vem, e focalizando a atenção na viagem interior.

CB: Isso se chama aposentar-se?

MW: Aposentar-me? Eu? Não consigo me imaginar aposentando-me. Não. O mundo interior não é menos incendiário que o externo. Quero mergulhar nesse meu fogo, em novas imagens, numa sintonia mais fina. Será um imenso alívio quando a pressão de fora for retirada. Es-

tou cansada de pressão. É contra o feminino. Existe um perigo em se entrar no mundo e deixar a vida para trás. Quero viver cada dia do jeito que me aparecer. Detesto essa história de estar toda esquematizada com dois ou três anos de antecedência. Sim, é necessário que nos organizemos no mundo externo, mas neste exato momento a minha alma precisa ficar tão solta quanto a borboleta de Blake:

*He who binds himself a joy
Does the winged life destroy;
But he who kisses the joy as it flies
Lives in eternity's sun rise.**

*Aquele que quer controlar a alegria/Destrói a vida alada; Mas quem beija a alegria que esvoaça/Esse vive na aurora da eternidade. (NT)

O PAPEL DO FEMININO NA NOVA ERA*

Marion Woodman

Embora na tradição semita a religião seja essencialmente patriarcal — Deus, como pai, dirigindo-se a seu povo mediante uma gradual exposição de sua vontade através de uma linhagem de profetas homens que incluem Moisés, Jesus, Maomé e Bahá'u'llah — o feminino, conquanto subordinado, não deixa de desempenhar um poderoso papel. Quando a Bíblia fala de um povo escolhido, tem em mente uma semente escolhida, numa referência ao poder impregnador do masculino que diz diretamente respeito ao Velho Testamento, aos testículos de Abraão como pai de muitas nações. É o homem impregnador mais do que a mulher impregnada que recebe a prioridade. No entanto, um querer o outro, a mulher na qualidade de vaso da criação que recebe em seu útero a semente impregnadora do homem; os dois se tornam um. Essa união acentuada no sacramento cristão do matrimônio, em que homem e mulher se tornam um só corpo.

Ao mesmo tempo, contudo, há no livro do Gênesis a ambivalente figura de Eva como consorte de Adão. Seu curioso alinhamento com a serpente que a tenta a comer

*Apresentado no International Bahá'i Congress, em London, Ontário, em 1988. Reimpresso do *The Journal of Bahá'i Studies*, vol. 2, nº 1 (1989). Copyright (C) 1989, Association for Bahá'i Studies. Todos os direitos reservados.

do fruto proibido e, assim, dá início, ao que no cristianismo é designado como o Pecado Original ou a Queda do Homem. Contra essa figura de Eva, como se para redimir-la de seu estado impuro, destaca-se no Novo Testamento a misteriosa figura de Maria como mãe de Jesus, que embora esposa de José, engravida alhures. No comovedor relato de sua provação, que a colocava numa situação potencialmente perigosa em relação à sua sociedade — que poderia apedrejá-la até a morte por adultério — ela é considerada uma virgem impregnada não pelo marido, mas pelo Espírito Santo, cuja divina interferência é anunciada pelo arcanjo Gabriel.

Embora o Corão rejeite especificamente a doutrina cristã da Encarnação — de que Maria é a mãe de Deus — nem por isso deixa de afirmar sua virgindade, descrevendo em mais de um dos *súrihs* a visitação do arcanjo Gabriel. Se Maria, no Novo Testamento, é a segunda Eva, Cristo é o segundo Adão. Tal como Adão e Eva que, em seu relacionamento, concretizam a expulsão do Paraíso, dando assim início à evolução ao terrestre da humanidade, Maria e seu filho, por meio de seu relacionamento, concretizam o retorno ao Éden. Disso decorre, especialmente nas Igrejas de Roma, da Grécia e da Rússia, a veneração dedicada à Virgem Maria que a torna, na qualidade de intercessora e redentora, quase igual a Cristo. Há muito tempo que se acredita que, assim como Cristo, ela ascendeu corporalmente ao céu e, na Bula Papal de 1950, a *Assumptio Maria* [Assunção de Maria] foi declarada dogma da Igreja. Dessa maneira, pela porta de trás em vez de pela da frente, o feminino acabou assumindo, dentro do cristianismo católico, uma significação praticamente igual do masculino. A Igreja, como Santa Madre Igreja, pratica seus sacramentos por meio de seus sacerdotes ungidos, sacerdotes que, nesse sentido particular, são seus filhos.

No Islã, o feminino encontrou em Fátima uma espécie de veneração que é quase tão significativa quanto a dedicada a Maria, no cristianismo. Fátima era filha de Maomé, dada em casamento ao primo de seu pai, ‘Alí, designado por Maomé como o primeiro Imã, cuja função era iniciar os crentes nos mistérios das revelações dos profetas, particularmente a revelação de Maomé no Corão. Do útero de Fátima vieram o segundo e o terceiro Imãs Hasan e Imã Husain. Portanto, ela é a mãe dos Imãs, e especialmente no Islã xiita, ela é venerada como a mãe dos Imãs. Seu útero é sagrado como o útero de Maria, por causa do que saiu dele. Seu corpo também é venerado como um corpo sagrado, e o sinal de sua sacralidade é o véu que usa. Como o Islã era essencialmente uma teocracia, não era feita nenhuma distinção entre os dois reinos do céu e da terra, ou entre o secular e o espiritual, no Irã, em que a maioria dos Shi’ahs habita, o corpo sagrado de Fátima se tornou identificado com o solo sagrado do Irã. Seu corpo foi descrito no sentido místico de terra celestial.

Não podemos começar a entender a revolução xiita comandada por Khomeini, ou seus sucessores, a menos que compreendamos a veneração dedicada a Fátima. A invasão do materialismo ocidental epitomizada pelos Estados Unidos era vista por Khomeini e seus seguidores como o dilacerar do véu de Fátima e o estupro de seu sagrado corpo. Por essa razão, os Estados Unidos são descritos como o grande Satã cujo estupro do solo sagrado do Irã (estupro que havia tido o beneplácito do último Xá) não pode continuar sem punição. Parece que até que o Irã re-cupere certa medida da pureza medieval imaginada, a revolução não estará completa.

Uma das crenças principais dos xiitas a respeito de Fátima que, com o reaparecimento do Décimo-Segundo ou Imã Oculto, o Imã Mihdi, Fátima aparecerá desvelada, como sinal de seu retorno no dia da ressurreição. Seu

desvelamento será como o rompimento de um lacre, identificado por Maomé, como o selo dos profetas. Com esse desvelamento, Fátima tornar-se-á a noiva da festa de casamento, descrita por Bahá'u'lláh em uma de suas Tábuas como o rompimento do lacre do vinho da reunião.

Houve em 1848, em Badasht, uma conferência de Bábís, presidida por Bahá'u'lláhh. O propósito dessa conferência foi assistir os Bábís em seu desmame do Islã xiita para que estabelecessem a religião Bábí como uma revelação independente. Presente a essa conferência estava a querida Táhirih, uma das maiores poetisas da Pérsia, e o apaixonado Queddús, ambos Letras dos Vivos que mais tarde morreriam como verdadeiros mártires. A cada dia um dos aspectos essenciais da religião Bábí que demonstrava sua independência era isolado para ser considerado individualmente. Num desses dias, o mais ousado desses aspectos foi formal e dramaticamente enunciado. Táhirih apareceu em meio aos presentes sem seu véu, o que anunciava com audácia o desvelamento de Fátima que proclamava o aparecimento do Imã Oculto.

O choque de ver Táhirih desvelada foi tamanho que alguns dos Bábís não conseguiram aceitá-lo e não puderam assumir todas as implicações da revelação do Bábí. Aliás, um Bábí, totalmente indignado pelo que considerava o comportamento blasfemo de Táhirih, cortou a própria garganta. Sob a direta proteção de Bahá'u'lláh, Táhirih foi levada embora da conferência ao seu término. Depois, foi submetida a prisão domiciliar pelos xiitas e finalmente conheceu seu martírio ao se estrangular com o lenço de seda que havia cuidadosamente reservado para essa ocasião sagrada, que descreveu como sua união com seu Bem-Amado.

No martírio de Táhirih pode ser visto emergindo na religião Bábí (e também através de Bahá'u'lláh na religião Bahá'í) o significativo papel que o feminino, a des-

peito da poderosa ênfase patriarcal, sempre teve na tradição semita. Táhirih representa, tanto quanto qualquer mulher, o papel do feminino da nova era. Ela era uma Letra dos Vivos, a única Letra feminina dos Vivos, uma das maiores poetisas da Pérsia na tradição de Rúmi e, em sua audaz declaração da verdade do novo dia, ela escolheu — talvez instigada por Bahá'u'lláh — declarar esse novo dia afirmando, sem reservas, a realidade do feminino.

Certamente não é desprovido de significado que no despertar de Bahá'u'lláh para sua dimensão maior como profeta do novo dia, Ele tenha sido identificado por uma virgem visionária, descrita por Ele como a Virgem Celestial que se dirigia a Ele como a Pena Mais Exaltada. Embora seja fácil igualar essa Virgem Celestial figura de Fátima, desvelada a Bahá'u'lláh e, por meio Dele, ao mundo — o rompimento do lacre do vinho da reunião — talvez seja igualmente importante reconhecer o fato de que, desde tempos imemoriais, a inspiração nesse nível tem sido identificada com a musa feminina. Milton, por exemplo, ao escrever o grande épico da língua inglesa *O paraíso perdido*, descrevia uma figura feminina que ele chamava de Urânia e que lhe ditava, à noite, enquanto ele dormia, seus “versos não premeditados” (Livro 9, 24).

Na psicologia junguiana, falamos desse feminino interior como a *anima*, que é a palavra em latim para alma. A tragédia e o perigo de uma sociedade patriarcal ela muitas vezes sofrerá as conseqüências de deixar a alma feminina, tanto em homens como em mulheres, num estado de abandono e repressão. Sempre que isso acontece, o Eu, não é trabalhado nem desenvolvido pela interação com o feminino interior, funciona num nível brutal e bárbaro e mede sua força, paradoxalmente, pelo seu poder de destruir em nome de algum ideal inumano.

O desvelamento de Táhirih, no Irã, em 1848, tem um paralelo no desvelamento das freiras cristãs atuais, e

nos sonhos de incontáveis mulheres da década de 1980. Uma destas, por exemplo, sonhou que estava usando seu vestido de noiva pronta para ir ao encontro do noivo. De repente, ela toma consciência de alguma interferência provocada por algo que ela não levara em conta. No sonho ela ouve uma voz lhe dizendo que deve fazer as pazes com sua irmã, uma mulher que, na realidade, tinha desafiado o pai de ambas ao fugir para se casar com um homem, embora tendo tido um colapso nervoso por causa disso. Uma forte voz feminina fala para a sonhadora que ela deve usar o véu com um adorno de cabeça como o de Maria, Rainha da Escócia, e que sua testa tem de permanecer coberta ou seu olho espiritual sofrerá danos irreparáveis.

Esses três temas, o véu, a irmã-sombra sob o poder do velho pai, e a necessidade de proteger o olho espiritual, são característicos dos sonhos das mulheres modernas, e, portanto, pode-se presumir que contém tanto uma significação pessoal como transpessoal. Dado que os sonhos são conteúdos do inconsciente, que sempre está adiante da consciência, esses sonhos sugerem um impulso do inconsciente rumo a uma nova maneira de enxergar, mas que deve ser integrada a cada passo. Esses sonhos tornam claro que a mulher não irá ao casamento que esperava — união do masculino com o feminino numa só carne. Tampouco ela está pronta para o novo casamento porque um lado de seu eu feminino ainda continua cativo do velho pai, ainda muito frágil, pois, embora ela tenha a força necessária a desafiá-lo em sua noção rígida e obsoleta do que seria o destino dela, ela não tem a força de que precisa para defender sua verdade, tal como Táhirih diante da sua.

Além do mais, ela deve permanecer resguardada por trás do véu, ainda não preparada para dar o passo à frente, como Táhirih pôde, com a ajuda do Bahá'u'lláh, na

conferência de Badasht. Esse apoio, de quem era o presidente da conferência, deu-lhe forças. A mulher, no sonho, advertida de que seu olho espiritual ainda não está forte o bastante para ver o que é preciso ser visto antes de poder ousar retirar o véu. Sua espiritualidade ainda é muito vulnerável às antigas coreografias, às velhas críticas, às pedras que lhe serão dirigidas caso ouse falar o que sabe para ser sua própria verdade. Pode-se amplificar um pouco mais esse sonho mencionando a situação real que envolveu Maria, Rainha dos Escoceses, e sua prima, Elizabeth. Acossada pelas intrigas e pelos romances que mantinha com os homens que viviam à sua volta, Maria depositou toda a sua confiança na Rainha Virgem e pagou por sua ingenuidade com a vida. Embora Elizabeth se chamassem de a Rainha Virgem, sua virgindade nascia de uma consciência masculina que se orgulhava de estar no poder, não de sentir amor. Sua virgindade não tinha nada a ver com a receptividade da consciência feminina, aberta à impregnação do Espírito Santo.

No caso da mulher que não integrou a sua própria feminilidade, não buscou em sua interioridade sua própria irmã-sombra que ainda se valoriza de acordo com as leis do velho patriarcado (nos contos de fadas, o velho rei), ela se coloca numa posição muito perigosa se retirar precocemente o véu. A tragédia decorrente fica clara na vida de muitas freiras que removeram seus véus, perderam a segurança do convento e se encontraram incapazes de lidar com o mundo sexual, materialista e brutal que não entendem, flutuando entre sua liberdade aos olhos de Deus e seu cativeiro à culpa e ao medo. Fica igualmente clara na vida de um sem-número de mulheres que anseiam por descartar os véus de seu casamento aprisionante com um pai-marido a quem um dia prometeram amar, honrar e obedecer, apenas para perceber de que não têm a força interior, nem um conhecimento fun-

damental do mercado de trabalho, necessários a sobreviver, quanto mais a viver em liberdade. Essas mulheres têm mais medo da liberdade do que da prisão porque, embora estejam vendo com novos olhos, não vivem o casamento interior que lhes daria a força para defender sua própria verdade virgem, aquela força que lhes permitiria dizer “É assim que eu sou”. Ao defender sua verdade, Táhirih deixou seu marido.

Num outro sonho, uma mulher que vinha trabalhando intensamente para entrar em contato com sua própria feminilidade, recebeu uma mensagem numa tábua de argila, escrita em letras bem desenhadas, enviada por uma adolescente consciente. Ela achava que tinha perdido o contato com sua própria alma por volta da puberdade. A mensagem dizia: “Nem sou muito de enxergar através do véu, nem de confeccioná-lo em seda. Amo você”. A sonhadora, uma mulher de meia-idade, ficou profundamente comovida pela franqueza da mensagem, pela honestidade que dizia: “Não entendo” e acrescentava, rapidamente “Amo você”, como se dissesse: “Não me deixe aqui nesta escuridão”.

Na realidade, essa mulher vinha meditando, diariamente, sobre o significado da alma na matéria, sobre a energia que pode permear a carne, a flor, o peixe e tudo o mais. Antes, ela havia sonhado que encontrara uma velha que lhe dava seu óleo para que o esfregasse no corpo e, enquanto ela o fazia, sentia o movimento da luz por todas as moléculas de sua pessoa até que seu corpo todo era uma só essência viva por meio da qual ela podia perceber a essência da tulipa em sua escrivaninha, da árvore do lado de fora da janela, da música do cardeal que estava no galho. Essa percepção ficou com ela e a fez chorar pela devastação do planeta em que vivia. Levou-a a chorar também pela devastação do corpo humano em nossa cultura, pela profanação do templo do Espírito Santo.

No sonho da tábua de argila, ela sentiu que seu próprio jovem eu feminino estava tentando lidar com as ilusões que bloqueavam sua visão da realidade. A confecção em seda, como no uso do lenço de seda por Táhirih, provavelmente tinha alguma ligação com a transformação de suas conclusões equivocadas, com o corpo denso se tornando corpo sutil, fazendo com que o denso corpóreo ficasse transparente, translúcido, para se poder ver através dele, além dele. Ou talvez, pelo outro lado, o jovem feminino, a alma que percebe do outro lado do véu, sem entender muito os problemas do corpo preso nas ilusões, nem a percepção do corpo como nada menos do que a mais fina seda. Talvez a confirmação do amor seja o encorajamento para um Eu ainda lutando para se libertar e adotar uma nova religiosidade.

Essa adoração nada tem a ver com as imagens profanas do desvelamento; nada tem a ver com a assim-chamada liberdade de exibir o corpo em biquínis. Não que eu tenha alguma coisa contra biquínis, mas fazer dietas para caber num é a visão que um imenso número de mulheres tem do seu desvelamento. Este é, na verdade, um evento espiritual, o desvelamento da alma que reconhece a sacralidade da matéria em união com a sacralidade do espírito.

Embora a comparação do desvelamento de Táhirih com os sonhos de mulheres modernas possa parecer muita elucubração demais, estou propondo essa comparação no esforço de honrar Táhirih como um exemplo de uma renovada consciência feminina, crucial nova era, mas também de acentuar a universalidade do feminino que atravessa todas as fronteiras culturais e religiosas para afirmar à sua própria maneira que a humanidade é uma.

E, agora, concluindo, talvez a mais linda descrição do desvelamento epitomizado por Táhirih pode ser encontrada no drama rico de Shelley *Prometeu Desacorrentado*,

escrito em 1819, numa época em que na Pérsia a escola do xeique Ahmad estava preparando muitos muçulmanos para a vinda do Imã Oculto. Nessa peça de Shelley, Asia, a alma feminina de Prometeu, acabou de soltá-lo de seus grilhões e de sua limitada consciência, levando-o a um reconhecimento de si mesmo como o inaugrador de uma nova era. A irmã de Asia fala com ela:

Como mudaste! Não ouso olhar-te;
Sinto, mas te vejo. Mal tolero
A radiosidade de tua beleza. Alguma boa mudança
Está se dando nos elementos, que sofrem
Tua presença assim desvelada. (2.5.16-20)

A presença desvelada de Asia lembra sua irmã do nascimento de Asia como Vênus, quando, como na pintura de Boticelli *O nascimento de Vênus*, ela se ergue em meio à concha raiada para simbolizar o nascimento do amor:

As Nereidas dizem
Que naquele dia quando o claro hialino
Fendeu-se para teu surgimento e tu te puseste em pé
Dentro de uma concha raiada...
(...)
... o amor, como a atmosfera
Do fogo do sol ocupando o mundo vivo,
Brotou de ti, e iluminou a terra e o céu
E o fundo do oceano e as cavernas escuras,
E tudo o mais que nestes habita... (2.5.20-30)

É essa irrupção do amor que ocupa o mundo vivo que talvez seja a melhor interpretação que se possa dar ao desvelamento de Táhirih e ao papel do feminino na nova era. Esse amor está presente na própria matéria assim como os raios do sol existem na atmosfera. Ele

permeia a matéria, tornando a própria Terra, na frase de Bahá'u'lláh: o “banquinho onde repousam os pés” de Deus (Gleanings 30).

Trabalhos citados

- Bahá'u'lláh. *Gleanings from the Writings of Bahá'u'lláh*. Trad. Shoghi Effendi. 2^a edição. Wilmette, IL, Bahá'í Publishing Trust, 1976.
- Milton, John. *Paradise Lost*. Ed. Scott Elledge. New York, Norton, 1975.
- Shelley, Percy Bysshe. *Prometheus Unbound: The Text and the Drafts*. New Haven, CT, Yale University Press, 1968.

O POTENCIAL HUMANO POR MEIO DA DANÇA*

Marion Woodman

Ao ser convidada para falar neste Congresso senti uma genuína excitação. Alguém havia reconhecido minha paixão secreta. Todo dia, em minha sala de estar, danço a minha alegria, a minha angústia, os meus agradecimentos. Estou certa de que serei uma dançarina no céu. Ter sido reconhecida na Terra foi como voar em liberdade depois de ter estado na gaiola. Quando comecei a preparar minha fala, no entanto, minhas asas grudaram.

“Por que uma analista junguiana está falando para dançarinos?”, eu me perguntei.

E alguns de vocês podem estar se fazendo a mesma pergunta.

Bom, encontrei uma resposta. O que se encontra no centro do trabalho de vocês e do meu são as imagens. As imagens são a ponte entre a consciência e o inconsciente. Toda imagem poderosa é energizada por um precário equilíbrio de tensões que se entrecruzam num dado ponto, simultaneamente situado no tempo e fora dele. Ao dormir, sonhamos. Nossa natureza instintiva produz imagens que revelam nossa condição espiritual. Podemos estar correndo o mais depressa que conseguimos mas, apesar do imenso esforço, estamos só correndo em câma-

*Destinado ao Congresso de Dança (CORD), Toronto, julho de 1988.

ra lenta, sem sair do lugar. Uma imagem muito precisa de nossa vida agitada! Pense em Tatiana no *Onegin* de Kranko. Ela é uma mulher presa entre sua responsabilidade de esposa cumpridora dos deveres junto ao marido e sua responsabilidade mais profunda diante de si mesma como mulher apaixonada e ainda envolvida com um homem que a rejeitou.

Samuel Becket é um mestre na arte de criar a dança da vida no palco com os diálogos mais simples. Suas inesquecíveis imagens rasgam os véus até a verdade mais nua e crua. Em *Endgame*, por exemplo, o cego Hamm é o rei absoluto de seu reinado de oito metros quadrados, que governa desde sua cadeira de rodas, ridicularizando sarcasticamente seus velhos pais que mantém prisioneiros em latas de lixo ao seu lado, ao mesmo tempo em que tiraniza seu servo Clov, de quem é dependente. Com a mala pronta, Clov aparece no início da peça e no final, paralisado na soleira da porta, tentando ir embora, incapaz de fazê-lo. O impacto absoluto dessa imagem visual ecoa através do corpo, da mente e do coração, e nos sentimos nos equilibrando na cabeça de um alfinete entre o transitório e o eterno. Como escreve T.S. Eliot em *Four Quartets*:

Exceto pelo ponto, pelo ponto imóvel
Não existiria dança, e só existe a dança.

O ponto imóvel entre os dois mundos é o selo distintivo da grande arte, como o de uma vida que é verdadeiramente vivida.

Imagens inesquecíveis parecem simples porque são verdadeiras para a pessoa, diante de suas experiências pessoais. Não são simples, no entanto, porque evocam os mais profundos conflitos de vida e morte comuns a todos nós. Ecoam no mais íntimo e profundo de nós porque atinham as energias primordiais presentes em nosso inconsciente.

ciente. Essas energias Jung chamou de arquétipos. Ele acreditava que

sua origem só pode ser explicada presumindo que são depósitos de experiências constantemente repetidas da humanidade... As imagens não contêm apenas todas as mais belas e melhores coisas que a humanidade já pensou e sentiu, mas também as piores infâmias e vilezas das quais o homem já foi capaz. Em virtude de sua energia específica — pois elas se comportam como centros autônomos altamente carregados de poder — exercem uma influência fascinante e possessiva sobre a mente consciente e podem induzir extensas alterações no indivíduo.**

Quero ilustrar esse comentário. Se eu colocar um pedaço de papel sobre um ímã, você não conseguirá moverlo. Mas se eu jogar limalha de ferro no papel, ela assumirá a forma determinada pelo ímã invisível. Metaforicamente, esses fiapinhos metálicos são as lembranças e associações pessoais atraídas até esse campo energético do ímã arquetípico, que é o elo universal. Não podemos ver o arquétipo, mas podemos ver a imagem arquetípica. O mundo eterno é revelado por meio das imagens pessoais. O atemporal, através do tempo. Assim, quando Macbeth ouve que o que resta de sua alma feminina está morto, ele chora e se lamenta dizendo: "É o fim desta breve vela" — e nossa alma treme diante da perspectiva de se perder em meio às trevas finais.

Embora a imagem contenha associações pessoais, o arquétipo é carregado de energia transpessoal. Todos nós temos nossa própria imagem da mãe, mas no cerne dela está a deusa universal em seus aspectos positivo e negativo. No positivo, ela é a que nutre, a que presta cuidados, a matriz criativa; no negativo, aquela que destrói, a bruxa má que extraí a vida de seus filhos e os transforma em pedra.

***Two Essays on Analytical Psychology*, CW 7, pars. 109-110.

As energias arquetípicas aparecem sob diferentes vestimentas tanto nas culturas antigas como nas modernas, no mundo todo. Conforme as culturas evoluem, suas imagens mudam, mas a energia magnética não muda. Shiva e Shakti, em sua união divina, por exemplo, constituem uma imagem que ainda nos mobiliza a buscar o par perfeito. Na pessoa inconsciente, o anseio por esse ideal pode ser tão arrebatador para o Eu que a pessoa se veja pulando de cama em cama na busca dessa perfeição eterna. Ifigênia, sacrificada pelo pai Agamênon, na antiga história grega, pode se apoderar de uma adolescente inconsciente que adora seu pai-mestre e se lhe sacrificará, em obediência a todas as possíveis distorções de sua feminilidade para agradá-lo. Gelsey Kirkland praticamente perdeu sua vida na adoração que dedicava a Balanchine: seu livro se chama *Dancing on My Grave* (Dançando no meu túmulo). Nijinsky abriu-se às energias arquetípicas que eletrizavam sua dança e ecoavam em todas as almas e vísceras das pessoas da platéia, mas não tinha um Eu forte o suficiente e sucumbiu à loucura.

As pessoas e as culturas ou se relacionam com seus deuses e deusas interiores de maneira consciente, ou são possuídas por eles, inconscientemente. Enquanto a consciência for forte o suficiente e disciplinada o bastante para se abrir a essa energia arquetípica, entrar no mundo eterno e voltar novamente à sua dimensão humana, ela cresce e se fortalece. Se, por outro lado, a consciência se isolar do mundo e com isso cessar o diálogo dos opositos, então as imagens arquetípicas se tornam estereótipos privados de vida, vasos vazios e obsoletos. Nesse caso, as energias arquetípicas se manifestam em condutas viadas e perversas. Quando a energia do arquétipo cessa de açãoar a consciência, tanto a vida da cultura como de cada indivíduo dentro dela se desintegram.

A dança é a imagem arquetípica. Sem palavras, sem argila, ou tintas, o corpo se torna a imagem. As culturas pré-hitóricas pintavam suas danças nas paredes das cavernas. Os aborígenes australianos dançam suas caçadas e batalhas, esperando atrair a atenção divina. Os índios Navajo e Hopi dançam sua dança da chuva e muitos de nós, nas antigas eras de secas devastadoras, dançamos essa dança ou a entendemos em nossos ossos. A batida regular ativa o sistema nervoso central que, por sua vez, libera o poder curador do inconsciente instintivo, geralmente acompanhado por uma imagem ou voz de cura.

Na dança profissional, podemos ver como as foguerias numinosas de um século se tornam lenha morta no seguinte. Os grandes dançarinos dos séculos XVII e XVIII, Gaetano Vestris e seu filho Auguste entre eles, ficaram famosos por sua elegância, poder, nobreza e presença. Depois vieram as revoluções francesa e americana e o romantismo. Foram constelados arquétipos diferentes. Com o suporte das sapatilhas de ponta dura, as dançarinhas ficaram mais leves, como bonequinhas de luxo sustentadas por seus musculosos pares masculinos. A Rússia se ateve à imagem da virilidade masculina e quando Sergei Diaghilev e os balés russos desembarcaram em Paris, Pavlova e Nijinsky estavam naquela magnífica trupe. Então mudaram as energias arquetípicas, dilacerando em grandes rasgos os diáfanos véus do romantismo. Em 1961, Rudolf Nureyev saiu do Balé Kirov em Paris e eletrizou o mundo ocidental com sua presença, tanto dentro como fora dos palcos. O arquétipo masculino regenerado recebeu outra transfusão de sangue quando, em 1971, Baryshnikov aportou no Ocidente. Desde então, as platéias não pensam mais em dança como um mundo descorporificado de bailarinas etéreas acolitadas por homens afeminados. Tampouco a cultura ocidental tem interesse nessa espécie de imagem.

Este rápido esboço histórico pode ajudar a esclarecer o poder que uma imagem arquetípica tem numa cultura. O romantismo foi uma tremenda sublevação de energias inconscientes e irracionais que destruíram a Idade da Razão oitocentista. *O lago dos cisnes* cria a imagem de um mundo enevoado, traiçoeiro, perigoso, como o do inconsciente, em que os homens tomam consciência de sua alma-guia, às vezes como Odila — o feminino etéreo e idealizado, desprovido de substância, e às vezes como Odete — a sedutora maliciosa pronta para atraí-lo a perder a vida. Esse balé continua popular à medida que essa cisão da feminilidade continua em vigor nos homens e ainda sem solução na maioria das mulheres. Na arte, como na vida, a matéria dá substância à alma. As imagens são as metáforas que tornam evidente, perante nossos olhos, nossa condição espiritual. Se forem apenas formas lindas, mas desconectadas dos instintos, são efeitos decorativos inertes, são afetações, não passam de tediosos estereótipos.

Sem uma linha direta até o nível arquetípico, as pessoas cedo ou tarde entram em depressão. A vida se torna bidimensional, uma rotina diária do moinho da existência. A criatividade seca porque a comunicação diária com a matriz criativa está encerrada. As idéias não são mais excitantes. O estilo que antes foi o vaso certo não passa de algo mecânico. Arquétipos tornaram-se estereótipos. A depressão resultante, se não for mascarada por pílulas nem por comportamentos viciados, leva-as até a morte do velho para poder criar espaço de nascimento para o novo. O parto é doloroso, mas uma parte natural da viagem de cada pessoa rumo à totalidade. Os artistas, sogem de cada pessoa rumo à totalidade. Os artistas, sobretudo, cuja energia está mais concentrada no inconsciente que na dimensão consciente, são as vozes do futuro. Eles estão em íntimo contato com a revolucionária armada do inconsciente que, com o tempo, destronará a

perspectiva consciente. Esse país pioneiro pode ser aterrorizante. Pode dar a sensação de ser a insanidade. A linha divisória entre o gênio e o louco não é uma sólida parede.

A ligação consciente-inconsciente apresenta problemas particulares para o dançarino porque o corpo é a alma em ação. O poeta T.S. Eliot, por exemplo, pode reconhecer-se produzindo "uma pilha de imagens quebradas". Pode permanecer invisível enquanto remete a um amigo essa pilha, a Ezra Pound, para que ele examine o trabalho e lhe dê uma forma que um dia será o revolucionário *The Waste Land*. O corpo torna visível a alma e os conflitos anímicos tornam-se conflitos corporais que ficam óbvios para todos os que assistem aos movimentos. Em boa parte do trabalho analítico, por exemplo, um paciente pode estar dizendo uma coisa enquanto seu corpo diz o oposto. Interrompendo a verborragia e deixando que o corpo se expresse, a alma abandonada pode revelar sua raiva e sua angústia reprimidas. A partir de meu trabalho com bailarinos, conheço a intensidade da luta existente entre a devoção a uma forma estética e os rumos da natureza. O corpo silfídico pode ser um vaso exótico, mas se for o resultado de prolongados períodos de fome forçada, as ligações com as profundidades arquetípicas acabarão com o tempo se perdendo porque os instintos terão sido traídos. Amar a disciplina é uma coisa; chicotear um animal para que se submeta é outra.

O problema do perfeito letal é um assassino na dança e na cultura. O vício da perfeição leva a um impulso compulsivo de controlar mais, possuir mais, exceder-se mais. O foco "mais, mais, mais" em uma só direção especializada não é natural à vida. Certamente é no mundo artístico que ele alcança exatamente o que muitos artistas querem: uma fuga da vida. Eles odeiam a feiúra, a guerra, o absurdo, o caos, a perda de controle. Como

Hamm, querem ser Deus em seu reino de oito por oito. Por isso investem toda a sua energia em consagrar sua vida a uma só experiência rígida e estreita, recontando a mesma velha história de sempre segundo estereótipos que já viraram suas próprias cinzas. Como Hamm, acabam cegos e aleijados, e como Clov, paralisados, tentando sair e incapazes de ir. O que não conseguem levar em conta é que são seres humanos que, como tudo o mais, vivem de acordo com leis básicas de equilibração.

Se nos encontramos dançando, por mais que lindamente, em torno de um buraco no centro, temos de reconhecer que essa cratera é vulcânica. A energia dos instintos rejeitados irá entrar em erupção dentro de algum tempo e nos informará, sem nenhuma dúvida, de que somos seres humanos. Essa erupção pode assumir a forma de um vício de jejuar, de usar drogas, fazer sexo, ou qualquer outra. Pode irromper como uma doença. Pode ser o corpo que, de repente, explode numa gargalhada: “Não serei mais chicoteado. Não passarei mais fome. Não serei forçado a fazer mais quando estiver esgotado. Tenho uma sabedoria própria e tentarei salvar meu corpo-alma”.

As dançarinas, particularmente, estão num verdadeiro momento de reviravolta em relação a seu corpo. Se percebem que sua auto-estima está na aprovação dos homens, precisam se dar conta de que a maioria destes está projetando nelas sua própria alma descorporificada, ou sua Mãe Terra. Nenhuma dessas projeções reconhece a mulher madura, corporal, que tem a coragem de ser quem é. E ser quem é envolve amar seu corpo, nutri-lo, honrar suas necessidades, celebrar-se como o templo de sua alma. Isso representa um conflito particular para a dançarina porque seu corpo é seu instrumento artístico, e — na qualidade de imagem para uma platéia moderna — precisa ser anorexicamente magro. As mulheres precisam pensar sobre essa imagem. Será que estamos inconscientemente nos

aliando às imagens de alma dos homens, almas que não querem estar aqui, almas sem substância que anseiam por voar e se perder num etéreo abandono. Qual o vaso correto para a mulher que vive em seu corpo? O profissional de dança desenvolve o corpo com uma paciência infinita e com muita disciplina física, para poder criar um vaso forte e flexível o bastante para receber a penetração da energia divina que provém do inconsciente. Em termos arquetípicos, a matéria feminina se abre para o espírito masculino. Por mais disciplinados que os músculos estejam, por mais perfeita que seja a técnica, sem a espontânea abertura para o poder transcendente a dança não tem vida. A forma não está plena de espírito.

Minha lembrança pessoal de Margot Fonteyn ilustra esse ponto. Em 1952, via-a na que deveria ter sido sua derradeira apresentação. Seus movimentos eram magistrais; a técnica, impecável. Mas ela não estava no movimento, não havia uma profunda ligação de alma que permitiria ao seu corpo transmitir a luz arquetípica. Ela era um diamante magnífico, brilhante, mas fria.

Em 1961, o jovem tártaro Nureyev chegou e uma nova Fonteyn nascia. Ele constelou a mais íntima ligação de alma e, com ele, a mulher e a dançarina tornaram-se uma só, não só em si mesma, mas com ele e a platéia. Eu estive em Covent Garden na primeira noite em que dançaram *Marguerite et Armand*, um balé criado por Fredrick Ashton para Nureyev. Os dois estavam totalmente concentrados. Então uma comoção silenciou a platéia: os dois corpos dançavam como um só. Alguma presença veio através deles e ocupou a platéia com o que só posso descrever como uma vivência mística de Deus. Quando terminou, houve um longo silêncio. Eles permaneceram tão imóveis quanto nós. Depois a audiência, lavada em lágrimas, arrebatada por aplausos, lançou-se pelos corredores em busca de flores nas jardineiras para arrancar e depois

lançar-lhes aos pés, no palco. Durante vinte minutos, Covent Garden se transformou numa nuvem de amarelo enquanto narcisos choviam de todos os andares do teatro. Fonteyn parecia uma pérola luminosa e Nureyev um homem, em cada milímetro, parte animal, parte divino. Naquela noite tinha nascido uma nova vida. O estereótipo que tinha sido tão mortalmente perfeito estava agora transbordando de uma nova e vital energia. Talvez o arquétipo do andrógino houvesse ali aspirado seu primeiro alento numa nova era.

De fato, pode o andrógino ser o arquétipo que está se esforçando para emergir em nossa cultura. A androginia não é unissex, pois aqui masculino e feminino perdem seus contornos e se fundem. Os pólos magnéticos devem ser diferenciados para que possam atrair-se um ao outro. O que é a masculinidade diferenciada? O que é a feminilidade diferenciada? De que maneira essas duas energias interagem e se equilibram uma à outra? O que é matéria consciente? De que maneira poderemos levá-la à condição de vaso forte o bastante para sustentar a penetração de energias tão imensas que não temos nem idéia do que sejam?

Nosso planeta está tão desproporcionalmente pensado para o lado do espírito desencarnado que a natureza está começando a se vingar. Como viciados, vamos cegamente em frente negando que estamos meticulosamente construindo nosso próprio extermínio. Na glotonaria de nosso medo, envenenamos nossa atmosfera, abatemos nossas florestas tropicais e permitimos que sejam extintos nossos magníficos animais.

Dançarinos, vocês são os sacerdotes e sacerdotisas do corpo-alma. Seu corpo fala a língua universal que pode ser entendida por todos os cidadãos de nosso planeta. Está encerrado o tempo dos estereótipos etéreos. Qual é o arquétipo que virá salvar nossa Terra?

ÍNDICE

- 5 Introdução à Coleção Amor e Psique
- 7 Introdução de Marion Woodman
- 14 Agradecimentos
- 15 1. **Anorexia, Bulimia e Vício**
The Tarrytown Letter (1985/86)
- 30 2. **Adorando as ilusões**
Parábola (1987)
- 51 3. **O objeto em análise**
Provincial Essays (1987)
- 62 4. **Vício e espiritualidade**
Family Secrets (1987)
- 80 5. **Curando pela metáfora**
Common Ground (1988)
- 85 6. **Conversa com Marion Woodman**
Heartwood (1988)
- 105 7. **Vício de perfeição**
Yoga Journal (1988)
- 127 8. **O feminino consciente**
Common Boundary (1989)
- 144 9. **Marion Woodman em perspectiva**
Hans Werner (1990)
- 151 10. **A energia da deusa está tentando nos salvar**
Venture Inward (1990)
- 164 11. **Viagem à feminilidade consciente**
East West (1990)
- 175 12. **Um encontro com Marion Woodman**
The San Francisco Jung Institute Library Journal
(1992)
- 204 13. **Com sua própria voz**
Common Boundary (1992)
Dois artigos de Marion Woodman:
- 227 14. **O papel do feminino na Nova Era**
Journal of Bahá'í Studies (1989)
- 238 15. **O potencial humano por meio da dança**
Congresso de dança (1988)

“A maioria das pessoas não alimenta suas almas porque não sabe como. A maioria de nós, nessa cultura, é filha de pais que, como o restante da sociedade, correm mais do que podem, tentando se segurar financeira e socialmente, e também de várias outras maneiras. Há uma compulsividade à qual a criança está exposta, mesmo desde seus tempos de útero. Freqüentemente, o genitor não é capaz de receber a alma da criança, seja qual for essa pequenina alma, ou porque não reserva nenhum tempo para receber ou porque não gosta do que a criança é... As crianças que não são amadas em seu próprio ser não sabem como se amar. Quando se tornam adultas, têm de aprender a alimentar sua criança perdida, a ser sua própria mãe.”

As entrevistas apresentadas neste livro mostram a singular perspectiva que Marion Woodman adota diante do feminino e de aspectos como a sexualidade, a criatividade, os relacionamentos, os vícios, os rituais de cura e o meio ambiente. De sua autoria, PAULUS publicou também *A virgem grávida: um processo de transformação psicológica*. A autora formou-se em 1979 no C.G. Jung Institute de Zurique e tem seu consultório particular em Toronto. É internacionalmente conhecida como palestrante e organizadora de workshops de consciência corporal.

*Amor
e
Psique*

ISBN 85-349-1882-1



9 788534 918824